

Na Terra Natal

— DE —

Costa Rego

DA ACADEMIA ALAGOANA DE LETRAS

Collectanea dos melhores discursos politicos e literarios do incisivo homem de letras e das suas mais altas inspirações como homem de governo no quadriennio estadual de 1924 | 28

INDICE:

Aos alagoanos do Recife—A revolta de São Paulo—Repressão aos bandidos—As administrações municipaes—A função do governo—A Paulo Affonso—Em Fernão Velho—No Lyceu Alagoano—Saudação ao Presidente Washington Luis—Após o attentado—No tumulo do Dr. Eugenio Soares—Resumo dos quatro annos—Palavras ao Congresso Legislativo—Na Academia Alagoana de Letras—No Tribunal Superior—Falando ao “Diario da Manhã”—Na Associação Commercial—O papel dos Partidos—Na terra natal—Revendo antigas affeições—Democrito Gracindo, orador—De volta á Camara.

Á venda em todas as livrarias de Maceió--4\$000

REVISTA DE ENSINO

Orgão Official

DO

Departamento Geral da Instrução Publica e da Sociedade Alagoana de Educação

PUBLICAÇÃO BIMENSAL

N.º 20 -- MARÇO -- ABRIL -- 1930

Assignatura annual.	24\$
semestral.	12\$
Numero avulso.	4\$

Imprensa Official

REDACÇÃO :

RUA DA BOA VISTA N. 184, 1.

MACEIO

ACADEMIA DE SCIÊNCIAS COMMERCIAES DE ALAGOAS

FUNDADA E MANTIDA PELA

Sociedade Perseverança e Auxilio dos Empregados no Commercio

Equiparada á sua congénere da Capital Federal pelo Decreto 4724 A, de 23 de Agosto de 1923

Prepara convenientemente os seus alumnos
para Contadores, Agentes consulares,
Peritos judicarios, Empregados de Fazenda,
de Bancos etc.

Mantém 3 cursos: Annexo ou de Preparatorio;
Geral ou de Contadores, e Superior
ou de Bachareis em Sciencias Commerciaes

Admitte alumnos LIVRES, independentes dos Cursos
Seriados, sem exame.

SUBMINISTRA CONVENIENTE INSTRUÇÃO TÉCNICA E LITTERARIA.
DISPÕE DE UMA BIBLIOTHECA DE 7000 VOLUMES

Director — DR. AUGUSTO GALVÃO
Secretario — AURYNO MACIEL

Séde: Rna 15 de Novembro, 418 — MACEIO

REVISTA DE ENSINO

Órgão Oficial do Departamento Geral da Instrução Pública e da Sociedade Alagoana de Educação

ANNO IV

Maceió, março — abril de 1930

N. 20

A ESCOLA ACTIVA (*)

Mercedes Dantas

directora do Instituto Profissional Ferreira Vianna — Districto Federal

(Inedita, para a "Revista de Ensino")

Exmo. Sr. Secretario dos Negocios do Interior.

Exmo. Sr. Director Geral da Instrução Publica.

Minhas collegas, minhas senhoras e meus senhores.

Neste momento, para mim de uma prodigiosa significação, quando vejo, em torno, as figuras mais expressivas do Estado e ouço, em torno, as vozes mais acatadas da sociedade, sinto que o Brasil do futuro vive em vós, nortistas; palpita em vós, em vós está. Porque a idéa que não perece, acabaes de desfraldar, como bandeira, com a vossa presença, a vossa palavra e a vossa acção.

O norte é a reserva social do Brasil.

Nelle revê-se a Patria. Para elle voltam-se os olhos daquelles que a acreditam grande, porque unida, renovada, consciente.

E eu vim, senhoras e senhores, como uma filha ansiosa de contemplar esses céos esplendidos e a terra amiga, ansiosa de auscultar a alma admiravel do nortista. E aqui estou nesta hora, com a saudação fraternal da Federação Nacional das Sociedades de Educação.

A Federação vos envia a palavra vehiculada de seu ideal educativo, constructor, coordenador e patriótico.

(*) Conferencia no Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, em 4 de abril, a convite da Sociedade Alagoana de Educação.

Senhores professores, todos somos das mesmas hostes pacificas do trabalho. Todos agimos, pensamos, lutamos pelo futuro, porque nosso pensamento, nossa acção, nosso vigor estão ou devem estar a serviço das novas gerações que nos substituirão, mais tarde. Educamo-las para a felicidade. Educamo-las para o serviço do pais. Educamo-las para de vez sairmos do "tempo em que eramos governados pelas trevas".

Se a poderosa força economica é a educação, como affirmou Ruy Barbosa, cabe-nos a responsabilidade de sermos os obreiros obscuros, embora, do progresso brasileiro.

E os factores desse progresso, que têm sido a incognita perseguida por politicos legisladores, idealistas e pedagogos, estão na organização do trabalho.

Hoje, esse postulado educativo tem a sagração das verdades incontestadas.

Corre o mundo. Apossa-se do mundo. Renova povos. Descobre novas verdades, novas bases educativas. E' a Escola Nova. E' a Escola Activa.

O estandarte da Humanidade nova é a Escola Activa. Ella rasga desconhecidos horizontes ao educador. E' a grande justiceira da criança. Une e integra e correlaciona a Vida á Escola. Termo recente de poucos annos que ensina que *Viver é conquistar*.

A Escola Activa foi chamada a principio, em 1914, por Ferrière, Es-

cola do Trabalho, que Pierre Bovet á frente de outros julgou má traducção do alemão: *Arbeitsschule*. "Terme peu heureux et trop imprecis" sentenciava M. Cellerier.

E' que a Escola do Trabalho dava a impressão de um systema de educação baseada no trabalho manual exclusivo e a Escola Activa considera a criança um organismo *activo* e se basea no principio nitidamente luminoso — o aproveitamento da sua actividade espontanea, productiva e individual.

Esse ideal vem de longe, do passado, com Montaigne, Locke, Pestalozzi, Ficht e Frobel. Genias intuitivos, precursores quase incompreendidos, que aos vindouros deixaram o exemplo de sua pertinace força de vontade na realização de seus objectivos, ou paginas impereciveis que ainda hoje inspiram os collaboradoes entusiastas de outra Humanidade nova e feliz.

A escola Activa é anti-intellectualista. Rasga programmas, rompe com a rotina, insurge-se contra horarios e formalismos.

Não veio *reformatar* a escola memorialista, vazia de ideas e fins immediatos, escola conservadora da obediencia da autoridade; impondo exames e diplomas, formando seres ou melhor, enformando seres sob medidas com a obrigação de saberem assim e de pensarem isso ou aquillo. Mas veio *transformar* a Escola que dahi por diante respeitará a liberdade da criança, suas tendencias, sua actividade manual e espiritual. O mestre deixará de ser, em geral, o cumplice dos paes na ingrata tarefa de matar energias latentes. A criança é dona de si mesma, praticando o *self-control* para bem servir a comunidade que a serve tambem.

A educação nova inverteu assim o principio de Gustavo Le Bon de "*faire passer le conscient dans l'inconscient*". Ella considera que a criança até a sua formação total "passa por uma serie de estados estaticos, mas de um dynamismo emanente" Synthese de um dos mais

interessantes pensamentos de Ferrière.

E', pois, *função* de individualidades. Não mecanismo, não intellectualismo, nem outros ismos modernos. Mas o espirito novo, radicalmente renovador que inicia a posse do mundo.

Como definir a criança diante desse principio integral de educação?

A psychologia experimental infantil veio provar que a criança não é um adulto incompleto ao qual se poderiam applicar os mesmos methodos indicados para o homem.

Ella é apenas isto: um *primitivo*, um equivalente ao selvagem.

Ja o psychologo americano Stanley Hall affirmava que "para vir a ser um bom civilizado é preciso ter sido, preliminarmente, como criança, um bom selvagem".

Eis, senhores, o principio que resume, numa linha, toda a philosophia em que se funda a verdade nova da Escola Activa.

Do contacto das cousas, a razão infantil se illumina e esclarece, sua intelligencia se desenvolve e apreende. Da actividade manual espontanea vem o raciocinio, a comprehensão. Do simples e tangivel vae a criança ter ao complexo e abstracto. Do movimento em torno do que vê, do que apalpa, do que observa, vêm os conhecimentos, as generalizações, as abstracções. Age, movimenta-se, observa, trabalha.

E a mão, que é o filão da intelligencia, pô-la-á do mundo objectivo para o mundo subjectivo. E ella, em frente das realidade poderosas da existencia, encontrará suas tendencias, aproveitará sua experiencia, comprehenderá o principio e o fim mysterioso do estagio terreno, formando praticamente o caracter que é, na opinião de Emerson, o capital essencial na "conducta da vida".

Compassemos pelo passado um olhar pesquisador. A Escola Activa, que adopta e pratica o mesmissimo methodo da madre Natureza, vem de J. J. Rousseau, um dos maiores ho-

mens de seu tempo, intuitivo pedagogo, que deixou no *Emile* as diretrizes maximas da educação nova.

A psychologia experimental que considera a criança uma planta, lá está em suas linhas. O toque clarinado á consciencia do homem para que comece por ser criança para não succumbir, lá está em sua primeira pagina: "*L'activité du corp qui cherche á se developper succède l'activité de l'esprit qui cherche á s'instruire*", diz elle.

Em torno das maiores revelações de Rousseau gira a Escola Activa — que seu illustre discipulo, o grande Pestalozzi, outro precursor, outro genio intuitivo, outro louco de seu tempo, procurou consagrar, no Instituto de Yverdon.

O que foi esse estabelecimento, fundado em 1804, está nas paginas de Jullien. "*Inteira liberdade no desenvolvimento das faculdades ou disposições naturaes e da individualidade de cada alumno*".

Cada tendencia livremente revelada pela criança era indicação imperativa para dirigi-la. A natureza era o proprio mestre, o unico mestre, que fazia de cada existencia um encadeamento de uteis occupaões.

Evidentemente, se fossemos analysar a obra de Pestalozzi com minucias, dessa culminancia historica que é o seculo xx, encontraríamos muita cousa inutil, hoje, arredada pelas contingencias modernas. Outras, porem, segundo Ferrière, em que me louvo numa citação de Kerschesteiner: "*il faut, á une idée juste, cent ans pour être decouverte, cent ans pour être comprise, cent ans encore pour être réalisée.*"

Rousseau e Pestalozzi felizmente deixaram discipulos.

A experiencia humana através das idades foi aperfeigoando o ideal educativo. Novas tentativas são feitas. Destaquemos, senhores, o famoso Orphanato de Cempuis, no Oise, França, criado por Paul Robin, em 1880 e que, lamentavelmente, ataques clericas lhe fizeram fechar as portas em 1894.

A escola de Cempuis praticava já, naquella epoca, a coeducação dos sexos, a economia familiar, a educação integral, enfim, concedendo Robin aos seus alumnos tres horas diarias de actividade facultativa. E a criança diante de sua propria vontade, agindo e trabalhando de accordo com suas tendencias naturaes, revelava, nessas horas inteiramente suas, as inclinações innatas que o mestre poderia modificar ou orientar.

Era o ensino pela acção, quase sem livros e sem horarios, a criança defronte do professor, não como elle desejava que o fosse, mas como naturalmente o era.

O primitivo de Stanley despertando á luz eterna da Natureza.

Senhoras e senhores, a Escola Activa é isso tudo. Ella já foi definida vinte vezes por pedagogos e vinte vezes posta em equação diante do primitivo.

A Escola Activa coordena a actividade espontanea da criança e suas manifestações normaes, affectivas, mentaes, interiores e exteriores. A vida e a escola! Sobre isso não ha desaccordos. As obras que tratam da sua comprehensão universal estão cheias de indicações, de explicações e de provas de varios methodos. Desta vez a pedra angular da educação humana parece ser uma esplendida realidade.

A ACTIVIDADE MANUAL DA ESCOLA ACTIVA

O professor deve ser o Amigo, a segurança da justiça, o refugio do conselho, o espelho da lealdade, o recurso do auxilio. O formalismo da escola tradicionalista que fazia do mestre o "primus inter pares" intangivel, impotente, o aliado dos paes na formação encommendada da criança, deve desaparecer onde existir. Seu primeiro dever é tornar a criança feliz para educá-la. Dar-lhe a liberdade que lhe pertence, fazê-la um factor activo da comunidade, desenvolvendo-lhe as tendencias in-

natas com a segurança e serenidade rectilíneas de um convicto.

Partir das actividades espontaneas da criança, ensina o novo credo educativo: actividades manuaes e constructivas, em primeiro lugar. Depois, partir das actividades mentaes, attingir o dominio pleno de suas affeições, gostos e interesses e de suas actividades sociaes e moraes, authenticas consequencias de suas reacções com o mundo exterior. E' uma orientação já adoptada e perfeitamente em harmonia com o que Mentré nos ensina: *O ponto de partida, attestado pela archeologia e a prehistoria, diz elle, é evidentemente a intelligencia pratica; a intelligencia esthetica segue-a de perto. Mas a intelligencia theorica só apparece tardiamente.*

O movimento é, pois, a primeira necessidade da criança. A actividade manual satisfaz essa necessidade.

Sobre esse ponto eu poderia illustrar esta meia hora de palestra, senhores, com varias observações minhas, colhidas durante os dois annos em que estive dirigindo a escola de um internato de assistencia a menores do sexo masculino, o Instituto Ferreira Vianna. Essas observações tiradas sobretudo entre crianças de 7 e 8 annos, coincidem em muitissimos pontos com as provas de varios educadores, desde Dewey, Decroly até as tentativas de Maurilio Salvoni.

A psychologia experimental infantil é uma só, portanto os ideaes de educação, com as alterações indispensaveis ao meio, á raça e ás differenças regionaes devem obedecer ao mesmo padrão: o aproveitamento da actividade espontanea da criança.

Analysemos um pouco. Os *conhecimentos de ordem physica* vêm, naturalmente, quando a criança se põe em relação directa com os objectos e suas propriedades.

Se a criança tem em mão o barro, a madeira, a cartolina, e desse material constroe um objecto qualquer, chegará a *conhecimentos* de ordem absolutamente *industrial*.

E', pois, incontestavel que esses conhecimentos na applicação desses

trabalhos, despertam e desenvolvem a *observação infantil*, a *imaginação*, a *reflexão* e *associação mental*.

Os orgãos dos sentidos e as funcções espirituaes postos a serviço desses trabalhos, *adaptam* a criança ao meio, em consequencia de acções e reacções immediatas. E' por conseguinte uma funcção de *coordenação*.

E que admiraveis opportunidades terá o mestre para occupar-se da formação moral e social da criança! Da comparação, do trabalho individual ou colectivo, a intervenção adequada do professor pode combater o falso orgulho, a inveja, a subserviencia e desenvolver, progressivamente, os nobres sentimentos da sinceridade e do altruismo. E a cada passo, aproveitando esforços e exitos, a Escola Activa é, seguramente, optimo meio para desenvolver e applicar a solidariedade humana, o sentimento que mais nos aproxima de Deus.

Aprender dessa forma a honrar o trabalho, elevar-se pelo trabalho, a emancipar-se pelo trabalho, eis as primeiras conquistas da actividade manual da Escola Activa.

Abro, senhores, um parenthesis para um esclarecimento. Quando me refiro ao trabalho da criança e ao sentimento de sua autonomia pessoal, cumpre attender que se trata aqui da *preaprendizagem*, que formará as tendencias infantis para a producção, mais tarde. Não o mercantilismo, o utilitarismo immediato,—coisa que deve ser banida da escola a todo preço. Dar á criança a alegria inexprimivel de criar, isto sim.

Aqui não comporta detalhar esse ou aquelle conhecimento através desse ou daquelle material: jardinagem, modelagem, slodj, desenho (que na opinião de Pestalozzi mais revela o caracter infantil). Mas indicar em linhas geraes o que é a actividade manual na Escola Nova.

Ha um termo, senhores, muito corrente nas escolas europeas desse genero, que caracteriza fundamentalmente essas primeiras actividades. *Preaprendizagem*. Adoptemo-lo.

A ACTIVIDADE SOCIAL NA ESCOLA ACTIVA

A escola é uma comunidade. A criança a ella serve, como a comunidade serve á criança. Se a escola radica a criança ao meio e a põe em frente das realidades da vida, deve servi-la, pois.

A actividade social dentro da escola expande-se, consequentemente, fóra da escola.

A que se pratica dentro da escola expressa-se por varias formas. Assim, a exemplo do que se fazia na Fundação Horaciana, de Barcelona, criação de Pablo Vila, os alumnos maiores confeccionavam o material escolar necessario aos menores: Jogos educativos feitos com recortes, colleções, gravuras...

Em Compuis, havia os pequeninos *papaes e mãães*, verdadeiros protectores dos menores, refugio moral para as pequeninas dores e tristezas infantis. No Instituto de Yverdon os alumnos se ajudavam e mutuamente se instruíam.

Quem negará o effeito moral desse auxilio mutuo, que é a propria solidariedade ensinada praticamente desde a escola? Quem negará a perfeição moral que encerra a observancia inalteravel dessas actividades? Affeições que florecem. O sentimento do dever cívico que se arraiga. A consciencia esplendendo, aos poucos, para a luz imperecível da bondade, da serenidade, da força de vontade e do amor.

Onde, entretanto, a actividade social da Escola Activa attinge o mais elevado gráo da solidariedade humana, bello, inegualavel, illuminado da luz ignorada da alma é na actividade social fóra da escola.

A grande guerra deu-nos a maior oportunidade para verificar-lhe a extensão e a efficiencia. A Cruz Vermelha Juvenil, uma das mais admiraveis instituições do mundo, nasceu no Canadá, em 1914, dessa actividade social fóra da escola. *Servir* é o seu lemma sublime. E, hoje, com a *Junior Red Cross* americana á

frente, mais de vinte milhões de pequeninos suavizadores da miseria alheia *servem*, e estendem pelo mundo civilizado, com sua divisa que não conhece fronteiras nem linguas nem odios nem ambições, o sentimento incomparavel da confraternização universal.

O escotismo — a criação magnífica de Baden Powell, "o mais illustre representante da actividade social fóra da escola", como já o chamaram algures, forma as milicias pacíficas do Bem e do Civismo, indo até ao soffrimento longuinho, ás dores escondidas, ás lagrimas ardentes.

Certamente conheceis aquella passagem, commovedora e cheia de ensinamentos, sobre os alumnos da Escola Nova, de Hof-Oberkirch.

Varias obras modernas sobre a Escola Activa, já a tem espalhado, como exemplo, entre diferentes povos civilizados. Mas não me furto á tentação de vo-la resumir.

Em seguida a uma palestra sobre a actividade philantropica do Exercito de Salvação, os alumnos de Hof-Oberkirch resolveram sustentar essa obra. Não possuíam dinheiro. Que fazer para consegui-lo? Durante dez dias elles abstiveram-se de carne. Economizaram assim algumas centenas de francos que dividiram entre o Exercito de Salvação e a União Internacional de Soccorros ás Crianças, de Genebra.

Outro exemplo: Em Zurich, um funcionario do serviço de soccorros aos habitantes pobres, tendo falado contra o pauperismo, instituíram os alumnos a "caixa dos pobres" que era a caixa dos objectos achados. E no Natal distribuíram leite e pão, por algum tempo, a varias familias necessitadas.

Esse facto é apenas um dentre dezenas que a conflagração europêa nos deu. Por elle entrevemos o que a Escola Activa, bem orientada, pode ser em frente a muitas questões sociais.

Outro exemplo e esse de authentica utilidade publica nos vem da Bulgaria. O ministro da Instrucção da

quelle país instituiu "Uma semana escolar de trabalho manual e agrícola". Esse trabalho, obrigatorio, foi feito por alumnos das escolas primarias e secundarias, em abril de 1921. Os principaes, segundo a noticia a que me reporto, foram os seguintes: Limpeza e reboco dos locaes escolares; nivelamento e pavimentação de pateos e jardins escolares; nivelamento dos gymnasios; reparação do mobiliario escolar; confecção de objectos escolares; reparação de portas e janellas de estabelecimentos escolares; cultura de legumes e flores nos jardins escolares; plantação de arvores em torno das escolas; e bibliothecas; replantação, reparação das ruas que conduzem ás escolas, e excavações archeologicas".

Experiencia admiravel que o "Eco da Bulgaria" disse ter sido de um exito absoluto.

Entrevistado, declarou o ministro da Instrucção Publica, segundo a mesma noticia, entre outras cousas interessantissimas: "O valor do que se fez pode ser avaliado numa centena de milhoes de *levas*; porém, bem mais importante ainda é o valor pedagogico e educativo do trabalho publico em commum; do trabalho physico ao ar livre e desta animação geral entre os alumnos".

Uma promessa? Mais do que promessa. Uma conquista definitiva, digna de ser imitada por todos que sentem o valor das forças latentes da juventude.

Senhores, sinto bailar em vossos labios uma pergunta: e a disciplina? Como conseguir-se disciplina numa escola sem horarios inflexiveis, sem programmas rigidos, sem exames classicos e sem livros?

E eu vos direi: a disciplina é uma consequencia, na educação. A utilização da actividade espontanea, o sentimento da dependencia com a ordem que a criança deve ter, é a disciplina. Toda ella baséa-se no ensinamento biblico que sentencía: "o homem é punido por suas proprias faltas ou recolhe os frutos de sua

boa conducta" Ella depende mais do mestre que deve cultivar a justiça, pura e rigorosa, o sentimento da dignidade pessoal, que a criança comprehenda, enfim, que a ordem é um elemento indispensavel ao trabalho e ao desenvolvimento individual, para que a communitade a sirva, assim como deve ella servir, imperiosamente, á communitade.

Um problema ergue-se entre a simplicidade apparente destas linhas: o mestre. Mas do que nunca impõe-se a autonomia didactica do professor.

Mas a autonomia didactica do professor, a sua responsabilidade educativa não pode ser, não é, nunca será a outorga de um artigo de lei. Mas uma conquista do proprio mestre; ou melhor, a sua ultima conquista.

O mestre deve ter, antes de tudo, a consciencia da dignidade de sua profissão. Longe o tempo em que o professor era aquelle mestre-escola ridiculo, fantoche nas mãos dos chefes politicos, o derradeiro na escala administrativa.

A rotina official fossilizante tem feito apenas do professor um funcionario. E o funcionario é uma peça da machina governamental. Tem o seu logar, a sua função restricta, demarcada, immutavel.

Faz falta aqui, deve ficar aqui. Conservador, medullar, mollusco das situações, conta-gotta de tempo do serviço.

O professor primario pode continuar a ser um funcionario? Porque, pois, o professor primario de letras se transforma, em geral, nessa mumia digna de nauseas, junto dos fosses e dos mineraes?

Porque sempre lhe faltou o idealismo e a dignidade de sua profissão. Porque sempre lhe vedaram o Direito de ter opiniao e de utilizar, completamente, as suas aptidões. Porque nunca lhe deram a remuneração necessaria que o fizesse ficar ao abrigo de privações. E' sempre um subalimentado, um semi-instruido, alheiado, por todas essas circunstancias, aos verdadeiros problemas e ás renovadas questões do ensino.

Essas causas principaes que acabo de enumerar — responsaveis directos do amesquinamento da profissão do mestre, são indices para conquistas do professor.

Conquistar o logar exacto que lhe compete na sociedade, no conceito do poder publico, na graduação economica. Conquistar o direito de agir, de pensar, de suggerir, de reclamar. Conquistar o direito de viver livremente sob a mesma luz da patria. Revindicar os direitos exclusivos de seu diploma. E entrar na escola com a consciencia de que não poderia entrar em sitio nenhum melhor do que nella. Nada de repartições, de burocracias, de capachos.

Homens e mulheres livres, fazendo do povo aquellas hostes de civismo e de liberdade — ideal distante de paises mais adiantados do que nós.

Eis porque aqui o problema se apresenta mais complexo do que poderia apresentar.

Além disso, se o professor liberta a criança de sua tutela, entregando-a á tutela de sua propria consciencia, antes de tudo precisa elle mesmo libertar-se dos prejuizos de seu tempo, alliado pelo amor, intervindo naquellas oportunidades que somente um verdadeiro tacto, especial e delicado, poderá indicar.

A ACTIVIDADE INTELLECTUAL

A Escola Activa deve ser a propria vida deante da criança. Entretanto a vida moderna — cujos ultimos 50 annos trouxeram as mais assombrosas invenções do genio humano, transformou-se completamente, modificando as condições normaes do estagio terreno. Exige do "homo sapiens" novas qualidades de adaptação ao meio, cria-lhe novas difficuldades deante do futuro ao mesmo tempo que lhe outorga o direito de fazer de sua vida a vertigem mais commoda e rapida do planeta.

Como trazer para a escola a vida assim complexa?

Criando um ambiente para a criança e orientando-a para as realida-

des imperativas da existencia moderna.

Ferrière, sociologo e professor do celebre Instituto de J. J. Rousseau e Director do "Bureau International des Écoles nouvelles", apresenta uma indicação, quase diria um methodo, cujos resultados têm sido dos mais apreciaveis.

Não com o rigorismo de detalhe do eminente educador, mas em suas linhas geraes, pude applicá-la no Instituto Ferreira Vianna, em 1929. E o resultado foi quase uma *transformação* mental das crianças.

O principio geral da Escola Activa é *aprender fazendo e para fazer, observar.*

Da *observação* virão a *comparação*, a *classificação*, a *associação de idéas*, a *invenção*, a *reflexão*, a *expressão oral e escripta*. Ou resumindo, o *rythmo* da função intellectual: a *observação* e a *expressão*.

Para trazer para a escola a vida que passa, Ferrière aconselha "recolher documentos". Como? Visitando usinas, fabricas, officinas, serviços publicos, ferrocarris, hospitaes, monumentos historicos, museus, especialmente ethnographicos, a natureza, em summa, em sua opulencia vegetal e animal. "Eis o livro da criança, diz elle, livro onde ella seleccionará paginas para seu estudo e assimilação". E tudo isso acompanhado da leitura de livros e revistas scientificas illustradas. Esses documentos recolhidos por toda a forma, pelo recorte de gravuras e de artigos, pelo desenho, por varias notas pessoais, são *classificados*, mettidos em envelopes especiaes sob rubrica e relacionados com o programma de estudo. Aqui differem as applicações desses *documentos*.

No Instituto Ferreira Vianna modifiquei o trabalho infantil nessa parte. A criança com esses documentos recolhidos não só formava os museus de classe, como cooperava para a formação dos *centros de interesse*, reservando para o seu proprio archivo o que lhe agradasse. E se bem me recordo, faltando, certa vez, um docu-

mento sobre a morte do Zumbi e outro sobre a batalha naval do Riachuelo, cujo quadro um delles já virá em volume de Historia, foi tudo perfeitamente concluído pela iniciativa e a invenção dos alumnos. Um mais habilidoso tomou do barro e modelou a famosa batalha, enquanto outro, pelo desenho, fixava a nova e lendaria Tarpéa indigena.

Em presença de textos, desenhos sem ordem, recolhidos ao acaso, artigos de jornaes misturados e fragmentos fabris, ensina ainda Ferrière, "deve o mestre accommodar-se ás lições occasionaes". Mas os programmas sempre existiram e existem... Cabe ao mestre, por meio de uma leitura ou uma palestra accidental, orientar os trabalhos do dia e a actividade espontanea da criança.

A iniciativa do professor é essencial para, sem o parecer, adaptar os conhecimentos que deve inculcar e o material que deve empregar. E as questões que se formulam? E os ensinamentos de toda a ordem que se podem tirar desse "plano" de lição? Visto trabalhos individuaes, originalismos, pintura, productos industriaes, geographia, linguagem, expressões escriptas, a formação de museus individuaes, tudo isso annotado em fichas ou cadernos pessoais.

Em semelhante systema educacional, os horarios não podem ser observados. Em Vienna, se me não falha a memoria de uma pagina que li, havia uma determinação official, dando ás aulas a duração que lhes permitissem a attenção e o interesse do alumno, independentemente da fatal sineta.

Eu poderia, senhores professores, deter-me mais alguns minutos nesse capitulo da Escola Activa. Mas afinal aqui não estamos a verificar esse ou aquelle detalhe do plano geral, derradeira conquista em materia de educação.

O que vos esbocei e que eu propria tive a oportunidade de applicar com um resultado que minha modestia me impede de revelar completamen-

te, gravita sempre em torno desse postulado:

"Fazei a criança observar, desenhá-la, experimentar, discutir, resumir oralmente, construir, redigir, corrigir, annotar."

Mas como, se, apesar das tentativas magnificas de Robin e de Salvoni, e das victorias do Dr. Wirt, em Gary, America do Norte, e de Decroly, em Genebra, e as de Vienna e outras, temos programmas de educação?

Que a criança é um "primitivo" e seus interesses e tendencias se revelam como as dos nossos antepassados mais recuados, sabemos. O "plano", que não é meu, está claro, mas o resultado da experiencia paciente em varias escolas novas de diferentes partes do mundo, baséa-se naquelles "estados estaticos, mas de um dinamismo emanente" a que já me referi.

O 1º estado ou etapa, para servirmo-nos do termo geral, abrange o ser humano até os tres annos. Etapa dos *interesses sensoriaes*.

A 2ª etapa da criança de 1 a 6 annos é a idade do *jogo*.

Segundo Karl Groos "biologicamente falando, o jogo teria por fim preparar o pequenino ser para a vida adulta".

Eduardo Claparède adoptou a theoria do jogo de Groos, applicando-a á educação. O *jogo* é o trabalho espontaneo, a primeira modalidade do trabalho infantil.

Em 1914, Claparède annexou ao Instituto de Rousseau, por elle fundado em 1912, em Genebra, a *Maison des Petits*, aberta ás crianças de 3 a 7 annos. Na *Maison des Petits* "*on desire que les enfants veuillent tout ce qu'ils font.*"

A 3ª etapa abrange os 7 até os 9 annos, idade dos *interesses immediatos*.

A criança quer movimentar-se, tem o prazer pelo que é util, attenta ás causas e effeitos mecanicos e aos phenomenos naturaes. E' a idade das visitas ás fabricas, ás vias ferreas,

aos aero-portos, ás estações de Radio, ao jardim zoologico.

A 4ª etapa, dos 10 aos 12 annos, etapa dos *interesses especializados concretos*. Nessa etapa a criança interessa-se pelos seres vivos, pelos vultos que viveram em outras terras. E' a idade que Ferrière chama das "monographias". A vida dos homens celebres attrae a criança e um plano educativo, bem feito, pode enquadrar variadissimos conhecimentos, partindo da remota antiguidade, através dos seculos, até chegar a Edison ou a Marconi.

5ª etapa, dos 13 aos 15 annos. Porta da adolescencia. Etapa dos interesses abstractos simples. Idade das conclusões, das observações directas, da linguagem e regras geraes.

6ª etapa, 16 annos. O adolescente começa, espontaneamente, a interessar-se pelo "abstracto" e o "complexo". Prepara-se elle para a vida mesma e torna-se o "animal social" de Aristoteles. O trabalho arrancá-lo-á do parasitismo escravizador e o fará um ser autonomo e livre, sobre cujos hombros o futuro repousa.

A Humanidade volta-se cada vez mais esperancada, para a luz da perfeição. Renovar! Dominar o tempo e o espaço! E novamente os pioneiros entusiastas da Escola Activa esperam que ella nos dê uma Humanidade nova, liberta e venturosa, sem guerras nem odios, sem fronteiras nem leis. A criança, membro da comunidade escolar, fazendo-se adulta, membro activo dessa Humanidade quase divina! E aquellas massas inertes de população, inaproveitadas pela ignorancia, governadas, como fantoches, transformar-se-ão em legiões pacificas do trabalho.

A Liga das Nações foi a primeira conquista politica que preparará a Era Nova. A Conferencia de desarmamento, convocada pelos mesmos homens que fizeram a guerra ou viveram no tempo da guerra, tendo, ainda, no coração, sem o quererem talvez, os resabios de soffrimento, da dor e do odio, não podia triumphar de prompto. Mas é uma pro-

messa para o futuro. E... quem sabe? Talvez da Escola Activa saiam esses legisladores, esses conductores de povos, esses homens de genio que orientarão, enfim a Humanidade para a luz, para a paz, para a liberdade e o amor!

Sejamos de nosso tempo!

Senhores, sejamos de nosso tempo!

Um curto passado de 18 annos nos ensina o caminho a seguir. A Suíça, em 1912, deu ao mundo o Instituto de J. J. Rousseau, fundado por Eduardo Claparède e Pierre Bovet, professores da Universidade de Genebra. O Instituto de J. J. Rousseau é *l'école la plus novatrice que soit dans le domaine de la pedagogie*, o centro do movimento a favor da Escola Activa, centro de informação e diffusão, ao mesmo tempo.

Na Italia, a patria de Pestalozzi e Montessori, Maurilio Salvoni fundou em 1921, uma escola para cultivar a actividade espontanea da criança.

Na França, preparada por Gustavo Le Bon, a França, a patria de Binet e outros, o movimento é admiravel. Na Inglaterra tradicional e formalista, Sandersen, o heroe de Wells, na "Flamma immortel", é considerado como o maior precursor.

Kerschensteiner, na Alemanha, Pablo Vila, na Espanha, e, mais além, Vienna da Austria, depois a Polonia, a Tchecoslovaquia, a Hungria, a Bulgaria, o Egypto... Que mais? A Russia, cujo ideal educativo parece estar muito acima do ideal da Escola Nova. Que mais? A America do Norte. Somente o que se faz na America do Norte, de onde acabam de chegar professoras cariocas, dá para varias conferencias. A Escola Activa, naquelle grande pais é a consagração integral dos ideaes modernos. As escolas do Dr. Wirt, na cidade de Gary, completas, perfeitas, abrangem do jardim de infancia até o primeiro ou segundo gráo da universidade.

E na America do Sul? Falemos de nós, falemos do Rio de Janeiro.

O ensino publico, na Capital, era,

até pouco tempo, a desordem absoluta do caos. A escola primaria não preenchia sua finalidade. Isolada das realidades nacionaes, emperrada pela rotina, sob uma legislação monstruosa, inconsequente — leis annullando leis — a escola primaria, pessimamente installada, ha muito reclamava um homem de energia e patriotismo que a salvasse.

Fernando de Azevedo foi esse homem. Para prestar-lhe justiça não deveria dizer que elle *reformou* a instrucção. Fez mais. Fez tudo: *transformou* a educação. Deu-lhe a Escola Activa.

A Escola Activa do Rio de Janeiro, porém, não é uma copia servil do que já fez esse ou aquelle educador. E' o principio vital das escolas novas — adaptado ás condições da Capital: a escola radicando-se ao meio (à familia portanto) e articulando-se a todas as peças do ensino popular.

A Escola Activa de Fernando de Azevedo dá para longas conferencias. Eu, evidentemente, não posso aqui detur-me mais do que nesse preito de homenagem e de admiração á sua obra de homem verdadeiramente patriota.

Senhores, nesse momento, eu teria o maior orgulho, se pudesse dizer: Na America do Sul? — O Brasil.

O movimento mundial a favor da Escola Activa culminou com a criação da Liga Internacional para a Educação Nova, a 6 de agosto de 1921, em Callais.

A Liga adoptou principios que quizera agora divulgar. Eis o primeiro: "O fim essencial de toda a educação é de preparar a criança para querer e realizar na vida a supremacia do espirito."

Quisera ver todo o Brasil encorporado, entusiasticamente, sinceramente, a esse movimento para que a obra de Fernando de Azevedo não se restringisse apenas, ao Rio de Janeiro, e fosse o sopro renovador que passasse triumphante pela Patria toda.

Patricios, sejamos do nosso tempo! *Viver e conquistar*. Nessa conquista pela educação nova não fiquemos atrás na entrosagem da rotina, annullando energias, dispersando valores, distanciando-nos de outros povos irmãos.

E vós, senhores professores, sede os obreiros dessa cruzada nobilissima em prol da Escola Activa. Fazei de cada pensamento uma força e lembrae-vos que "*el niño lleva dentro de si la levadura espiritual del futuro*".

Sois os responsaveis pela obra de renovação social do Brasil, iniciada por Fernando de Azevedo, o homem superior que soube querer e venceu. Elle teve, porém, de contar com os mestres. E os mestres cariocas realizaram o milagre da sua Reforma e o maravilhoso instrumento educativo que é a Escola Activa.

O Brasil para ser grande e uno e indivisivel, precisa que seus 40 milhões de filhos sejam 40 milhões de forças pacificas do trabalho. Não ha de ser a machina administrativa, num pais de vinte e tantos milhões de analphabetos, que o conservará o "immenso, colosso gigante" do velho hymno escolar. E' obra da educação. E' obra de cada um de vós, fazendo da vida aquella magnifica "supremacia do espirito", consagrada universalmente.

Não é tarefa de Politicos. E' dever de Mestres. Cumpri o vosso dever.



LITERATURA

Cassiano de Albuquerque (*)

Ezechias da Rocha

do Lyceu Alagoano

(Inedito, para a "Revista de Ensino")

Minhas senhoras,
Meus senhores:

Li, certa feita, em Renan, o excellentissimo lapidario da prosa franceza, a narraçao de uma lenda que povoa de mysterios a alma dos pescadores da Bretanha.

Contam aquelles simples navegantes que, ninguem sabe mais quando isso foi, se encolerizou o mar de tal forma, de tal jeito as ondas se encrespavam, que foi tragada, numa noite, a cidade de Is. E desde esse dia, naquelle sinistro local, cheio de encantamentos, enorme fantasma começou de apparecer á simplicidade crendeira dos mareantes. Nos dias de tempestade, quando o velho mar ulula temeroso, dizem elles que se vêem emergir, no concavo das ondas furiosas, as torres de gigantescas cathedraes. E quando passa a tormenta, quando asserena o mar, affirmam que, apurando-se bem a orelha, se ouve subir das profundezas das aguas para o espaço infinito, a voz dos plangentes carrilhões da metropole encantada.

Em todo o coração humano, senhores academicos, ha uma illusao assim, ha um tanger de sinos que vem das bandas do passado ou das clareiras do futuro.

Vezeas muitas, pelos meus tympanos, passaram as vibrações de estranhas harmonias; outras tantas, feriu-me a retina miragem seductora, a miragem da cidade-santa da graça, do rythmo, da belleza.

Rodaram os annos. E hoje, senhores academicos, nesta noite de encantos para o novo companheiro que vos

fala, aquelles sinos mysteriosos, eu os vejo, no meu deslumbramento, alcandorados na torre desta cidadella, que a vossa galhardia anda a sobre-rondar com zelos de mouro. Aquelles sinos de antigos tempos, agora os reconheço, são estes que vivem a marcar o inicio dos vossos labores, a encher de algazarra e alegrias as horas dos vossos triumphos.

Um dia, fascinado pela fama do vosso esplendor, saí em busca da minha cidade maravilhosa. Afinal, depois de caminhada longa, aldrapei-vos á porta, muito humilde, com o temor dos que pouco valem. Com surpresa minha, abristes-m'a largamente, e porque eu vos contei que andara a palmilhar as estancias de Apollo, destes-me accesso entre vós e, para logo, armastes-me cavalleiro das vossas gloriosas cruzadas.

Apesar da emoção que me empolga, estou a lembrar-me, senhores, do velho poeta Gil Vicente, a fazer, no auto da barca, o elogio da humildade.

- Hou da barca?
— Tu que queres?
— Quereis-me passar alem?
— Quem és tu?
— Não sou ninguem.
— Tu passarás, se quiseres."

E a esse "ninguem", porque nada era, o barqueiro o passou, o que não fizera com os grandes e potentados.

Não sou ninguem, senhores da Academia. Mas, como aquelle anjo-barqueiro do auto de Gil Vicente, passastes-me para esta banda desejada e eu penetrei este cenaculo. E agora, com ser um dos vossos, molleculo modestissimo de vosso bloco, começo de envaidecer-me do brilho de

(*) Discurso de posse na Academia Alagoana de Letras

que me inunda o fulgor dos vossos luzimentos. E é por isso que estou a pensar que brilho já também, senhores academicos. Certamente, milagre da vossa luminosa companhia!

**

Fazendo o elogio de Antonio Feliciano de Castilho, disse Latino Coelho que a historia do poeta se resumia em tres palavras: nasceu, cantou, morreu. Essas mesmas palavras resumem, senhores, a vida do nosso Cassiano de Albuquerque. Nasceu para cantar, cantar as suas alegrias e os seus soffrimentos, e andou a cantar até que morreu.

Não foi, certamente, um grande poeta, em toda a extensão da palavra. Pobre e humilde, modesto e tímido, estreitado na indiferença da provincia, falleceu-lhe estímulo e campo para soltar, horizonte fóra, os remigios da sua opulenta imaginação. Não obstante, quanto lhe permitiu o meio e as circunstancias, mostrou á farta, na eloquencia da sua lyra vigorosa, o sinéte da irmandade a que pertencia. E', de facto, gloriosa esta triada da intelligencia alagoana: Cassiano, Matheus e Theophilo de Albuquerque.

Os seus irmãos venceram, porque emigraram. Cassiano, porém, não tinha ambições de gloria ou de fortuna. Mais alagoano que os irmãos, cá se deixou ficar, enraizar, enamorado, que era, do lantejoillar das lagôas, destes mares azues, orlados de praias alvissimas e coqueiraes imensos.

Cassiano era um bom. Eis ahí toda a sua historia. Todos os que o conheceram, são unanimes na affirmacão de que, dentro do coração do bardo, era tudo bondade. Accessível e affectuoso para quantos delle se aproximavam, apesar de sua natural melancholia. Das virtudes que lhe emolduravam a serenidade da vida, sobresaia a caridade, a virtude por excellencia, no dizer de S. Paulo. Nunca u'a mão pedinte recolhia vazia, quando lhe implorava esmola. Era, por elle constante a preocupação

de cumprir á risca o preceito de misericordia: dar de comer a quem tem fome. A não ser quando andava a minguar também o seu pão de cada dia.

Cassiano abominava a politica. Tirou, porém, o titulo de eleitor para votar em um só nome: Ruy Barbosa. Pelo grande brasileiro o nosso poeta tinha verdadeira superstição. Conhecia-lhe todos os passos da vida trabalhada e gloriosa. Quisessem vê-lo verbo vibrante em punho, censurassem Ruy. A defesa era prompta e eloquente. E tal era sua admiração, que sabia de cór paginas e paginas das "Cartas de Inglaterra".

Em Ruy aprendeu a amar a lingua. Seu culto da vernaculidade nunca, porém, chegou ao extremo. Era comedido. Seguiu, assim, o conceito do velho Quintiliano, nas Instituições: "o cuidado miudo, exagerado da lingua ha-de por força embaraçar a marcha livre da imaginação e privar o discurso do espirito e vigor que os sentimentos lhe communicam."

Lia os classicos; mas não os procurava imitar servilmente, o que tantas vezes se ha feito entre nós, como se o idioma não tivesse vida, evolução, isto é, transformações no tempo e no espaço. Lia-os, para conhecer os segredos da lingua, para escrever com elegancia, correcção e propriedade, predicados de que não podem prescindir os que se dão ao manuseio da penna, como já preceituava, cheio de razões, o grande Boileau:

"Sans la langue, en un mot, l'auteur le
[plus divin,
Est toujours, quoi qu'il fasse, un mauvais
[écrivain."

Era admiravelmente equilibrado. Sabia o segredo da justa medida. Pelo que, tenho entre mim que não tersaria jamais em prol da reforma que condemna a lingua da gente limpa e faz a apologia da geringonça da ralé.

Ao que me parece, senhores, é ponto que fala alto da carencia de bom senso nos futuristas, esse que diz respeito á electrica brasilidade do

idioma que falamos. Para muitos delles, o torto é que é o direito, o errado é que é o certo. Para que dictionario? "Coisa funebre", diz um dos generaes do movimento, muito ao revés de Gautier, que, deante dos moços, tinha nos labios este conselho: "Lisez le dictionnaire, jeune homme". Fôra com a grammatica, terror da imaginação, excrescencia de que a tesoura de Marinetti livrou a cultura humana! Que sirva de substrato ás gloriosas criações do pensamento o linguajar da plebe, a syntaxe, o bom-gosto de pae João! Falamos brasileiro e não português. Que é da nossa independencia intellectual? E nesse logicar, esquecidos de que somos, na maioria, um povo analfabeto, confundem a fala dos que sabem dizer com a dos que nascem e vivem atascados na ignorancia, affeitos ao traquejo do calão. Certo é que devemos proscreever o idioma de certa seita grammatical, de que fala Mario de Alencar, idioma condimentado á lusitana; mas, não é menos certo que não fica bem á nossa mentalidade o jargão que nasceu na bocca do preto, do selvagem, do colono rude e vae vivendo á custa da profunda incultura popular.

João Ribeiro de ha muito já vem proclamando que deve correr parelhas com a nossa autonomia politica a independencia da lingua. José Verissimo, muitos annos já lá se foram, dizia, com aquelle bom-senso que foi apanagio da sua vida litteraria, que a lingua do Brasil não pode ser a mesma de Portugal. De pleno accordo. A lingua, como os organismos, está sujeita ás influencias do meio, e, assim, tem fatalmente de modificar-se, como aconteceu com o espanhol na America, o português em Angola, na China, no Brasil. Tanto vem a significar que ao Sr. Candido de Figueirêdo lhe fallecia ás vezes competencia para nos dar lições de grammatica. Haja vista a já velhissima historia da collocação dos pronomes. Figueirêdo e Paulino de Britto saltaram á liça, suaram, tresuaram e não conseguiram ajustar as contas. E' que a ambos assistia a

razão: um tinha ouvidos brasileiros, o outro oíças portuguesas. A topologia pronominal é, na essencia, uma questão de prosodia, e a da lingua do Brasil differe da do português de Portugal. O nosso falar não é o mesmo dos lusitanos. E não podia deixar de ser assim. Neste novo meio para onde fôra transplantada, fusão de brancos, pretos, louros e vermelhos aos reverberos da soalheira tropical a primogenita filha do latim medrava com pujança, porém diferenciando-se, muito naturalmente, da velha lingua do reino. Assim, sob a acção de estranhas influencias mescológicas, psychológicas e physiológicas, o idioma dos colonizadores perdera matizes peninsulares e adquirira, em troca, algo de novo, outros coloridos, rythmos outros, em summa um *quid* americano, uma *facies* brasileira. Taes factos não se contestam. Dizer-se, porém, dahi que falamos "brasileiro", coisa é essa que a razão repelle por absurda. Tal idioma não existe, a não ser nos arranha-céos da fantasia futurista. Falamos a lingua portuguesa do Brasil.

Alem do mais, esse cunho de brasilidade é obra do povo e do tempo, e não artificio de quem quer que seja. Ora, os reformadores querem abraçileirar a lingua da noite para o dia, cada qual a seu modo. Presumem-se os grandes pontifices do falar. Julga-se cada qual dono e proprietario da gloriosa herança lusitana, como se ella não tivesse um só senhor, por signal despotico, que é o uso, *jus et norma loquendi*, como já affirmava, muito acertadamente, o velho Horacio. E o uso, não é a arraia-miuda que o decreta. Nella pulsam, de facto, as mais vigorosas forças do organismo da linguagem. Ha, porém, um poder superior, que joeira, que selecciona, que sentença—é o bom-gosto dos que sabem dizer e, muito especialmente, dos grandes maneja-dores da palavra. Os reles escrevinhadores, sem fundo e sem forma, improvisados pela ansia de publicidade, por milagres do cabotinismo, esses, felizmente, nunca tiveram nem

jamais terão assento no aristocrático tribunal.

A prevalecer esse funesto ponto do programma da nova seita, cada qual escreveria como bem lhe aprouvesse, e a rica lingua que falamos de tal forma se esfarraparia na penna dos reformadores, na ignara bocca do povo, que, dentro em pouco, seria uma congerie de dialectos barbaros, tanto é dizer perderia sua unidade e, por conseguinte, desappareceria. Graças a Deus, em que pese aos exaltados pregoeiros, não ha-de ser assim, porque não se apagará o lume do bom-senso na cabeça da maioria pensante.

Não, senhores futuristas. Nenhuma gente civilizada pode prescindir da sua grammatica nem do seu dicionario, porque não pode prescindir da elevação e polimento a sua linguagem. E a razão, ei-la clara, nestas palavras de Rufino Cuervo: "*Nada simboliza tan complicadamente la patria como la lengua.*" Exponte da grandeza de um povo, cadêa poderosissima da unidade nacional, foi sempre a lingua cuidada com o maior carinho no seio das sociedades mais insignes. Attentae no exemplo da poderosa nação alemã, sem duvida a mais culta da terra, a velar religiosamente pela perfeição do seu idioma. E está tão dentro do sangue tedesco esse culto, que a voz do adagio anda a advertir por todos os cantos do pais:

"Willst du ein guter Deutscher sein?
So sprich deine Sprache rein."

Isso na Alemanha, sem grande extensão territorial e cujo assombroso grão de cultura lhe deu um posto preeminente entre as nações. Meditemos agora no Brasil, vastissimo e analphabeto, a acolher constantemente immigrants das raças mais diversas; meditemos no futuro do nosso idioma, a evolver ao leo da sorte, sem a grammatica e os bons modelos literarios a contrariar-lhe as mais dispaes tendencias. Inevitavel a desagregação da lingua em varios dialectos. Verdadeira babel. Um laço de menos, portanto, na integridade geographica da patria.

Vem a pêlo, senhores, relembrar-vos uma pagina da historia, muito a calhar ao nosso ponto. Um milagre operado pelo poder de cohesão da lingua. Um tempo houve, como bem sabeis, em que o velho Portugal, humilhado a mais não poder, esteve sob o jugo quase secular dos Philippes. Provincia da Espanha, sobreroldava os seus destinos sentinella humilde: a fala lusitana. E foi graças a ella, a cantar heroica no estro de Camões, no clanger dos lusiadas; foi graças a ella, a irmanizar, a identificar os varios credos da gente portuguesa, que, num formoso dia de dezembro, um punhado de bravos abateu a arrogancia da usurpação. Por onde se vê a verdade do dito de Mistral: "*Si une nation devient esclave, tant qu'elle garde sa langue elle tient la clef de sa prison.*"

**

Afinal de contas, porque tanta ce-leuma em torno dessa lingua brasileira? Por que? Que maravilhosos lucros della nos adviria? Que estaríamos a perder, se falássemos como a gente de Lisboa? Estaria em perigo a independencia da Patria? Com serem maiores e mais livres do que o Brasil, os Estados Unidos não vêem humilhação no manejarem seus escriptores a lingua que herdaram de Inglaterra. Os classicos ingleses continuam a ser os classicos da grande nação de Wilson. Ora, senhores reformadores! Se falássemos qualquer geringonça das costas da Africa, promptamente conviriamos em que até se electrificassem os processos de abrasileiramento, porque estaríamos, nesse caso, a precisar de instrumento condigno, á altura da nossa mentalidade, do nosso progresso. Mas somos possuidores de formoso idioma, rico thesoiro que nos legou o genio lusitano, capaz de concretizar as mais altas concepções da intelligencia. E é por que eu me orgulho com ver que é tambem minha, que é nossa tambem a mesma materia prima em que foi vasada a gloriosa literatura portuguesa, no conceito de An-

drey Bell, grande critico inglês, "a maior que um pequeno povo tem produzido, exceptuando a Grecia antiga". Se, porém, por simples questão de novidade, repugnam o idioma que falamos, então poctem em guarany ou em qualquer linguajar dos pelles-vermelhas; mas não perpetrem a selvageria de estropiar, algumas vezes, conscientemente, a formosa lingua de Ruy Barboza. Pois não é muito máo gosto esse de preferir o calão da ralé analphabeta á fala da gente culta?

**

Cassiano, estou certo, não formaria sob a bandeira dos pretensos fabricantes da lingua brasileira, nem tão pouco se arregimentaria entre os demolidores da "arte velha". Não. Elle sabia que não pode haver, nem haverá nunca, arte velha nem arte nova. A arte foi e será sempre uma e a mesma, porque a belleza é uma só, "antiga e eterna". Alem do mais, já se esgotou a amphora da novidade. O pensamento já foi revolvido por todas as formas, de todo o jeito, em todas as direcções. Tudo está dito, affirma-o La Bruyère: "Tout est dit, et l'on vient trop tarde depuis plus de sept mille ans qu'il y a des hommes..." e que plagiam. O que ha de novo, na apparencia, são os matizes, o vestuario do momento, isto é, a moda, coisa tão da gula da humanidade, sempre versatil e enfastiada. E é para notar que o figurino mais novo é as mais das vezes uma nova edição, quase sempre nem revista e muito menos augmentada. Toda a historia literaria, como toda a historia dos homens, está cheia dessas reedições. Andou muito acertado o sociologo que comparou a marcha da evolução humana a uma espiral: ora a afastar-se, ora a aproximar-se do ponto de partida. Haja vista a Renascença. Qual o espirito novo que tão alto guindou a intelligencia, a civilização na idade-media? Essa idéa nova, que, partindo da Italia, se espraçou victoriosamente por toda a Europa e fez transpor-

dar de esplendores as letras, as artes e as sciencias, não foi a antiguidade classica, o velhissimo espirito greco-hellenico? Com o rodar do tempo, esse espirito novo, de tanto usado e abusado, envelheceu, caiu da moda e foi substituido por outro tambem remoçador, vivificador, que veio impulsionar novamente o pensamento, como que estagnado, banalizado no apogeu que attingira. E foram as fontes do novo sangue aquella mesma idade-media tão desdenhada do Renascimento.

Appareceu, então, o romantismo, que se caracterizou pela reacção ás regras e modelos classicos, pelo culto das coisas medievaes, tanto é dizer, pela liberdade da forma, pelo amor das tradições populares, mais ou menos isso mesmo de que fala o pregão dos innovadores. Aliás, dos innovadores schismaticos, mais ponderados, pois aos vermelhos orthodoxos repugna pensar no que passou. Victor Hugo não preceituara que "não ha regras nem modelos alem das leis da natureza?" E Garrett, revoltado, não clamava contra a desnacionalização das letras? "Sejamos nós mesmos (palavras do autor de "D. Branca") copiemos nossa natureza e deixemos em paz gregos, romanos e toda a outra gente". E que tem sido, entre nós, o indianismo, o sertanismo, senão expressões literarias do culto da tradição? E para que mais brasilidade do que a das letras desse genial Catullo, cujo estro admiravel já levou a alma dos nossos sertões alem das fronteiras da patria? Onde, pois, a novidade desse espirito novo, dessa arte nova, afóra a anarchia, a falta de senso, o esoterismo de que anda, em grande parte, empanturrada?

**

E' outro grande absurdo da orthodoxia futurista essa tão apregoada ogerisa ao passado, clamorosa injustica, felizmente reparada por um dos schismas em que se scindiu a nova seita. Não podemos olvidar e muito menos desdenhar os obreiros que

desappareceram na voragem do tempo, porque foram, todos o sabemos, os constructores do presente. "Il faut á un peuple le culte de l'énergie et le souci des réalités pratiques tout comme le culte du passé et le souci de la tradition". São palavras de Dauzat, num livro em que defende os thesoiros da sua lingua, uma das mais poderosas armas do glorioso espirito francês. Que seria das artes, das sciencias, os verdadeiros indices das civilizações, sem o passado, vastissimo campo de terriveis pejejas em prol do progresso, da gloria dos homens? Que seria das formidaveis conquistas do presente, sem as derrotas e os triumphos dos lidadores desaparecidos?

Não sei porque esse horror aos tempos que passaram. Devemos amar o novo, mas sem abominar a antiguidade. Em medicina, preceituava o velho Torres Homem, cheio de razões: "é preciso andar para a frente com os olhos voltados para traz". Assim, nos varios ramos da actividade humana. Demais, senhores, o presente, este nosso presente repleto de progressos e maravilhas, não é senão a gloriosa superficie do passado.

Cassiano, se vivo fôra, não seria passadista, nem futurista, mas presentista, se me permittis a expressão. Amaria a Camões e João de Deus, quereria a Castro Alves e a Bilac, e bendiria os esplendores do futuro. Elle sabia, como Steccheti, que "não é a arte que faz a sociedade e sim a sociedade que faz a arte á sua imagem e semelhança". Sciente, assim, de que a literatura é a expressão do meio e do momento, vestiria sua poesia com a alinhada indumentaria da moda, sem tocar as raias da extravagancia e indecencia: saberia tornar seus poemas mais leves, mais diaphanos, mais velozes, contemporaneos da radiotelephonia e do correio aereo. Não cairia, porém, no enigma, na charada, no carnaval do futurismo, que, na volupia do exagero, do escandalo, do cabotinismo, outra coisa não é senão a desnaturali-

muito melhor ainda, a teratologia da arte.

Cassiano não se alistaria em tal escola. E a principal razão é que elle era simples, suave, poeta que falava a lingua clarissima do coração. Ora, primam os reformadores pela obscuridade, pela treva absoluta. Raro quando um doido corisco ziguezagüea ao longe. Estou convencido até de que esse predicado — a impenetrabilidade — é condição *sine qua non* para futurizar. Por signal que seguro symptoma de inviabilidade. Porque foi a clareza, em todos os tempos, qualidade fundamental do escriptor. Está ahí, quer-me parecer, o motivo da malquerença com o passado, que sempre fez a apologia do estylo claro, simples, transparente. "Importa que seja tal a clareza que a mais fraca attenção baste para compreender, e o pensamento impressiona os espiritos, como o sol impressiona a vista. Não basta que o ouvido possa compreender-nos: mistér é, mais do que isso, que de nenhum modo nos possa deixar de compreender". Assim falava antiquissimo passadista, representante authenticico do dogma, da autoridade: o velho Quintilliano. E hoje, como naquelle tempo, continua cheia de actualidade a palavra do venerando autor das Instituições.

Quanto a mim, confesso que acho tão mysteriosas as paginas do Apocalypse quanto a versalhada dos vermelhos corypheus da reforma. Persio era de tal forma obscuro, conta o citado mestre de eloquencia, que o erudito São Jeronymo, desesperando de o poder entender, o entregou ás chammas, para estas penetrarem o que elle não pudera. Esse tal Persio foi, de facto, o precursor do futurismo.

Como eu, o publico ledor, com excepção dos iniciados, é um pobre S. Jeronymo deante dessa plethora poetica que está a abarrotar as livrarias. Só um incendio poderá decifrar tanta charada!

Modernizemo-nos; mas não confundamos liberdade com anarchia, literatura com adivinhação, lingua com geringonça. As artes, principalmente a da palavra, na qual se substanciam as catastrophes e glórias humanas, não ficam jamais indifferentes ás revoluções que se passam no seio das sociedades. A evolução esthetica marcha de par com as idéas e conquistas dos povos. Urge, pois, que sejamos contemporaneos do momento. Não nos satisfazem as oitavas de Camões, e soneto das arcadias, os alexandrinos de Junqueiro, as rimas ricas, os excessos da ourivesaria parnasiana; não nos agrada o ramerrão dos antigos methodos, as estreitezas e caturrices da velha poetica, que não condizem com as maravilhas modernas: então proclamemos a independencia da technica, a liberdade da arte. "As regras" — sentenciava Quintilliano, falando da eloquencia — "as regras variam segundo os casos, os tempos, a occasião e a necessidade". Para que melhor e mais insuspeito parecer? Abaixo, pois, o anachronismo dos velhos canones. Muito bem.

"Cria o teu rythmo a cada momento

 rythmo de harpas,
 rythmo de bronze,
 rythmo de pedras,

Cria o teu rythmo livremente."

preceitúa um dos mais commedidos e sensatos progonos do movimento modernizador, o Sr. Ronald de Carvalho.

De pleno accordo. Mas respeitem-se os direitos das conquistas humanas, da dignidade esthetica. Amontoar palavras sem rythmo nem correção, ócas ou enigmaticas, pode ser o que quiserem, menos arte, essa admiravel coisa que delicia ou commove a alma dos homens.

No que toca á brasilidade, a mim me parece que nacionalizar a literatura não consiste em cantar as proezas dos cangaceiros do nordeste ou

Porque, se attentarmos na historia, vamos ver que ha os mesmíssimos Lampeões lá pela China, e que a plastica, os bamboleios, os extases das pretas actuadas pertencem, de direito e de facto, á inspiração dos bardos africanos.

Literatura brasileira... Não creio nessas demarcações das letras, principalmente no que toca ao Brasil, prolongamento da civilização neolatina, accrescida de enxertos varios, por signal importantes e continuos, a afastarem cada vez mais o advento da homogeneidade racial, coisa aliás, pouco ou nada provavel.

Falta-nos o verdadeiro typo brasileiro e, com elle, essa consciencia collectiva, que cimenta as nacionalidades e dá algo de original ás obras da intelligencia. Além do mais, a idéa de unidade nacional anda a correr parelhas, por esse mundo fóra, com outra na apparencia innocua, mas a levedar fortemente nas classes obreiras — o antinacionalismo, o cosmopolitismo, que os reformadores sociaes vivem a prégar, em nome da felicidade humana. Utopia? Não é facil prever; mas, o que é facto, é que não podemos affirmar com segurança. No entanto, não se podem negar as tendencias modernas de fraternização dos povos, agitados quaae todos, nas mais diversas latitudes, pelos mesmos sentimentos, graças aos formidaveis progressos dos nossos tempos, approximando as nações mais distantes e fazendo-as commungar nas mesmas ideas.

Herdeiro das tradições do genio lusitano, importadores quotidianos, e sabemos lá até quando? dos saugues mais diversos, não poderemos tão cedo, talvez nunca, agir livremente, brasileiramente, em toda a extensão da palavra, pois os pendores ethnicos dormitam, mas difficilmente desaparecem. São uma coisa assim como fogo de monturo. Accresce que essa parte da gente mais ou menos caldeada e mimetizada, em que começa a esboçar-se um typo racial, ou melhor, dois principaes typos, o nortista e o sulista, essa parte da população em quic'escol deve estar

germinando o espirito nacional é, em grande percentagem, analphabeta e nem sabe, na maioria, o que vem ser ao certo, o Brasil. E sobre tudo isso (e está aqui factor principállissimo), somos ainda, e tão cedo não nos emanciparemos, grande colonia do irresistivel espirito gaulês, cujo poderoso imperialismo não só nos absorvem, senão tambem a toda a America latina, e, a falar verdade, infiltrou-se, de maneira mais ou menos intensa, em todos os recantos onde, um dia, aportaram a lingua, a cultura, as idéas de França. De sorte que, sem unidade ethnica e, além disso, sem grandes tradições a servirem de substrato a uma idéa-fixa de brasilidade, por mais original que forcejemos ser, não poderemos, talvez nunca, imprimir, como o inglês, o seu *humour*, o nosso sinete espiritual, absolutamente integrado e inconfundivel, em as nossas produções estheticas. Quando muito, enxertaremos nossos brasileirismos no viçoso galho transplantado do velho mundo, se é que não viveremos sempre a acompanhar, passo a passo, as conquistas, as idéas dos povos mais civilizados, cada vez mais seductores, mais universalizantes, mais humanos.

Não creio, pois, em literatura brasileira, como não creio em medicina indigena, no sentido ultranacionalista de exaltados pregoeiros, que pretendem enclausurar as letras patrias em muralhas chinasas. Applicada a pavorosa doutrina á arte de curar, dever-se-ia queimar a velha physiologia, a antiga therapeutica, a gloriosa microbiologia, acabar com tudo e começar de novo. Brasileiro curasse com remedio brasileiro, com sciencia brasileira, seria a divisa da tresloucada reforma. E a coherencia mandaria preferir á lampada de Edson as velas de carnaúba ou as candéas de azeite de carrapato. Absurdos e mais absurdos. Impossivel. Impossivel tambem libertarmos das influencias ancestraes e das tendencias de universalismo impostas pelos esplendores da civilização, cuja superioridade, diz uma lei da

dos, como até domina os vencedores. E é por isso, não padece duvida, que "a Europa será sempre um dos polos magneticos do espirito americano", como, em outras tempos, muito avisadamente, affirmara o Sr. Graça Aranha.

Demais, sou dos que pensam que não ha, em toda a latitude da expressão, literatura brasileira, ainda em controversia entre os criticos, nem tambem literatura francesa, nem grega, nem chinesa, aliás factos consumados para quase toda a gente. Essa adjectivação patria não é mais nem menos do que simples designação geographica. Não existem lindes nesse mundo maravilhoso. E a razão é que, no meu entender, as artes não valem pelo que reflectem do ambiente e da época, mas pelo que têm de humano. Por outras palavras disse o que ahí está o nosso insigne Aloysio de Castro: "A arte é sentimento, e só ha uma arte, a arte humana". Daqui, me parece, não serem as literaturas patrimonio somente das nações que tiveram a gloria de as produzir, mas de todos os povos, como as sciencias. E é por isso que o artista, ao modelar sua obra, no barro vermelho das margens do Mangaba ou no limo das bordas do Ganges, deve humanizá-la o mais que puder, para que, em vendo-a, estremeça, emocione-se todo o peito, onde houver uma alma que saiba sentir, em Paris ou nos confins do mundo. Catullo, o mais nacional dos nossos poetas, já transpôs as fronteiras da patria e não tardará que faça vibrar de emoções a sensibilidade dos japoneses. Tagore escreve na India, a milhares de leguas do meu torrão, e não enche de lagrimas os meus olhos brasileiros? Esse é o segredo da arte, que, precisamente por isso, não tem patria, é de todos, da humanidade inteira. E' uma dádiva dos céos ao pobre do animal, a quem, apesar de ligado indissolvelmente ás miserias da vida, como os demais bichinhos da terra, coube a suprema gloria e, talvez, em consequencia, o castigo supremo de possuir dentro

Os criticos ainda discutem sobre a prioridade da idéa ou da forma — Machado de Assis era de parecer que a inspiração é a alma da poesia. Para Buffon, porém, a indumentaria é mais preciosa que a propria essencia. Gourmont chegou ao exagero de afirmar que um só assumpto bastava, no mundo das letras. O estylo encarregar-se-ia do resto. E' possível que seja esta a verdade. Mas, o que não padecê duvida, é que, em materia de themas, ha ralé e aristocracia, ou melhor, ha uma gamma infinita, a exigir coloridos e tons os mais variados e variegados. Dahi, a verdade das palavras de Shakespeare: "para a pior idéa, a pior palavra", conceito a que Fialho deu mais expressão: "o assumpto é que dita o estylo".

Cassiano tinha imaginação alta e nobre, e era dono de farto vocabulario e preciosos recursos technicos, que a vestiam com propriedade e elegancia.

Rica, nobre, formosa, a sua poesia é quase sempre repassada de accentos melancholicos, muitas vezes é um queixume... Como que alheada do mundo, transbordante de soffrimentos, de saudades, de duvidas, a sua lyra, profundamente subjectiva, está sempre a reflectir as maguas do poeta, não acostumado a experimentar as delicias da alegria de viver, o segredo de muitos triumphos, o maior e o mais fecundo bem da alma humana.

Raramente sazouaram, ás margens da estrada da vida, que a sorte lhe abrija num deserto immenso, raramente ahi sazouaram os frutos da arvore da felicidade. Demais, era naturalmente taciturno. Essa tristeza, trouxe-a do berço. A quando menino de escola (conta um seu condiscipulo, o meu illustre confrade Paulino Santiago) chamava já a attenção de todos a sua alma fechada, toda voltada para o silencio e para os livros, coisa tão destoante das travessuras proprias aos collegiaes. No entanto, desde esse tempo, aquelle ar sombrio contrastava com os mais elevados sentimentos, de que viveu sempre chéa a sua alma bonissima. **Ahi a**

razão dessa corda plangente, dolorida, da sua lyra suave e encantadora.

Parnasiano ou condoreiro, foi quase sempre lyrista de grande envergadura. Verso fluente, linguagem polida, forma cinzelada, rythmo vario, Cassiano possuia todas as qualidades de grande poeta. Parnasiano, foi comedido. Não abusou nunca do cinzel. Limava seus versos; mas esse esmero não tocava á superstição, defeito do seu tempo. As rimas ricas não lhe enturvavam a clareza do dizer, nem a belleza dos sentimentos. Condoreiro, não era a sua arte deleite só do ouvido. Casando á maravilha o pensamento e a forma, attingia sempre a harmonia tão anhelada dos artistas, harmonia que é a propria perfeição.

Oicamo-lo, no "O Juramento", onde, discipulo de Bilac, nos conta uma historia de amor:

Hontem, quando parti, do firmamento
Jorraram luzes. Meu amor, ao vè-las,
Disse: andarás commigo em pensamento
Enquanto pelo céo houver estrellas.

Sahi sorrindo. Meu olhar attento
No azul buscava as louras sentinellas,
Do alto velando pelo juramento,
Firmes, risonhas, limpidas e bellas.

Mas hoje a noite desce muito fria.
Envolve tudo tenebroso véo.
E as luzes pelo azul... quem ha-de vè-las!

Corre no espaço a voz da ventania,
Morreu-me a luz do amor, porque no céo
Desmaiaram as ultimas estrellas...

De raro em raro desabrocha, no coração do nosso vate, a flor do contentamento. flor exotica no meio das suas maguas e desesperanças. Vejamo-la, transmudada em versos leves e sonoros, como estas quadrinhas pantheistas, chéa da milagrosa alegria de viver, com que foi tão parcamente aquinhoado o nosso Cassiano:

Vendo e revendo os passaros no infinito
Bater as asas pelo azul da esphera,
Penso na gloria que elles vão sentindo
Nesta renovação da primavera,

Sol, ó lindo sol, quando os teus recamos
Em ondas de ouro moço do alto descem,
Pela concha do espato e pelos ramos
Os amores dos passaros florescem.

A primavera é o grande livro de ouro
Em cujas folhas brancas e formosas
A natureza escreve o seu thesouro,
Um poema de lyrios e de rosas.

O sol resurge às portas do oriente,
Animado da febre de quem ama...
E quando, á tarde, morre no poente,
Um esplendor de purpuras derrama.

O mar se encalma como o céo, tranquillo,
E as ondas quebra placidas, quietas...
O marulhar das aguas, vinde ouvi-lo
Sonhadores, artistas e poetas.

Rios cantado, ninhos florindo, asas
Leves, riscando curvas pelo espaço...
Oh primavera, como que tu casarás
As docuras do mundo num abraço.

O teu poder renovador encanta
E nesse perfume que de ti emana,
Sinto que tambem vibra e tambem canta
Uma parcella de alegria humana.

O homem, a planta, o rio, a flor, o lume,
O campo, a terra, o mar, o ninho, a fera,
Tudo bebe ansioso esse perfume
Que é a alma, a vida, a voz da primavera.

Mas, foram raros poemas como este.
Sempre e sempre a roçar-lhe o
estro a asa da tristeza. Leiamos o
"Lago", verdadeira joia literaria,
cuja suavidade de expressão e pro-
fundeza de idéa nos transfundem no
peito melancholia e enternecimento:

Ha na velhice, a verdadeira idade
Da vida, um lago limpido, macio
Sem nevoas, sem rumores, sem desvio,
Cuja nascente vem da mocidade.

Quando da lua a branca claridade
Envolve o lago em longo beijo frio,
Corre no coração, como no estio,
Uma doce, idéal serenidade.

Porém, se uma asa pelo sol ferida,
Na desesperação da dor insana,
De leve encrespa a superficie calma,

Muda-se o lago em agua revolvida,
Palpitam maguas e no fundo da alma
Ferve o marulho da saudade humana.

Bellos versos, não ha negar. Delicados, sonoros, ungidos de estranha brandura, tão da indole da sua musa suavissima.

Nem sempre, porém o nosso bardo embebia a sua palleta nessas côres brandas, delicadas. Uma que outra vez, essa simplicidade, essa como que ternura, em que plasmava os seus versos, elle substitue por expressões impetuosas, gradiloquentes, coruscantes. Nesses momentos, é um authentico discipulo de Hugo. Canta com tal exaltação, que nos parece ouvir a tuba estrondeante de Junqueiro:

Tremo fitando o mar. E em pavoroso grito
Esse velho guerreiro em colera troveja.
E ora vae, ora vem, ora louco, espanja
A vaga para o azul, a insultar o infinito...

Como doido leão, desesperado e afflicto,
Recua, e avança, e brame, e enfim, a praia
[beija.

E a tonitrua canção que a espaços espumeja,
Parece o desabar de um mundo de granito.

Mas, por que rugo o mar nessa furia sem
[nome?

Que medonha paixão o peito lhe consome?
Por que tanto bramir? Por que tamanha
[guerra?

O' Valente guerreiro, ó lutador insano,
Se não és o gemer do coração humano,
É's o verbo de Deus soluçando na terra.

Poeta dos mais inspirados e eloquentes, não se pode negar, o Cassiano. Os versos que ahi ficam de sobejo o attestam. Se a sua lyra não emociona as plantas e commove as proprias feras, como a de Orpheu, sei de sciencia certa que encanta a alma de quem lhe ouve as suaves e enternecedoras vibrações.

Apesar da sorte adversa, das agruras da luta pela vida, cada vez mais accesa, nunca uma blasphemia, nunca um momento de pessimismo. A mesma bondade de sempre. Voltava-se

para as riquezas do seu mundo interior e conformava-se.

Humilde funcionario do Telegrapho Nacional, mal podia occorrer ás suas despesas com o exiguo ordenado. Taciturno, timido, não sabia pedir: ahí se deixou estagnar, resignado. Em compensação, no recolhimento do lar, era um nababo de venturas. A adoravel companheira, a sua Abigail, meiga, formosa, uma como apparição celeste, enchia-lhe de encantos e ternuras a vida trabalhosa. Mas, foi um oasis a felicidade. Abigail desapareceu prematuramente. O deserto, açotado do simun, requeimado da soalheira, novamente se lhe deparou vasto, interminavel. Uma ou outra miragem... e a desolação. Não resistiu. Pouco tempo depois, succumbia ao peso das saudades, do infortunio.

Pobre Cassiano! Sua alma endireitou para as bandas mais azues do céo, onde deviam estar a esperá-lo os carinhos da sua adorada Abigail.

*
**

Poeta substituido por medico... Chacante. Mas, na verdade não o é, porque Esculapio tem desertado varias vezes a realidade, divagado pelo mundo das fantasias. Demais, o sofrimento humano irmaniza-os, medicos e poetas, confunde-os muitas vezes, nesses tenebrosos momentos em que, no horizonte da vida, pegam a desenhar-se os primeiros tons do crepusculo... Então, o medico, "se não basta a sciencia, cede o lugar ao poeta da bondade". Sem duvida, aqui nestas palavras de Mario de Alencar, está a mais certa razão porque era Apollo o deus da poesia e da medicina. E se o formoso irmão de Diana presidia aos destinos de ambas, claro é que a divina arte de cantar e a não menos divina de curar não se embatem, antes se entrelaçam. Por onde vemos que não se firmam em bons argumentos os que arguem o amor das letras nos medicos. A não ser que, esquecendo-se dos seus deveres, levasse o profissional todo o tempo a poetar, e, nas horas vagas, tra-

tasse de oitiva os seus clientes, á revelia da sciencia e da arte.

Já dissera o grande Ferreira, tantissimas vezes citado nestas circunstancias:

Não fazem damno as musas aos doutores,
Antes ajuda ás suas letras dão.

E a affirmativa do poeta anda comprovada a cada passo. Não são poucos, no Brasil, os esculapios enamorados das letras. Um dos nossos mais famosos archiatras, quando moço, poetou e bem. Passada a quadra dos sonhos, continuou a cultivar o bello na prosa elegantissima em que vasou as tão famosas lições de Clinica Propedeutica. Dentro desses dois volumes admiraveis, que constituem um dos mais altos monumentos da nossa literatura medica, casam-se admiravelmente a vastidão da sciencia, o estylo elegantissimo, a idolatria da lingua. Refiro-me ao nosso tão celebrado Francisco de Castro. Seu luminoso lugar na sciencia brasileira é occupado por outro excelso varão, cujo nome é tambem um padrão de gloria da patria. Falo de Miguel Couto, o clinico eminentissimo, sabio de fama e artista da palavra. As suas preciosas lições de Clinica Medica nos encantam, a nós clinicos, não só pela farta copia de factos e documentos, senão tambem pela clareza, originalidade, cultura e, especialmente, pela elegancia do dizer, simples e polido como o mestre.

E Aloysio de Castro? Este, na verdade, é o mais authentico modelo de ministro de Apollo: enquanto pontifica na cathedra de neurologia, como a nossa maior summidade no assumpto, anda a enlevar-nos a alma com os primores de sensibilidade do seu Rimario.

Isso, no Brasil, para não alongarmos os exemplos. No resto do mundo, a mesma coisa. Não raro, os grandes modelos da arte de curar são tambem cultores da prosa ou do verso. Nas paginas da obra immortal de Trousseau, um dos maiores genios da medicina, andam a porfiar o cli-

nico inexcelsível e o primoroso mestre da prosa francesa. Claude Bernard, "que não foi um physiologista, mas a propria physiologia", no dizer de um contemporaneo, escrevia com tal graça e elegancia, que, ao recebê-lo na Academia Francesa, disse Patin: "Vous avez créé un style".

Ora, tanto vem a significar que se não repellem as letras medicas e as boas letras, muito pelo contrario, a linguagem scientifica tem mistér da clareza e elevação, e essa clareza e elevação é segredo dos habéis maneja-dores da palavra. Claro é, senhores, não procede a arguição contra os esculapios que, roubando algumas horas de ocio, se embrenham pela illusão a dentro, em cata dessa belleza e harmonia, desse augusto mundo de cores e sensações, que a realidade prosaica da vida não nos pode jamais deparar. Demais, nos tempos que ahí vão, egoistas, corrompidos, sem piedade nem fé, verdadeiro estado de desequilibrio, de descrença, de incertezas, feliz da pobre formiga que nasceu com o destino da cigarra.

A vida é triste, dura a realidade, a morte certa. E' preciso uma pouca de illusão, lá na fimbria do horizonte; necessario é um pouco de aroma neste charco de lamentos e vilanias. E a vida do medico, entre a aridez dos cartapacios scientificos e as dores humanas, entre as agonias do moribundo, a confiar ainda nos ultimos recursos da sciencia, já impo-tente e mentirosa, e o pranto, as sau-

dades dos que vão ficar, a vida do medico é a mais dura e real das realidades. A toda a hora, face a face com a dôr, braço a braço com a morte, frente a frente com as mais acerbas desillusões. No formigueiro humano, de tanto lidar com o soffrimento, de ver tantissimas vezes a insignificancia do pobre orgulho humano, é o medico, senhores, a formiga mais compenetrada do seu nada.

Aloysio de Castro, columna de oiro da medicina patria, expressou toda a grandeza do nosso sacerdocio, os travores todos da nossa longa rua-da-amargura, nestas palavras verdadeiras: "O coração do medico é urna de immensas dores."

Pois que assim é, pois que em nós a vida é tão real e a realidade demasiado crua, não nos reprocheis, senhores, que, na desolação do nosso officio pesadissimo, entre, de vez em quando, uma restea de illusão, borboleteie a asa doirada da fantasia. Não censureis more no coração do medico, onde vive pobre formiga trabalhadora e generosa, pobre formiga que desperta com as ultimas estrelas e muitas vezes com ellas vae dormir, não censureis, senhores, ahí more tambem, tambem se oiça ahí, uma por outra vez ao menos, uma dessas cigarras cantadeiras.. uma cigarra assim como essa que enchia de enlevos o triste coração de Casiano.

A INSPIRAÇÃO DA ESCOLA ACTIVA ENTRE NÓS

Já no tempo do prof. José Prudente, na cidade de Alagôas, havia exercicios que hoje são desconhecidos aqui, — noções de agricultura practica, que elle dava num sitio que sua honrada familia ainda conserva.

Prof. Joaquim Ignacio Loureiro.

A ARANHA

João Barreto de Menezes

da Academia Pernambucana de Letras

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Admiro a obra artistica da aranha,
que insectos vê caindo na cilada...
Um a um os devora, renovada
sempre a mesma manobra em que os apanha.

Descendo numa rapidez tamanha,
ao descobrir a victima enleada,
logo sobe, depois de saciada,
e nos proprios tessidos se emmaranha.

Em face dessa scena repetida,
não deixo nunca de igualar a vida,
chêa de ansias e vinculos crueis.

Torturado nas intimas entranhas,
O homem se estorce entre porção de aranhas,
Todo envolvido da cabeça aos pés.



A CIGARRA

Luis Áccioly

da Academia Alagoana de Letras

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

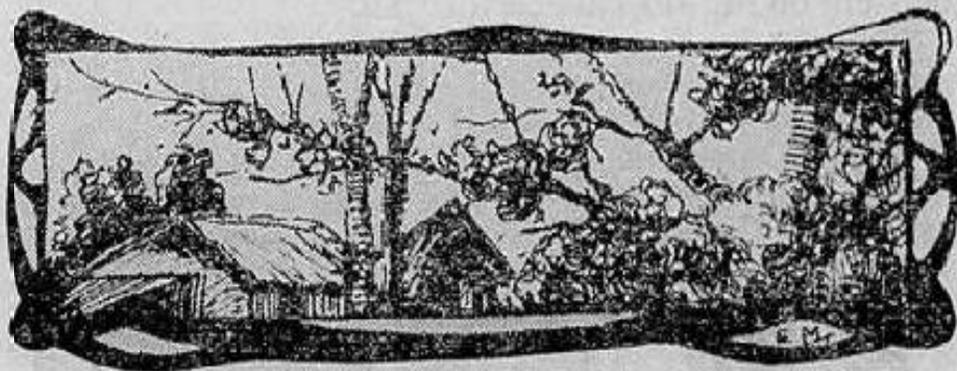
Na ontogenia da tua origem mysteriosa, jamais entomologista, por mais percuciente, penetrou o segredo do teu ser formado do contraste da tua inexpressividade esthetica, com o divino clarão do teu canto.

Es a alma harmoniosa das folhas mortas, na sombra invisivel da melancolia com que annuncias o outomno — a melancolia suave e doce dos outomnos tropicaes, sorridente na tonalidade gaia das mangueiras, na pompa rubra dos roseiraes em flor..

Doce symbolo humilde que te oc-

cultas nesse casulo errante e fragil, onde vives o tempo de contentares a volupia auditiva dos que te comprehendem, o fugitivo instante em que te objectivas nessa commovedora expressão de vida ephemera, no sacrificio a que te condemnou o destino de cantar e morrer.

Amo-te, doce sombra de belleza, commovida modulação do amor e da saudade, amo-te no desprendimento inconsciente do teu sacrificio, na invisivel tragedia da tua belleza e da tua finalidade...



O Estado de Alagoas, de accordo com o mappa rodoviario que acompanhou a Mensagem governamental deste anno, conta estimativamente 1.130.000 habitantes, numa area de 30.000 kilometres quadrados.

AS IDÉAS NOVAS DA INSTRUÇÃO

Bernardes Junior

da Academia de Sciencias Commercias de Alagoas

I — Não tivemos a ventura de ver nem de ouvir dona Mercedes Dantas, na sua farfalhante passagem por esta capital, como valorosa embaixatriz da pedagogia moderna, especialmente enviada ás collectividades escolares do norte por duas das mais reputadas entidades instructivas e educacionais do Rio de Janeiro.

Alguns amigos tentaram aproximar-nos della, pedindo-nos visitá-la no *Luso Brasileiro* ou comparecermos á sua conferencia no Instituto Historico. A' nossa recusa, como a demonstrar que não tínhamos o direito de fugir á vibratilidade progressora deste momento, nesse magnifico ramo de actividade que é a instrucção, houve quem lembrasse a campanha em que, ha mais de tres lustros, nos empenhamos pela reforma dos nossos methodos de ensino de então, na qual, varias vezes, tivemos de travestir-nos naquella trefega *Antonia de Oliveira* para, mais commodamente, podermos transformar a penna em azorrague apto a enxotar do nosso meio certos impostores que vinham doutros arraiaes tentar aqui o conserto de suas finanças em conferencias a tantos mil réis *per capita*, procurando impignir-nos theorias pedagogicas mais ou menos estapafurdias.

A essas ponderações, respondemos:

—O tempo do idealismo passou.

Quando da nossa malfadada iniciação literaria, tínhamos o sr. Julio Dantas como o maior camafeu da intellectualidade portuguesa, erigindo-o nosso idolo, liamos e realiamos, com appetite de glutão, tudo quanto a sua penna maravilhosa produzia. Entretanto, Julio Dantas, dando ensejo a um dos mais esplendidos successos do ambiente letrado alagoa-

no, no ultimo decennio, por aqui passou. Não o vimos nem o ouvimos. Não é que se tivesse arrefecido de todo, em nosso intimo, a admiração do mestre. Não. Prohibiu-nos daquelle prazer espiritual o insulamento voluntario do nosso mundo intellectual a que nos votamos e do qual não desejamos, de maneira alguma, sahir.

Ha cerca de quinze annos, só nos preocupamos com cousas praticas que possam produzir algum resultado immediato para nós ou para a nossa terra. Se este proposito cada dia mais se arraiga no nosso espirito, como poderíamos procurar ver e ouvir dona Mercedes Dantas, que já conheciamos através de alguns volumes de literatura incontestavelmente boa?

—E' uma letrada, que apenas se distingue de tantas outras pela coragem de affrontar o tratamento incommodo de alguns hoteis do nordeste,—respondemos ás ultimas ponderações que nos eram feitas a respeito do seu encontro.

Não queremos historias com literatos.

E' possivel que o nosso glorioso amigo sr. Jorge de Lima esteja, de facto, a produzir obras geniaes, conforme attesta a brava coorte de seus incensadores de inter e extra-muros alagoanos. Ao nosso ver, porém, de tudo quanto elle tem publicado ultimamente, salvam-se somente os seus eruditos artigos a respeito da pinha e a metade do sobre a mensagem do sr. Alvaro Paes. Dois simples casos de humanização, de vulgarização que demonstram fartamente quanto o jovem sabio poderá ser util á nossa terra, quando se integralizar no senso pratico e deliberar divulgar as suas observações.

Os demais, — desde *A Comedia dos Erros* até onde começa *Um trecho da mensagem governamental*, — não passa de acrobacias de um talento privilegiado que se interessa vivamente em escandalizar a burguesia, drapejando, sumptuariamente, *conceitos para todo o mundo e conceitos para ninguém*.

Mas, como nos enganavamos a respeito de dona Mercedes Dantas?

Não é ella simplesmente a literata que conheciamos e de cujo contacto fugimos, receando o constrangimento que poderiam produzir-nos as suas idéas a respeito da instrucção.

Não somos partidario da escola antiga. Não cremos nas virtudes dos castigos corporaes. Não desejamos a persistencia dos exercicios mentaes na retenção das lições e nem de tantas outras praticas empiricas condemnaveis. Mas, não podemos concordar com certas novidades que por ahí andam preconizadas para a formação physica e intellectual da juventude. Essa, por exemplo, de nivelarem-se crianças de compleição physica debil a outras robustas, num mesmo exercicio de gymnastica, não se attendendo a certos estados morbidos, parece-nos absurda.

Já em 1913, ou 1914, depois de assistirmos a varias aulas no então Primeiro Grupo Escolar desta capital, sob a direcção do sr. Luis de França Cerqueira, corremos ás columnas do "Jornal de Alagoas" e apresentamos as nossas alviçaras á mocidade maceioense, em varios artigos. Viamos, claramente, ali, os novos rumos que se abriam para a instrucção publica de Alagoas, mercê da orientação pedagogica daquelle seu devotado servidor.

Ainda hoje nos recordamos da perfeição com que eram feitos os exercicios da Carta de Parker, de como se ensinavam a geographia e a corographia, a calligraphia vertical e o ambidextrismo.

Infelizmente a permanencia do sr. Luis Cerqueira á frente daquelle estabelecimento de ensino foi muito

curta. Meses depois da sua saída, lá voltamos e, com tristeza, notamos que tudo estava mudado. O empirismo tinha voltado, com os seus prejuizos e preconceitos, embotando o espirito infantil.

Depois que daqui saiu dona Mercedes Dantas e já convenientemente inteirado dos motivos de sua missão patriótica, quisemos conhecer a sua opinião a respeito das nossas escolas, buscando nos archivos destas as impressões que lá deixou registadas.

Fomos em primeiro lugar ao Grupo Escolar *D. Pedro II* e lemos:

"Deixo ao pessoal docente do Grupo Escolar *D. Pedro II*, que visito em nome da Directoria Geral da Instrucção Publica do Rio de Janeiro e da Federação Nacional das Sociedades de Educação, as minhas congratulações pelo esforço, dedicação e idéal educativo que põe a serviço da grandeza do Estado, educando as crianças, orientando-as para a vida mesma."

Nos Grupos Escolares *Oliveira e Silva*, de Pilar, e *Diégues Junior* deixou ella escriptas impressões mais ou menos identicas, sendo, entretanto, um pouco mais prodiga em elogios ao *Fernandes Lima*:

"Nelle encontro, com satisfação, trabalho organizado já sob a inspiração renovadora e constructora de seu director, o dr. Cerquinho Nunes, e o idéal que ha de levar este estabelecimento de ensino aos triumphos sociaes e educativos para que foi criado e orientado"

De nenhum, porém, infelizmente, pôde ella dizer o mesmo que disse a respeito do Grupo Escolar *João Barbalho*, de Recife, no qual encontrou funcionando as "aulas especiaes e praticas de physica e chimica, historia natural, geographia, agronomia, bem como os jogos que se estavam realizando no pavilhão de gymnastica e os ensinios praticos de agricultura que eram feitos no campos de horticultura da escola":

"Encontro a Escola Activa, a derradeira expressão da moderna pedagogia. Mas a Escola Activa

completamente applicada e admiravelmente orientada por d. Helena Pugo e suas dignas auxiliares."

E mais adiante:

"Um milagre de assimilação e de comprehensão, de sacrificios e de força de vontade, a Escola Activa do Grupo Escolar *João Barbalho*."

Isso demonstra que os nossos vizinhos do norte, a despeito da opposição formidável que certa imprensa e algumas pessoas fizeram contra os processos reformadores do sr. José Escobar, têm progredido bastante em materia de instrucção publica.

Dóe-nos immensamente ler declarações como estas, ditadas pela lealdade e a franqueza com que o sr. Alvaro Pães escreveu a sua mensagem:

"A instrucção, que existe, é muito elementar e distribuida por um numero reduzido de menores. O Estado não pode augmentar o professorado e melhorar as installações das escolas. Ainda não temos estabelecimentos estaduais de ensino profissional e urge creá-los para que o custo da nossa producção, pela acção de bons operarios armados de conhecimentos uteis e de uma technica mais adiantada, possa supportar o embate dos nossos concorrentes, hoje mais bem aparelhados do que nós."

Realmente, o Estado vive á mingua de recursos financeiros para manter um serviço de instrucção publica na altura das nossas necessidades, conforme assignala a palavra official.

Muito podem, porém, a boa vontade e o patriotismo, quando bem orientados. Já ahi está fundada a Sociedade Alagoana de Educação, a cuja frente se encontra um pugilo de lutadores como Luis de França Cerqueira, Sidronio Augusto, Adalberto Marroquim, Auryno Maciel e Craveiro Costa, e de cuja actuação muito devemos esperar. E' preciso que se movimentem todos os amigos da instrucção, indo ao encontro do sr. Alvaro Paes, auxiliando-o a cumprir este desejo:

gas de que, em Alagoas, se formará uma mentalidade nova, alimentada no ardor civico e no trabalho civilizador das suas populações com o milagre da diffusão do ensino primario, desde o litoral aos sertões mais afastados."

Esse periodo enseja-nos uma observação: com os insignificantes recursos de que dispomos, podemos, desde já, criar a Escola Activa, dando-lhe o caracter de cada zona onde se encontre. Poderemos, com um pouco de sacrificio, distinguir as escolas do litoral, as das matas, as do sertão e as do S. Francisco, procurando ensinar ás crianças os elementos constituitivos, sob o ponto de vista economico, de cada um desses ambientes. Para isto, não precisamos de mandar buscar instructores fóra. Aqui os temos, graças a Deus, com os conhecimentos technicos e o devotamento precisos para realizar, com exito, essa tarefa patriotica.

A' frente da Instrucção Publica se encontra o sr. Miguel Baptista. Com a franqueza que nos caracteriza, devemos dizer que, quando o governo entregou a esse cavalheiro a direcção de tão importante serviço, ficamos estarrecidos.

Quem é? Donde veio? Uma simples carta de bacharel é credencial bastante para investidura de tão alta importancia, maxime quando o governo declara entender "que sem a responsabilidade immediata dos directores de serviço, nada se obtem de consistente"?

Fomos sondá-lo. Desde logo notamos que se trata de um homem modesto, cheio de um grande desejo de acertar. Não era bastante. Queriamos saber mais. Perquirimo-lhe a origem. Com satisfação, chegamos á evidencia de que o sr. Miguel Baptista faz parte de uma familia de professores. Um seu irmão dirige brilhantemente um Grupo Escolar na capital da Parahyba. Irmãs suas são professoras no interior daquelle Es-

collegios famosos na terra do sr. João Pessoa e em Recife.

O governo tinha acertado.

Resta agora que o sr. Miguel Baptista dê aqui provas da sua capacidade. E elle já as está dando.

II — Temos necessidade imperiosa de lançar mão da escola publica como factor decisivo da fixação do individuo ao seu ambiente nativo, tornando-a um meio seguro de combate contra os agentes nefastos que conduzem ao tantalismo urbanista, magistralmente descripto pelo sr. Alvaro Paes.

A orientação que temos seguido até agora, se não é absolutamente contraria a esse *desideratum* pratriótico, pelo menos tem sido inocua, uma vez que os nossos livros didacticos não reflectem as imagens do local onde são applicados e nem a maioria do nosso professorado ainda se resolveu a reparar essa deficiencia.

Aliás, esse defeito educacional não é somente nosso. Está radicado em grande parte do nosso pais e do estrangeiro, porque a escola activa ou escola do trabalho ainda não conseguiu implantar-se geralmente, extinguindo de vez o empirismo e a rotina.

Lorenzo Luzuriage, traduzindo para a Espanha o livro de Jorge Kerschenshtelner sobre *Arbeitsschule*, transcreveu, sem nenhuma restricção, estas palavras de John Dewey:

“El mayor defecto de nuestra educacion actual es que ensina a los niños todo lo que está lejos de ellos, y los deja completamente ignorantes sobre todo lo que se encuentra en sua proximidades. Por esta causa existe ahora un abismo tan enorme entre la vida y nuestra escuela. La escuela es un mundo extranho, en le que el niño oye cosas muy diferentes de que las que ve en la vida...”

A escola moderna, com a alphabe-tização, deve dar ás crianças certos conhecimentos praticos que as habilitem a lutar, com exito, pela vida,

no proprio ambiente onde nasceram. Nas zonas ruraes, os mestres devem ter a maior preocupação em premunir os seus discipulos de noções sobre a cultura dos campos, desenvolvendo nelles um amor intenso pela terra, pelas plantas e pelos animaes, procurando gravar-lhes na memoria a sabedoria maravilhosa que se contém nestes versos de Bocage:

Nos campos o villão sem susto passa,
Inquiêto na côrte o nobre mora;
O que é ser infeliz aquelle ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça.

Aquelle canta e ri: não se embarça
Com essas cousas vãs que o mundo adora:
Este (oh cega ambição!) mil vezes chora,
Porque não acha bem que o satisfaça.

Precisamos criar, entre nós, a escola do trabalho, a escola activa, é claro que sem os transbordamentos realistas que o sr. José Escobar pretendeu introduzir em Pernambuco. Para tudo ha o meio termo ditado pelo senso commum e pelos elementos de que se dispõe, não assistindo a ninguem o direito de provocar escandalos e nem offender á pudicicia de nossos costumes com a applicação de teorias reputadas contrarias á moral individual e collectiva.

Não podemos dar saltos em materia de sociologia e os que pretendem fazê-lo, desattendendo aos nossos prejuizos e preconceitos, dão lamentaveis provas de falta de ethica.

Petit à petit l'oiseau fait son nid.

Se, na realidade, não deliberámos ainda corrigir certos compendios escolares, temos, porém, gente perfeitamente apta para applicar com intelligencia, alguns principios educacionais que muito podem contribuir para a elevação do nivel moral da instrução, facilitando e tornando agradável a tarefa do mestre e do alumno.

Ahi está, por exemplo, a srta. Maria Rosalia de Ambrozzio a pôr em pratica o methodo de Montessori.

Onde aprendeu? Quem lhe ensinou a executar com tanto carinho a obra da immortal pedagoga italiana?

Ninguém. Correspondeu apenas a uma suggestão do sr. Craveiro Costa, quando director do Grupo Escolar "Diégues Junior".

A srta. Maria Ambrozio estará só no magisterio publico de Alagoas?

Não, certamente, maximé depois que a Escola Normal se converteu num centro de cultura pedagogica digno de todos os elogios. O sr. Alvaro Paes, na sua mensagem, se exprime desta maneira a respeito do que pessoalmente viu naquelle estabelecimento:

"As provas de exame a que assisti na Escola Normal, impressionaram-me fundamente: deram-me a convicção confortadora de um trabalho efficiente e honesto e a certeza de que contaremos dentro em breve com um professorado capaz."

De facto, quando toda essa brilhante mocidade que tem cursado a Escola Normal nos ultimos annos, espalhar-se por todo o Estado, distribuindo, de povoado em povoado, de vida em villa e de cidade em cidade, o pão bento da instrucção primaria, operar-se-á, certamente, uma reforma geral dos nossos methodos educativos, annullando-se certas falhas que por ahi existem. Entretanto, é mister assignalarmos que a instrucção popular que actualmente se opera entre nós, embora deficiente, conforme declara em sua mensagem o sr. governador do Estado, revela o esforço e a abnegação de um puñado de mulheres, pois que é raro o elemento masculino nessa esphera do serviço publico, devido á exiguidade da retribuição monetaria que se destina á paga desse mesmo serviço. É isso uma triste consequencia da nossa pobreza, da nossa falta de dinheiro, das difficuldades financeiras com que a administração publica vive em luta frequente, uma vez que sem o prosaico *vil metal*, infelizmente não se póde instruir bem o povo, por maior que seja a boa vontade dos governos.

Precisamos, portanto, ir-nos servindo dos poucos meios de que dispo-

des ruraes um melhor aproveitamento de sua capacidade de trabalho, assumindo o professorado publico o papel de genero dos seres, cujo desbravamento da intelligencia lhe está confiado, para a execução dessa elevada finalidade.

Desde que o professorado do interior delibere chumbar os seus alumnos á terra, despertando-lhes o amor pelas occupaões ruraes, de modo que se forme, mesmo entre o proletariado, uma nobreza agraria em que cada um procure distinguir-se por uma maior actividade no manejo da enxada, do arado, da charrua e no trato do boi, do cavallo, do carneiro, do porco, da gallinha etc., poderão apparecer melhores dotações orçamentarias destinadas á instrucção.

Tudo depende da boa orientação para o trabalho productivo.

O homem, que aprende a assignar o nome e a ler corrido em escolas desprovidas de aparelhamento confortavel, como são a maioria das do interior do nosso Estado, se fór bem norteado para a agricultura e a criação, poderá ver seus filhos educar-se em estabelecimentos a que nada falte no tocante aos recursos pedagogicos e preceitos hygienicos. Os resultados do seu labor reflectir-se-ão na receita publica que terá de custear a instrucção de seus descendentes e varios outros serviços de utilidade geral.

Estamos convencidos de que, a despeito de todos os embaracos que defrontamos, as escolas primarias alagoanas, sem quebra da sua unidade fundamental, podem ser guiadas pelas differenciações dos locais onde se acharem installadas, amoldando-se ás singularidades das respectivas regiões: urbanas, ruraes e litoraneas. Deve ser "como um vestibulo do meio social, integrando as gerações na comunidade pela adaptação crescente da escola ás necessidades do meio".

A instrucção popular applicada na ruralização, num Estado como o nosso, onde ha quatro zonas distinctas — a da praia, a da matta, a do agreste e a do interior — á incontes-

tavelmente, um problema difficil.

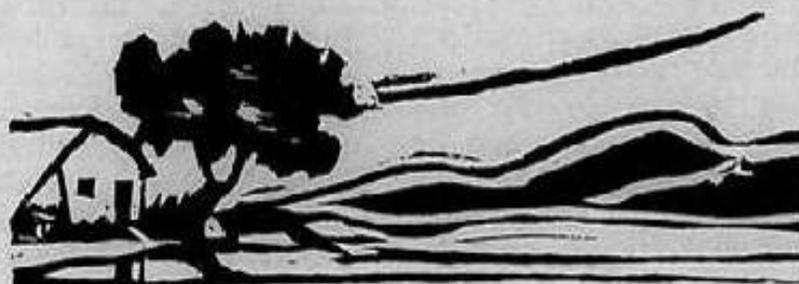
Mas, o homem que tem a coragem de proseguir na construcção de estradas de penetração, com o patriótico intuito de aproximar os centros productores dos mercados consumidores e exportadores, no momento em que rarêa numerario nas arcas do thesouro, terá forças sufficientes para resolvê-lo, preparando para o nosso Estado um futuro prospero,

cuja pedra angular será a formação de individuos uteis que se devotem ao trabalho intelligente, honesto e methodico.

Resumamos. Para não reincidirmos no epitheto de maçante, demos a palavra a outra lusa furia sonora, aconselhando a modificação, embora gradativa, de certas escolas que são:

Um attentado,

Um logro feito ao progresso.



Americanos, se vos informassem da descoberta de uma mina de carvão, capaz de dar 10 % de renda, vós a ella accorrieis pressurosos; não obstante, ha individuos que deixaes crescer ignorantes, quando delles poderieis tirar 40 % a 50 % ou mais.

Vós vos occupaes continuamente de machinas e capitaes; mas a primeira machina é o homem, o primeiro capital é o homem, e vós o esqueceis!

HORACIO MANN.

INSTRUÇÃO MORAL E CIVICA

O Dia de Tiradentes

Na Escola Normal

Prolecção da Srta. Djanira Marroquim de Souza, quartannista.

Meus senhores:

A data de hoje nos lembra um dos grandes martyres da Independencia — TIRADENTES.

Foi no espirito dos môços brasileiros, estudantes de Montpellier e da Universidade de Coimbra, que primeiro se manifestou a idéa da liberdade de nossa patria.

Ao mesmo tempo que José Joaquim da Maia, em Paris, entretinha conferencias successivas com o glorioso embaixador da União Americana, Thomás Jefferson, a ver se conseguia o auxilio da recente republica para a grande empresa, Domingos Vidal Barbosa e José Alves Maciel regressavam á patria no afan de levar avante e com exito o empreendimento.

Expondo Joaquim da Maia os seus planos ao Ministro Jefferson, este respondeu ser impossivel dar o apoio que pedia; mas, se elles conseguissem realizar a revolução, por certo despertariam vivo interesse nos Estados Unidos. Desilludido, vendo desfeitos os seus projectos, José Joaquim da Maia voltou para Lisboa e, quando se preparava para regressar ao Rio, falleceu.

Chegou então a Minas um companheiro, Domingos Vidal Barbosa, que se juntou aos homens preparados e doutos que alli viviam: o coronel Ignacio de Alvarenga Peixoto, os tenentes-coroneis Domingos de Abreu Vieira e Francisco de Paula Freire de Andrade, os drs. Claudio Manoel da Costa e Thomaz Antonio Gonzaga, ouvidor da comarca de Villa Rica, os padres Carlos Correia de Toledo e José da Silva Oliveira Rollim, ju-

risconsultos, medicos, poetas etc., tomando vulto a idéa de revolução.

Por essa epoca erros economicos dos governadores e falsas especulações, levaram o povo mineiro á ruina completa.

O desanimo era geral. O rendimento do ouro era insignificante e de ha muito não attingia o "minimum" exigido pelo rei.

A tyrannia tornava-se cada vez maior. Havia necessidade da "derrama", isto é, cobrança obrigatoria dos impostos atrasados. Era demais, pois as condições dos mineiros não lhes permittiam esse pagamento.

Pensavam então os revolucionarios que o meio unico de acabar com a extorsão era proclamar a Independencia do pais.

Faltavam-lhes, no entanto, a energia e a dedicacão de um chefe, um homem resolute que encarasse a idéa revolucionaria. Este homem, de nobilissimo character e de uma coragem indomavel, foi o alferes de cavallaria, José Joaquim da Silva Xavier, alcunhado, pela sua profissão de dentista, Tiradentes.

Indo Tiradentes ao Rio e ahi encontrando-se com José Alves Maciel, recentemente chegado da Europa, concertaram nesse encontro o plano da revolução.

Os dois apaixonaram-se pelas idéas emancipadoras; e, enquanto um planejava e examinava os meios seguros de attingir ao fim aspirado, o outro se encarregava de fazer a propaganda necessaria. Passaram pois, a Villa Rica e, pelo caminho, começaram a propagar as idéas que os entusiasmavam. Reuniram-se todos os conjurados em casa de Claudio Manoel da Costa (em Villa Rica) onde foram organizar as leis da futura republica, assim como resolver a mudança da capital para S. João de El-Rei e como deveria ser a futura bandeira do novo Estado.

Tiradentes, de espirito religioso, queria que constasse de tres triangulos entrelaçados, como allusão ás tres pessoas da S. S. Trindade.

Prevaleceu, porém, a opinião de Ignacio de Alvarenga Peixoto por ser mais allusiva á liberdade: um genio quebrando ferros, com o distico — "Libertas que sera tamen", liberdade ainda que tardia.

Fôra então o Visconde de Barbacena, governador de Minas Geraes, avisado da conjuração.

O coronel de cavallaria, Joaquin Silverio dos Reis, sabendo das reuniões em que se planejava a revolução, procurou aliar-se aos revolucionarios, jurando ser fiel ás idéas libertadoras.

O seu interesse, porém, era saber os fins e os meios de que dispunham os rebeldes; e foi denunciá-los ao governador que exigiu a denuncia por scripto.

"Pela forçosa obrigação que tenho de ser leal vassallo á nossa Augusta Soberana", começa a carta miseravel de Joaquim Silverio ao Visconde de Barbacena, "ainda apesar de se me tirar a vida, como logo se me protestou na occasião em que fui convidado para a sublevação que se intenta e promptamente passei a pôr na presença de Vossa Excellencia..."

Depois de relatar tudo o que sabia de cada um dos conjurados, diz: "Ponho todos estes tão importantes particulares na presença de Vossa Excellencia, pela obrigação que tenho de fidelidade, não porque o meu intento nem vontade sejam de ver a ruina de pessoa alguma: o que espero em Deus que com o bom discurso de Vossa Excellencia ha de acautelar e dar as providencias sem perda dos vassallos. O premio que peço tão somente a Vossa Excellencia é rogar-lhe que pelo amor de Deus se não perca a ninguem". Depois de prometter ir denunciando tudo quante soubesse, termina ignobilmente:

"Beija os pés de Vossa Excellencia o mais humilde subdito, Joaquim Silverio dos Reis, Coronel de Cavallaria, aos 11 de abril de 1792"

O Visconde de Barbacena, recebendo a carta, avisou ao vice-rei, Luis de Vasconcellos, que logo mandou prender Tiradentes. Este se achava no Rio de Janeiro em uma casa da rua dos Latoeiros (hoje Gonçalves Dias).

Depois foram presos os outros conjurados.

Infelizmente, a alguns, vendo-se presos e accusados, fracassou-lhes a nobreza do character.

Negaram uns cooparticipação; atacaram-se mutuamente outros; rogaram clemencia ainda outros!

Claudio Manoel da Costa, um delles, doutor e poeta notavel, depois de haver compromettido os seus melhores amigos e negado ter tido parte na conspiração, abatido e desorientado, suicidou-se no carcere.

Foi a sentença proferida a 18 de abril de 1792, e condenados a morte os chefes, inclusive Tiradentes; outros condenados a degredo perpetuo, outros a açoites pelas ruas da cidade; a memoria de Claudio foi julgada infame, bem como seus netos e filhos. Depois dessa sentença, D. Maria I, por acto de generosidade e clemencia, commutou a pena, com excepção a Tiradentes que pela sua altivez e coragem, se apresentava como chefe do movimento, assumindo a responsabilidade de toda a conjuração.

Aos 21 de abril de 1792 subiu ao cadafalso.

Enforcado, foi esquartejado; a cabeça foi exposta em Villa Rica, e os membros dispersos pelos caminhos do Rio e de Minas.

Poucos minutos antes da sua morte, Tiradentes pronunciou as seguintes palavras:

"O meu Redemptor morreu por mim tambem!"

NO GRUPO ESCOLAR "DIRIGUES JUNIOR"

Prelecção da prof. Srta. Maria José do Patrocínio.

Caros alumnos:

Milhões de saudades e abraços de vossos

um facto grandioso da nossa historia e ao festejarmos a memoria dos seus vultos notaveis, homens que deram sua vida em beneficio da Patria querida, arrebatados por um grande amor.

O feito, que passo a explicar-vos, é um dos mais dignos de respeito e admiração, porque é o do martyrio de um heroe.

Com as descobertas das minas feitas pelos bandeirantes, a capitania de Minas Geraes, hoje o actual Estado, começou a povoar-se, crescendo dia a dia a população e com esta as riquezas e as luzes da intelligencia de seus filhos.

A idéa da independencia surgiu em 1789. Governava Portugal D. Maria I e era vice-rei do Brasil D. Luis de Vasconcellos.

Vivia o povo sob o despotismo da metropole, que o fazia soffrer grande e dura oppressão.

Os donos das minas eram obrigados a pagar ao governo a quinta parte do ouro que tirassem das mesmas. A extracção diminuia e achavam-se atrasados os pagamentos do imposto.

O Governo exigiu o pagamento total e immediato.

Formou-se, então, em Minas uma conjuração contra o governo portuguez com o fito de proclamar a republica daquella capitania ou talvez de todo o Brasil.

Esse ideal já embalava muitos estudantes, que cursavam as universidades de Coimbra e Montpellier, salientando-se entre elles: José Joaquim da Maia que em França conferenciou com Thomaz Jerfferson, ministro dos Estados Unidos, prometendo-lhe este o necessario apoio, se conseguissem os brasileiros a realização do levante.

Maia não logrou voltar á sua patria, porque falleceu em viagem.

Outros, porém, aqui chegaram e com elles o pertinaz projecto de quebrar os grilhões que acorrentavam seu berço natal.

O formoso anhelos achou echo entre os mineiros que esperavam a cobrança do imposto chamado *da der-*

Foi abraçada a idéa por muitos homens illustres: poetas, sacerdotes, magistrados, medicos e estudantes.

Os mais notaveis foram: Claudio Manoel da Costa, Thomás Antonio Gonzaga, Gomes Freire de Andrade, Alvares Maciel, Alvarenga Peixoto, Domingos Vidal Barbosa, Carlos Toledo, Oliveira Rolim e José Joaquim da Silva Xavier, conhecido pelo cognome de Tiradentes.

Era este o cabeça da revolução. Um verdadeiro heroe, homem simples, pobre, lutando atrozmente com a fortuna, encontrando sempre obstaculos na vida. Coração generoso a toda prova. Aprendeu o officio de dentista, que exercia gratuitamente, para poder, de alguma forma, prestar serviços a seus semelhantes.

Foi vendedor ambulante, minerador e por ultimo abraçou a carreira militar, chegando ao posto de Alferes de Cavallaria.

La tudo muito bem e os inconfindentes em suas reuniões haviam determinado que, depois de proclamada a Republica, adoptariam para symbolo uma bandeira branca e azul com o distico — *Libertas quæ sera tamen* — "Liberdade ainda que tardia".

Tiradentes sahiu pela capitania a angariar adeptos, pregando suas idéas afim de obter as sympathias populares para o movimento.

Depois, dirigiu-se ao Rio de Janeiro, afim de comprar armamentos e continuar a sua propaganda.

Mas, eis que surge um infame traidor, prompto para denunciar a conspiração ao Visconde de Barbacena, governador de Minas Geraes.

Fingiu-se alistado entre os conspiradores e uma vez de posse do segredo delatou miseravelmente seus companheiros. Fez tal execração por simples interesse pessoal, pois devia elle enorme somma á Fazenda Real e, não tendo com que pagar, concebeu o plano sinistro e executou-o para lhe ser perdoada a divida. Foi o portuguez Joaquim Silverio dos Reis.

Por ordem do Visconde de Barbacena, Joaquim Silverio dos Reis al-

liou-se a outros dois portugueses, Britto Malheiros do Lago e Ignacio Correia Pamplona, afim de espiou-narem Tiradentes, tudo colherem e fazerem sciente o governo.

Esperavam os inconfidentes o protesto do povo, a occasião do lançamento do imposto da derrama para poderem soltar o brado de liberdade.

Seus planos, porém, falharam, porque o imposto foi suspenso.

Mandaram prender Tiradentes no Rio de Janeiro, no dia 10 de maio de 1789, numa casa em que se refugiara á rua dos Latoeiros (hoje Gonsalves Dias), e encarcerado na prisão da ilha das Cobras.

Os outros conspiradores tambem foram presos em Minas e remetidos para o Rio de Janeiro, onde se installára a alçada que os devia julgar.

Durou esse processo três annos, soffrendo horrivelmente os réos, como se fossem passados tres seculos.

Claudio Manoel da Costa enforcou-se na prisão.

Em todos os interrogatorios manifestou Tiradentes calma invejavel e admiravel serenidade de caracter, procurando innocentar seus compa-

nheiros e acarretar toda a culpabilidade do crime.

Depois da devassa, a alçada sentenciou os réos á morte.

D. Maria I commutou a pena em exilio perpetuo para uns e temporario para outros nas inhospitas regiões da Africa.

Tiradentes, porém, por ser o cabeça da revolução e o mais ativo, foi condemnado á forca.

Subiu ao patibulo no dia 21 de abril de 1792, no largo da Lampadosa, no Rio de Janeiro.

Em seu martyrio revelou inabalavel coragem, accetando o supplicio com toda a resignação.

Depois de enforcado, não mereceu o seu cadaver sepultura; ainda palpitante foi esquartejado e os pedaços espalhados pelas estradas de Minas Geraes, a cabeça fincada num poste em Villa Rica, para exemplo e terror, para que ninguem se atrevesse a commetter igual ousadia.

Mas a semente que elle lançou á terra, regada com o seu sangue, não desapareceu: pelo contrario, entumeceu, germinou e produziu a arvore da liberdade, á sombra da qual se abrigam os brasileiros e cantam hymnos ao heroe.

A base da instrucção primaria é o professor. Sem os meios de fazer o bom professor, todo o systema do ensino, por mais apparatuso que seja, não produzirá nenhum effeito. — Pedro da COSTA REGO.

“Mensagem ao Congresso”, maio de 1928, p. 91.

MODELOS CIVICOS

GABINO BESOURO

Moreno Brandão

da Escola Normal de Alagoas

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

O Marechal Gabino Besouro nasceu em Penedo, a 19 de fevereiro de 1851, sendo erronea a data de seu nascimento apresentada no ALMA-NACK MILITAR, que diz ter occorrido aquelle facto a 22 de junho.

A sua genitora pertencia á familia Malta, sendo, porém, extremamente pobre.

Teve, consequentemente, Gabino Besouro de estrear a vida em modesta função, como auxiliar do commercio, que abandonou depois de pequeno tirocinio, entrando para o exercito a 25 de agosto de 1866.

Esteve na guerra do Paraguay desde 1º de outubro desse anno até 1º de março de 1870, sendo contuso no combate do Potreiro Lopes, a 27 de dezembro de 1868.

Foi promovido a 2º tenente graduado a 26 de julho de 1871, passando a ter effectividade a 25 de janeiro de 1873. A 19 de novembro de 1881 foi promovido a 1º tenente. A 15 de dezembro de 1888 foi elevado ao posto de capitão. A 7 de abril teve sua promoção a major, por merecimento. Ainda por merecimento foi promovido a tenente-coronel a 8 de agosto de 1895, e a coronel a 2 de agosto de 1905.

Obteve as estrellas de general de brigada a 14 de novembro de 1910, reformando-se no posto de marechal.

Tinha o curso de engenharia pelo regulamento de 1874.

Seriam estes os traços mais salientes da vida militar de Gabino Besouro, se elle não tivesse servido como secretario do ministro da guerra, Marechal Bernardes Vasques (1894-1898); presidente da cooperativa "Cruz dos Militares" que, por seu

tino administrativo, elevou ao maior gráo de florescimento; director da Escola do Estado Maior do Exercito, cargo para o qual foi nomeado a 29 de setembro de 1910.

As phases mais brilhantes da existencia do digno penedense, são as que elle passou nas lides politicas, regendo unidades da federação brasileira, ou tomando parte nos trabalhos parlamentares.

Poucos tempos depois de proclamada a Republica, foi Gabino Besouro nomeado governador provisório do Piauhy.

De sua ephemera actuação nos negocios daquelle Estado se conta, não sabemos se com fundamento, ter sido elle o primeiro em se desvanecer da elaboração de uma lei de meios, em que a despesa se igualou á receita, facto rigorosamente inedito naquella Provincia. Surpreendido, como elle mesmo dizia, com a sua eleição á constituinte federal, como deputado por Alagoas, desempenhou o seu mandato com algum brilho, apesar de ser um homem que a tribuna parecia esmagar.

Fez parte da Commissão Especial dos 21, e, tomando muito a sério seus deveres de constituinte, apresentou, só ou em companhia de outros congressistas, diversas emendas ao projecto de constituição, que estava sendo discutido.

Essas emendas referiam — á discriminação de rendas, navegação de costagem, organização das forças nacionaes, periodo presidencial, vencimentos de juizes federaes, attribuições do Congresso etc.

Em diversas sessões, Gabino Besouro occupou a tribuna, fazendo

discursos muito laconicos, ora atacando os resquícios de parlamentarismo que ainda se notavam nos trabalhos do congresso, ora falando em antagonismo ás condecorações, ora tratando de outros assumptos.

O seu discurso mais longo foi proferido na sessão de 17 de janeiro de 1891. Nessa oração, o deputado alagoano tratou da conscrição militar, organização das forças do exercito e extinção da guarda nacional em que via não uma instituição proveitosa e sim um elemento de grande serventia na mão dos galopins eleitoraes.

Gabino Besouro foi tambem muito fertil em apartes, rebatendo, de modo synthetico, opiniões que reputava erroneas, e corroborando assertos com os quaes andava de accordo.

Para encurtar razões e dar idéa nitida de sua actuação como deputado, deve-se dizer que elle agiu sempre como verdadeiro militar em quem o espirito soldadesco predominou sobre todos os seus sentimentos, muito embora o nosso representante, por influção do positivismo, não andasse longe das ideologias da revolução franceza.

Dominado pelas ambições politicas, Gabino Besouro, com o apoio da opposição alagoana, foi candidato ao governo de seu Estado natal em antagonismo ao coronel Pedro Paulino da Fonseca. Nas eleições, este obteve sobre elle uma victoria que não foi muito assignalada, porquanto, devendo ser o nosso primeiro governador eleito pelo congresso estadual, foram poucos os congressistas que asseguraram a pequena maioria conseguida pelo meritoso irmão de Diodoro da Fonseca.

Por sua vontade, ou a despeito della, o que é mais crível, Gabino Besouro chefiou dahi por diante uma opposição tenacissima, desabrida e violenta, que não poupou os mais rudes golpes ao Dr. Araujo Góes, posto no lugar de Pedro Paulino, como vice-governador, enquanto aquelle se achava trabalhando no Senado Federal, e, posteriormente, seu definitivo substituto, quando, em revide a

uma desconsideração de maioria ocasional da camara alta, o primeiro governador constitucional de Alagoas renunciou os cargos electivos que occupava:

Tanto se demasiaram os opposicionistas alagoanos que o governo foi forçado a tomar uma attitude desesperada de que resultou sangrento conflicto, a 9 de outubro de 1891, morrendo por essa occasião, entre outros, um moço muito exaltado de nome Pedro Leite.

No mês seguinte, a 13, dia da queda de Diodoro da Fonseca, era deposto o Dr. Araujo Góes, succedendo-lhe uma junta governativa, que passou o poder ao vice-presidente do Senado Estadual, Barão de Traipú.

Procedendo-se á eleição para governador e vice-governador, foram eleitos respectivamente o então capitão Gabino Besouro, governador, e o já citado titular, vice-governador.

Os novos eleitos se empossaram em seus cargos numa sessão que o Senado Alagoano celebrou a 24 de março de 1892.

Achando-se o operoso militar nas culminancias do poder, atirou-se ao trabalho com o maior afinco, sendo o seu breve periodo governamental dos mais brilhantes havidos em Alagoas.

Auxiliado pelo Dr. Rego Mello, fez a organização constitucional do Estado, formulando diversos decretos e regulamentos attinentes a esse fim.

Teve o maior cuidado na cobrança das rendas publicas, logrando, com as arrecadações feitas, não só promover muitos melhoramentos, como tambem pôr de parte sommas relativamente vultosas.

Decretou a adopção do hymno de Alagoas, em cuja letra ha grande erro syntactico, e de nossas armas que, se contêm bellezas artisticas, violam elementares regras de heraldica.

Servindo-se da grande dedicação e da indiscutivel competencia do Dr. Alfredo de Araujo Rego, fez da nossa repartição de hygiene uma repartição eminentemente proveitosa e

adequada a seus fins, provida de excellentes apparatus entre os quaes se contavam os primeiros instrumentos meteorologicos adquiridos pelo Estado.

Com estes se fizeram observações methodicas e summamente prestadias.

Quanto ao ensino primario, teve de subordinar-se ao preceito constitucional que o mandava entregar aos municipios, em cujo poder teve elle penosissimo declinio.

Como não pôde resalvar aquelle ramo da instrucção da derrocada em que elle caiu, manifestou os maiores extremos pelo ensino secundario, que ficou sob a direcção de um homem proficiente e abnegado.

Falamos do coronel Francisco Domingues da Silva, educador emerito, que, depois de manter em Maceió, no curso de alguns annos, o melhor collegio de Alagoas, atirou-se, com extraordinario desprendimento, á propaganda abolicionista, na qual sacrificou o repouso, a saude e recursos pecuniarios de certa monta.

Nesse tempo, melhorou muito o nosso estabelecimento secundario official. O governador mobilizou-o decentemente, dotou-o de material indispensavel, e alli fez estabelecer gabinetes de physica, chimica e historia natural.

Forçou os lentes faltosos a comparecerem ás aulas e fez com que se dêsse aos exames uma severidade extraordinaria.

Criou-se, nessa administração, policia numerosa e luzida, que nem sempre correspondeu ás necessidades da manutenção da ordem, por encerrar muitos elementos de provocação, que não eram devidamente cohibidos em seus desmandos.

Estes culminaram no tremendo conflicto havido na noite de 14 de janeiro de 1893, em Jaraguá, entre soldados do Batalhão de Segurança e os matriculados da Capitania do Porto.

Apesar de ter havido em tal emergencia muitas mortes e ferimentos,

os provocadores do barulho ficaram impunes.

O Dr. Gabino Besouro exerceu, em conjunto com as funcções de governador, as de presidente da commissão de colonização do norte, da qual ficaram em nosso proveito o primeiro mappa de Alagoas, um folheto em que se estudavam os nossos municipios e os diversos aspectos de nossa vida economica, bem como outros folhetos em que se encaravam, com perfeito conhecimento de causa, alguns dos nossos valles fertilissimos.

O governador de Alagoas adquiriu uma propriedade para a installação do nosso primeiro nucleo colonial em que deveriam ser localizadas 19 familias italianas prestes a chegar ás nossas plagas.

Para montar nessa colonia um estabelecimento de ensino profissional destinado á educação de orphãos, sonho que se mallogrou, Gabino Besouro extinguiu o Lyceu de Artes e Officios e a Escola Central, de Maceió.

Mostrava, assim, que já era partidario do lemma: RUMO AO CAMPO.

Obedecendo a esse lemma, o nosso governador quis resolver entre nós o temeroso problema das seccas, para o que mandou abrir diversos açudes na região sertaneja. Desses, alguns ainda estão prestando magnificos serviços aos nossos *caipiras* (Cacimbinhas e Jacaré dos Homens).

Foi tambem intento do nosso governador erigir o palacio do governo, que teve lançada sua pedra fundamental a 14 de setembro de 1889.

Era o engenheiro incumbido dessa construcção, para a qual se havia reunido quantidade enorme de materiaes, o hoje Marechal Carlos Jorge Calheiros de Lima.

Gabino Besouro, que havia adaptado o predio em que funcionava o Lyceu Alagoano (hoje Escola de Aprendizizes Artifices) a quartel de policia, adquiriu o excellente predio da rua do Livramento, em que, depois de obras previamente feitas, foi installado o nosso gymnasio.

Politicamente, o governo de Gabino Besouro foi trabalhado de muitas

difficuldades, porque elle nunca soube transigir, antes, por sua altivez, criou para si mesmo uma situação conflictuosa.

Havendo despertado os ciumes dos caciques politicos do Estado, enfrentou-os com demasiada rispidez, ao mesmo tempo que se punha em antagonismo ao então chefe do país, Marechal Floriano Peixoto, de quem se aproximavam os seus adversarios.

Para demonstrar a quanto chegava a altivez de Gabino Besouro, basta lembrar dois episodios occorridos no periodo inicial da luta em que elle se empenhou:

Certa vez, procedente do Rio de Janeiro, chegou a Maceió uma consulta sobre a permanencia de Floriano Peixoto no poder, além do prazo constitucional. Gabino Besouro impugnou semelhante proposito, allegando que não havia homem necessario.

Outra vez, pretendendo o Dr. Arthur Peixoto ser deputado federal, o primeiro magistrado de Alagoas se oppôs a esse designio, o que mais o incompatibilizou com o Marechal Floriano, a quem atirou, num manifesto profusamente espalhado, umas piadas ferinas, alludindo a pretensos perigos do nepotismo e do cunhadismo.

Contando os seus adversarios politicos com a solidariedade do chefe do poder executivo federal, deram ás lutas a que se lançaram um cunho de extraordinaria vehemencia, chegando mesmo a haver, em Penêdo, um choque muito sério entre soldados do Batalhão de Segurança e os da Guarda Local, imprudentemente atirada contra os primeiros pela gente da opposição, que, em face das tropelias promovidas por um tenente commandante do destacamento alli posto, ficou dominada por intenso pavor.

Data desse tempo um telegramma famoso em que o então governador de Alagoas recommendava ao citado official — *prudencia e boa pontaria*.

Por esse mesmo tempo foi suspensa, na cidade sanfranciscana, a fo-

lha adversa do governo, como, em dias anteriores, já havia cessado compulsoriamente em Maceió a publicação recém-começada de um orgão opposicionista dirigido por Manoel Menezes Filho.

No meio desses renhidos embates, os antagonistas do diligente governador de Alagoas, allegando achar-se terminado seu periodo governamental, tiveram o gaudio de ver seu modo de pensar confirmado em accordam do Superior Tribunal de Justiça.

Depois desse accordam se tratou de, com o concurso das armas federaes, promover a deposição do notavel administrador de Alagoas, que foi alijado do poder a 16 de julho de 1894.

O presidente deposto desinteressou-se por algum tempo dos negocios de Alagoas.

Entretanto, como elle tinha granjeado extraordinario prestigio entre os conterraneos, os oppositores á situação em 1906 e a colonia alagoana no Rio de Janeiro levantaram sua candidatura ao cargo de governador, tendo elle lançado um manifesto em que mostrava a sua capacidade administrativa.

Nesse documento, datado de 20 de março daquelle anno, Gabino Besouro pleiteava o desenvolvimento da agricultura e das industrias; a redução dos impostos de exportação; construcção de vias-ferreas e rodovias; estabelecimento da immigração estrangeira; alargamento da navegação costeira estadual e inter-estadual e favores a companhias estrangeiras capazes de pôrem as praças do Estado em contacto directo com os mercados do mundo, fazendo conhecidos os seus productos; prolongamento da via-ferrea central de Alagoas até Palmeira dos Indios, por um lado, e para o norte até Jacuhype; estabelecimento de uma via-ferrea no sul do Estado, libertando aquella região das difficuldades ás vezes oppostas pela barra do S. Francisco á sahida dos productos regionaes; **DESENVOLVIMENTO DA**

INSTRUÇÃO e melhoramentos do serviço da hygiene.

Apesar desses designios elevados, o nosso coestadano não governou Alagoas pela segunda vez.

De 18 de janeiro de 1908 a 14 de novembro de 1909, dirigiu Gabino Besouro o territorio do Acre.

Não obstante numerosos empecos que o assediaram, o atilado administrador daquella região semi-barbara conseguiu fundar alli a cidade de Pennapolis, verdadeira capital da Prefeitura de que, entretanto, se diz ter a verdadeira séde em Rio Branco, o que é uma inverdade geographica.

Para fazer esse progressivo nucleo de população, o ex-governador de Alagoas augmentou de \$500 por dia o *pret* dos soldados que, entregues á completa indolencia, viviam no Acre.

Depois deste e de outros serviços, Gabino Besouro contrahiu alli grave enfermidade, de que só se restabeleceu, passado muito tempo, em saluberrima fazenda mineira.

Dahi por diante foi caindo sobre sua existencia um véo de esquecimento, que deveria ser arredado em 1917, quando elle pleiteou a cadeira de chefe do governo estadual de Alagoas no triennio de 1918 a 1929.

A certeza de que o competidor era formidavel, exacerbou os medos de seus antagonistas, o que os levou a scenas odiosas occorridas a 9 de outubro, em plena rua do Commercio de Maceió.

Falando sobre a sua aspiração, o candidato do escol de Alagoas fez circular judicioso manifesto em que sussitava os seguintes alvitres: **PREPARAÇÃO EFFICIENTE DO PROFESSORADO; COMBATE AO ANALPHABETISMO;** desenvolvimento da polycultura, muito embora continuando Alagoas a plantar a canna doce e o algodão; subdivisão das propriedades; fixação do operario rural ao sólo; aperfeiçoamento da industria textil; utilização da

energia electrica suppeditada pela Cachoeira de Paulo Affonso; criação da industria das fibras do coqueiro; estabelecimento, em larga escala, da piscicultura; asseguração do franco e livre transitto dos nossos productos, mediante a abertura de rodovias, intensificação da navegação de costeagem e da internacional; construção do porto de Maceió; reutilização do porto de Coruripe; melhoramento do de Penedo; prolongamento, em varios ramos, de nossa rede ferro-viaria; immigração; colonização; credito agricola; equilibrio financeiro; attenuação de impostos de exportação; discriminação de rendas entre o Estado e os municipios; saneamento da baixada de Jaraguá e de Palmeira dos Indios; obras contra as seccas etc.

A despeito do insuccesso da aspiração que o Marechal Gabino Besouro evidenciou nesse manifesto, elle representa a mais brilhante chave de ouro da vida de um homem publico. E o representa justamente, porque, falando num tempo em que pullulavam fundos rancores, num assanhamento rubro, tal documento assim dizia: "*E' necessario, é essencial, é opportuno que se quebrantem os odios e as rivalidades, que se refreiem as ambições pessoais, no interesse da collectividade, que se reformem os costumes politicos, traduzidos na formula intransigente de — quem não é por mim é contra mim — ou nesta outra mais ferozmente significativa e mais reaccionaria de que — quem seu inimigo poupa nas mãos lhe morre —, costumes que trazem a sociedade em sobresalto, a familia desunida, os individuos se odiando e permanentemente em lutas de desforras e vindictas*".

O Marechal Gabino Susano Besouro falleceu no dia 21 de janeiro de 1930, tendo vivido nos ultimos tempos na pratica do regimen vegetariano.

EDUCAR PELA HISTORIA

Prof. Dr. Joaquim Pimenta

da Faculdade de Direito de Recife

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Ainda evoco com certa angustia o tempo que perdi, preparando-me para o exame de historia.

Era eu sacristão e aprendiz de alfaiate em Tauhá, um canto remoto dos sertões cearenses, onde nasci e me criei, e, com o vigário da freguesia, um varão de solidas virtudes e de habitos austeros, hoje prelado numa diocese do Rio Grande do Sul, iniciava-me num pequeno curso de humanidades.

O methodo, então adoptado, era o mnemonico, — como é actualmente seguido na quase totalidade das nossas escolas primarias, secundarias, e mesmo superiores. Decorava-se e repetia-se litteralmente a lição ao professor que por sua vez de livro aberto acompanhava o alumno.

Tinha eu, não sei se por continuo e exhaustivo exercicio de memoria, o costume de fazer estatistica das paginas que decorava. Do catecismo diocesano sabia de cór mais de cem. A grammatica de João Ribeiro (2º anno), decorada treze vezes; a de Halbout, quatro. Attingi a perfeição de recitar de uma e outra, palavra por palavra, capitulos inteiros.

Mas, se me dessem a analysar qualquer trecho de vernaculo, ou a vertê-lo para o francês, não o conseguiria. Lembro-me até de que apesar de já haver percorrido toda a syntaxe, tive de recorrer, sem exito, ao dictionario, a cata de grammaticalmente classificar o preterito perfeito do verbo "sorrir".

Foi assim adestrado na arte de decorar que ataquei o Berquó e o Mattoso Maia, cerca de 600 folhas do primeiro e mais de 300 do segundo. Na idade de 19 annos, com pressa de bater ás portas de uma Academia, atirei-me de corpo e alma á tarefa

sobrehumana de encaixar inteiriço nos juvenis refolhos do meu cerebro, todo o erudito conteúdo dos dois caçetissimos compendios. Foi a tanto o meu afan, que nas viagens a que me obrigava a profissão de sacrista, commigo os conduzia. Hoje ainda me lembro de que numa bella manhã de sol, á sombra dos umbuzeiros, num povoado perdido entre serrotes abruptos e quase nús, como são os do alto sertão nordestino, flagellava-me por arrumar mentalmente, em ordem chronologica, as peripecias guerreiras da Grecia antiga.

A' medida que me embrenhava no matagal das genealogias dynasticas, nas batalhas sangrentas onde se decidia o destino de raças e povos, de casta e classes, de generaes e soldados, ia sentindo que as forças me faltavam.

A hora da aula tornava-se-me, dia a dia, de um supplicio atroz: a inibição mental, revelando-se pela subita parada do phrascar que antes trazia na ponta da lingua, diagnosticaria o clinico de molestias nervosas por um prenuncio de neurasthenia com consequencias, talvez, irremediaveis. O que eu decorava num dia, dissipava-se no dia seguinte.

Uma sensação de tédio, de abandono, apoderou-se de mim. Já eu repetia as lições bocejando, entrecortando-as de pausas, apertando a fronte, num doloroso esforço para prender as palavras obstinadamente esquivas. Cada aula redundava para mim em fracasso lamentavel. O padre claramente o percebia, parecendo-me que a esse estado de depressão psychica ligava uma incapacidade em mim congenita de proseguir nos estudos. Por fim, aconselhou-me, condoido e paternal, fosse a Fortale-

za pleitear uma carta de advogado que me abrisse a carreira forense naquellas longinquas paragens, onde a "vox juris", quase sempre se ouvia pela "bocca de sino"—o torvo e classico bacamarte em que se apoiava, limpa de maculas, a rustica linhagem dos nossos avós, "bons, burros e bravos".

Não aceitei o conselho, porém segui rumo de Fortaleza, recommendado pelo chefe local, um velho tenente da guerra do Paraguay, ao professor José de Barcellos que passava, alli, por summidade em assumptos pedagogicos. A elle expus o mallogro dos meus estudos de historia: que apesar de haver tentado decorar Berquó e Mattoso Maia, não conhecia quase nada da materia.

Ouviu-me paciente e, esboçando um sorriso entre ironico e piedoso, disse:

—Você ainda foi feliz: podia estar a esta hora no Asylo de Alienados.

Foi a uma estante e tirou dois pequenos volumes:

—Vá lendo isso e procurando reproduzir pelas suas proprias palavras o que ler. Nada de decorar. Em menos de dois meses (era o tempo que faltava para os exames), verá que aprendeu mais historia do que durante quase um anno.

Eram dois compendiozinhos vagabundos, um de Historia Geral de Mascarenhas e o outro de Historia do Brasil de Villa Lobos.

Uma approvação plena sem "pistolões", sem "colas" na escripta, sem conhecer os examinadores, veio confirmar que eu estivera prestes a succumbir intellectualmente, victima de um malfadado erro de medicina pedagogica.

**

Foi pela leitura de uma these de Mello e Sousa, destinada a um concurso de historia do Collegio Pedro II que me occorreram aquellas reminiscencias.

O titulo desse magnifico trabalho logo me seduziu. "O ensino da historia na formação do character". Um ponto já devassado pela critica e, sobretudo pela pedagogia, porém, ainda exposto a controversias. A historia arvorada em disciplina do espirito, investindo-se, pois, de função altamente educacional: não mais artigo de luxo para regalo exclusivo de eruditos ou cavaqueira de "causeurs" elegantes em serões de gente rica.

Não mais a historia — scenario de alcovas reaes, trama de intrigas diplomaticas; relatorio massudo de operações militares ou panegyrico á Bossuet e á Latino Coelho, de monarchas gottosos e de sanhudos capitães. Mas a historia — encadeamento logico, racional, de factos; analyse e synthese, ao mesmo tempo descendo como faz a geologia com o globo, ás camadas mais profundas do mundo social; registando, como um sismographo, as pulsações mais obscuras do viver collectivo; seguindo-lhe o lento evoluer, surprehendendo-lhe as bruscas mutações, enfeixando-o, por ultimo, numa vasta unidade scientifica, de que resaltem, organicamente vinculados, os multiplos aspectos da civilização. E' sobre esse feito que ella apparece ao joven professor, entrando no quadro das sciencias sociaes.

Perde a sua feição estrictamente individualista, puramente decorativa, para se tornar um campo sociologico fertilissimo, através do qual o individuo resalta como um reflexo da sociedade que o produziu e educou. Mesmo os grandes homens, aquelles que se apontam como artifices da historia, são condensadores, ou antes canalizadores de interesses, de ambições, de preconceitos, de idéaes do meio em que vivem; focalizam energias psychicas, actuando ou que se elaboram na alma complexa das collectividades. Atraz do genio estrategico de um Alexandre, de um Julio Cesar, de um Bonaparte, occulta-se o genio militar de gerações que os fizeram conductores de massas hu-

manas, como poderiam tê-los feito humillimos pastores de placidos rebanhos.

Não era o principio do direito divino dos reis — infantil concepção de legistas theologos—que áquelles conferia as prerogativas de um poder sem limites; sim, a mentalidade dos subditos que só comprehendiam o governo monarchico esteado em taes prerogativas. Na velha democracia franceza, observa Nitti, bastava educar o Delphim a quem tocava a exclusiva direcção do reino; hoje é Delphim e toda a geração nova, são os filhos da nobreza e da plebe, todos os que vivem no mesmo solo, cooperando em commum na domesticação das forças da natureza, presos por necessidade, por crenças, por costumes, por aspirações, tudo isso formando um grande laboratorio, de onde emergem os acontecimentos e as instituições em que elles se crystalizam. E' sobre esse criterio que Mello e Sousa fixa a finalidade pedagogica do ensino da historia.

Este ensino será tanto mais efficiente, no ponto de vista ethico, quanto mais aproximar a criança e o adolescente do conhecimento scientifico das leis e factores que vêm presidindo á genese e ao evoluer das civilizações.

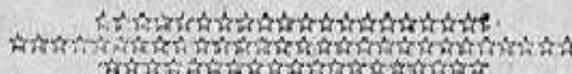
Estas não são mais do que etapas ascendentes do esforço continuo do homem para dilatar a area do seu proprio eu no seio immenso da vida universal.

Valendo-me de uma terminologia um tanto batida, ellas representam a victoria progressiva do espirito sobre a materia, da intelligencia sobre o musculo, da razão sobre o instincto. Ellas marcaram a sua pagina decisi-

va nos annaes da especie, desde o dia em que do silex se desprende a faisca que se fez clarão e rasgou as brumas da prehistoria. Quando o homem communicou a um tosco pedaço de madeira ou de pedra uma imagem palpitante de si mesmo.

Educar pela historia é dizer ao cerebro que desabrocha como sahimos da caverna para construir sobre estacas o nosso primeiro abrigo; como o nosso poder sobre as coisas se duplicou assim que conseguimos polir um osso ou fundir um metal. E mais assombroso se firmou com o modular da primeira phrase, pequeno archivo que a experiencia das idades viria enriquecer. E como se constituíram os primeiros nucleos humanos, e se distenderam em tribus, em cidades, em nações; e se ensaiaram artes e industrias, e se escreveram os velhos codigos, e se ergueram os primeiros altares. Depois, raças que se chocam, que se esmagam ou se absorvem, e o esplendor e a derrocada de vastos imperios, e instituições que se petrificam ou se renovam ou se extinguem. E' a eterna transformação arrastando deuses e heroes, senhores e escravos, suseranos, e vassallos, religiões e philosophias, despedaçando thronos sobre cujos destroços se elevam outros que baquearão amanhã. E idéas, que caducaram, outras em declinio, outras attrahindo e empolgando consciencias.

E novas gerações construindo um mundo novo as ruinas de um mundo velho — ultimo capitulo da millenar epopéa da vida, reflectindo pela acção e pelo pensamento, a synthese suprema do dynamismo universal.



O Ensino da Musica

L. Lavenère

do Instituto Historico de Alagoas

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Quase todas as disciplinas do curso de instrucção primaria têm soffrido mudanças de methodos, ás vezes tão radicaes que fazem suppor a mentalidade infantil em franca degenerescencia.

Muito do que antigamente não se ensinava na escola, porque a criança aprendia mecanicamente no lar, sem o minimo esforço, exige hoje horas e dias de trabalho do mestre.

Entretanto a musica continúa a ser ensinada por um methodo máo, errado, improprio para aperfeiçoar o sentimento musical do estudante.

Primeiro erro: A criança não aprende a cantar na escola; adquire o vicio de *gritar* os hymnos que lhe mandam *desentoar*.

Isso não é somente um erro, é tambem uma perversidade, porque na infancia é que se forma e se desenvolve o sentido musical, e que se prepara o ouvido para ouvir e a voz para proferir sons musicaes, e por consequencia é nessa occasião que se mata a vocação para a musica.

Segundo erro: Começam a ensinar Musica pela theoria, quando tudo nos diz que a primeira coisa que se deve

aprender em qualquer disciplina é a pratica.

Quando a criança vae aprender a ler já sabe falar; mas, quando vae aprender a *artinha de musica*, não sabe dizer, cantando, nem uma nota!

Terceiro erro: Ensina-se frequentemente a tocar um instrumento sem que o aprendiz saiba *ler musica*.

E' claro que dahi nunca podera sair um bom musico, nem mesmo um bom executante.

Ultimo erro: não se ensina de maneira nenhuma a *escrever musica*.

Não tem conta o numero de *musicos* incapazes até de escrever aquillo que sabem tocar de *cór*.

E' tudo isso que concorre para que a Musica seja entre nós uma arte desmoralizada pelos tocadores de gaita e pelos farristas.

O musico profissional quase que morre de fome, se não for funcionario publico; o amator não tem meios de aperfeiçoar o que sabe...

E' preciso, pois, que os que tiverem autoridade organizem o ensino de Musica sem os velhos methodos, sem as velhas theorias, como se tem feito com outros ramos da instrucção primaria.



METHODOLOGIA

Estados Physicos dos Corpos

J. Travassos Vieira

(do Aprendizado Agrícola de Satuba)

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

III — CORPO MINERAL E ORGANICO. ANIMAL E VEGETAL. NATUREZA. HISTORIA NATURAL.

Preparação material: uma lamina flexivel.

P. — Numa das nossas aulas eu disse que tinhamos corpo e que as plantas e as pedras eram corpos. Porque? Quem se lembra do que é corpo?

A. — E' tudo que occupa um lugar no espaço.

P. — Muito bem. Agora, quem me responde? Quem já ouviu dizer que uma pedra morreu? Ninguem. E porque não morre?

A. — Porque não tem vida.

P. — E as plantas e os animaes têm vida?

A. — Têm.

P. — Portanto, nós temos, no mundo, corpos que têm vida, isto é, *vivos ou organicos*, e corpos que não têm vida ou *mineraes*. E já ouviram dizer que uma pedra respirasse, comesse e tivesse filhos? Quem já viu um filho de pedra? Ninguem. Mas vocês dizem um filho de vacca ou um filho de mamoeiro?

A. — Dizemos.

P. — Portanto, os corpos vivos ou organicos alimentam-se e têm filhos e os mineraes não se alimentam nem têm filhos. Agora, dêem-me exemplo de corpos vivos ou organicos.

A. — O homem. O cavallo. A mangueira. O algodoeiro. A carrapateira.

P. — Viram vocês pelos seus exemplos que os corpos vivos ou são animaes ou plantas. Agora como differenciar um animal de uma planta?... Querem ver? A planta caminha?

A. — Não, senhor.

A. — Caminha, sim, senhor.

P. — Portanto, ahí está uma differença. O animal se move, e a planta não se move. E a planta sente quando se lhe bate, quando se lhe tiram os bons frutos ou as bellas flores?

A. — Sente, sim senhor.

P. — Porque?

A. — Porque ella se sacode.

P. — Ella se sacode, como se sacodem as cordas de aço de um violão, quando tangidas, como se sacode essa lamina de ferro, quando se lhe bate. E, no entanto, ellas são corpos mineraes, isto é, nem ao menos têm vida e portanto, não podem sentir. De forma que já sabem agora que as plantas não sentem; mas os animaes sentem, não é, Francisco?

A. — E' sim, senhor.

P. — Logo, a differença entre plantas e animaes é que os animaes se movem, e as plantas não se movem; os animaes sentem e as plantas não sentem. Logo, recapitulando, temos: Os corpos podem ser vivos ou mineraes. Os mineraes todos pertencem ao reino mineral, que é portanto a reunião de todos os mineraes. José, o que é reino mineral?

A. — E' a reunião de todos os mineraes.

P. — Muito bem. Agora, os corpos vivos formam dous reinos, o animal e o vegetal. João, o que é reino vegetal?

A. — E' a reunião de todas as plantas ou vegetaes.

P. — Muito bem. E o reino animal, Vicente?

A. — E' a reunião de todos os animaes.

P. — Repitam todos os da 2ª fileira.

se chama o conjunto de todos esses corpos: animaes, plantas e mineraes? Chama-se *Natureza*. Repita, Francisco.

A. *Natureza* é a reunião de todos os corpos.

P. — E como se chama a historia da natureza? Chama-se *Historia Natural*. Tudo que é da natureza, diz-se que é natural. Portanto *Historia Natural* é o estudo da natureza. Repitam os da 3ª fileira.

Logo, a natureza tem tres reinos (Vae ao quadro e faz o schema). *Natureza* — reino animal etc.

Quem quer escrever o nome dos outros reinos?

A. — Eu quero.

P. — Vá.

A. — (Escreve: "reino vegetal" e "reino mineral").

P. — Agora vamos ver como se divide a *Historia Natural*. (Começa o schema na pedra de modo que possa comparar com o outro). O estudo dos animaes, chama-se *Zoologia*, o dos vegetaes *Botanica* e o dos mineraes *Mineralogia*.

(*Zoologia*.)

Historia natural (*Botanica*.)

(*Mineralogia*.)

Sim, senhores. Como exercicio, me trarão todos uma lista de 20 animaes, 20 vegetaes e 20 mineraes.



FIDALGUIA DE JECA

Andando a passeio no campo, Luis XVI entrou numa casa de camponeses, onde foi acolhido com a mais cordial hospitalidade. E ao sair, querendo agradecer a generosidade dos seus subditos, perguntou:

— Quem é o dono da casa?

Então, um velho, alto e de chapéu na mão, adiantou-se respeitosamente:

— Senhor, antes de Vossa Majestade chegar, era eu.

VIDA ESCOLAR

PROGRAMMAS DE ENSINO

ESCOLAS ISOLADAS

PRIMEIRO ANNO

PORTUGUÊS

LEITURA

O ensino de leitura para analphabets deverá ser feito em diversos passos:

1.º *Passo* — Formação oral de sentenças pelos alumnos sobre objectos ou gravuras que os interessem. Nessas palestras o professor encaminhará seus alumnos a enunciarem sentenças completas, habituando-os, desde logo, á pronuncia correctá das palavras, e nesses exercicios passará alguns dias, vindo em seguida o

2.º *Passo* — Ainda com o auxilio de gravuras ou de objectos fará o professor a primeira lição de leitura no quadro negro. Toda sentença formulada pelo alumno será escripta no quadro pelo professor e lida por todos os alumnos da classe, em voz natural, como um todo. Escriptas desse modo varias sentenças, serão essas relidas de baixo para cima, salteado, afim de que as crianças cheguem a conhecê-las com certa perfeição. Essas sentenças serão escriptas em typo vertical. Depois de uma serie de dez a doze lições vem o

3.º *Passo* — O professor fará a revisão das lições estudadas, escrevendo as sentenças em diferentes ordens. Com esse exercicio irá o professor incitando os alumnos retardatarios e exigindo sempre uma leitura natural, para que as crianças apreendam o sentido do que leram.

4.º *Passo* — O professor dividirá as sentenças, destacando os termos principaes, sublinhando-os, dispondo as palavras conhecidas em columnas, fazendo com que os alumnos aprendam a phraser. O professor orgu-

pando do modo mais variado possível as palavras dominadas pelas crianças, organizará novas sentenças.

5.º *Passo* — O professor orientará a classe na leitura da Cartilha, aproveitando as lições já feitas no quadro negro. Simultaneamente, com a lição escripta no quadro, ensinará aos alumnos a mesma lição na Cartilha, evitando desse modo a decoraçáo.

6.º *Passo* — Depois de dominadas pelas crianças muitas palavras, passará o professor ao ensino das syllabas. Pronunciará e escreverá no quadro diversas palavras que comecem pela mesma syllaba, attrahindo a atenção das crianças para esse elemento do vocabulo. Com esse exercicio irão as crianças distinguindo as syllabas, que serão escriptas separadamente, sem traço de união.

7.º *Passo* — Encaminhará o professor a classe ao conhecimento das letras. Para isso organizará listas de palavras que tenham a mesma inicial.

NOTA — Os alumnos não devem estudar em casa; deixarão na Escola a Cartilha, evitando a collaboraçáo, prejudicial e contraproducente ao methodo, das pessoas alheas ao ensino.

CALLIGRAPHIA

Escripta ambidextra

A escripta no 1.º anno é ensinada simultaneamente com a leitura, começando pela copia, a lapis, da sentença, passando depois aos Cadernos de Francisco Vianna, Auxiliar da Cartilha, e n. 1, enquanto as Escolas não estiverem providas do material necessario.

LINGUAGEM

I — Formação oral de phrases com os nomes dos objectos familiares á classe: mobiliario escolar, peças do vestuario, livros, partes do corpo humano.

Correcção prosodica e syntactica.

II — Escripta dessas phrases no quadro negro.

Correcção orthographica e syntactica.

III — Palestras entre alumnos, suggeridas por estampas, sob a orientação do professor.

Correcção prosodica e syntactica.

IV — Narração de factos occorridos na classe ou observados na rua: (cada alumno falará para a classe).

Correcção prosodica e syntactica.

V — Leitura e raconto de fabulas escolhidas pelo Professor de preferencia no folclore nacional.

Correcção prosodica e syntactica.

VI — Descrição de estampas.

Correcção orthographica e syntactica.

VII — Recomposição oral de fabulas contadas pelo Professor.

Correcção prosodica e syntactica.

VIII — Dictado de proverbios.

Correcção orthographica e de pronuncia.

IX — Substituir em phrases do livro habitual de leitura as palavras pelos seus synonymos.

X — Escripta, no quadro negro, das palavras corrigidas nos dictados ou composições.

O Professor explicará os cognatos dessas palavras e sua respectiva significação, evitando quaesquer referencias ás cacographias da composição.

NOTA — O Professor deve fazer questão da BOA PRONUNCIA:

— Ligação das palavras entre si no discurso.

— Correcção da troca do *l* pelo *r*: *calçado* e não *carçado*.

— *L* final.

— *Lh*.

— *En* e *es* prostheticos: e com o som de *i*; as excepções: a) *entre* e seus compostos; b) *este* e seus compostos.

— *Nh* molhado e *nh* com *h* mudo.

— *R* forte, (rolante, lingual-palatal e não guttural).

— *S* final.

— *Ei* e não *ê*: Laranjeira e não Laranja.

LIÇÕES DE COUSAS

I — O corpo humano, seus orgãos. Necessidade da hygiene do corpo.

II — A alimentação. A carne, o leite, o pão, o queijo e a manteiga. Conselhos hygienicos para a conservação dos alimentos.

III — Os mammiferos. Animaes uteis e nocivos. O couro, a lã, o pente, os calçados.

IV — As aves, serviços que nos prestam. Seus usos e costumes. A caça.

V — Os insectos. Insectos uteis e nocivos. O mel, a cêra, a sêda. O amarellão, o impaludismo. Perigo de andar descalço.

VI — A pesca. Os peixes. Os crustaceos: o camarão, o ciri, o goiamum; os molluscos: o sururú, a ostra, o polvo, os caramujos. Instrumentos de pesca.

VII — As plantas, sua utilidade. A borracha e a cortiça. O linho e o algodão. A farinha de mandioca. O feijão e o milho.

VIII — A agua, a chuva, o orvalho.

IX — Conhecimento pratico das cores e dos sons.

X — O papel, seu fabrico, sua utilidade. O caderno e o livro.

NOTA — Essas lições não constituem um ensino scientifico: têm por unico objectivo o desenvolvimento intellectual das crianças. Devem ser dadas sem preocupação theorica e em linguagem muito clara. Alguns assumptos poderão ser aproveitados para *centro de interesse*, tendo o professor o cuidado de não ir além da capacidade de seus alumnos.

A professora levará para a aula, sempre que fôr possível, os objectos de que tratam as lições.

ARITHMETICA

I — Observação de objectos que estejam em redor do alumno. Nome desses objectos vistos isoladamente ou agrupados em numero inferior a 10. Contagem de objectos, distinguindo-os pela qualidade, tamanho, cor etc., contanto que os alumnos observem, comparem e raciocinem, adquirindo a idéa do mais, do menos, do igual.

II — Observações do objecto isolado — o numero um. A mesma observação em relação ao numero dois, tres, ... nove. Os algarismos de 1 a 9. Contagem de objectos de uso dos alumnos: chapéo, lenço, sapatos, meias, etc. Idéa de 2, de par, de impar, de meio, de metade.

III — Reunião de objectos de um a um, e de dois a um, até 9 a 1. Valor do zéro. Reunião de dois a dois objectos, de 3 a 2, de 9 a 2, etc. Calculos concretos. Estudo da carta de Parker.

IV — Idéa da unidade pela observação de uma cousa. Formação de dezena. Função do zéro. Contagem de 10 a 20. Conhecimento do metro: o decimetro, o duplo decimetro. Conhecimento do litro. Problemas de assumptos familiares sobre o metro e o litro, ao alcance do alumno. Conhecimento da gramma — o kilo, a balança.

V — Idéa de unidades, de formação de dezenas, empregando envelopes, caixas ou qualquer outro meio para que o alumno bem comprehenda a formação de unidades superiores.

VI — Combinação de numeros formando addições.

VII — Emprego do signal + e do signal -. Decomposição dos numeros por meio da subtracção. Emprego do signal - e do signal =. Adição de parcelas repetidas. Idéa da multiplicação, emprego do signal \times . Subtracções consecutivas, com subtrahendo constante: idéa de divisão. Repartição de um numero em partes

iguaes. Idéa de divisão, emprego do signal \div . Calculos com o emprego de sementes ou quaesquer outros elementos trazidos de casa pelos alumnos.

VIII — Cópia dos calculos feitos no quadro negro. Cópia das taboadas de sommar e diminuir.

IX — Calculo mental sempre sobre assumptos conhecidos dos alumnos.

X — Calculos concretos sobre as quatro operações fundamentaes, de numeros inferiores a 100.

XI — Exercícios de logicidade.

GEOMETRIA

I — Esphera: estudo feito a vista desse solido, quanto á forma e á superficie. Conhecimento de fórmulas analogas encontradas na natureza e na industria: bólas, lutas, sabonetes etc.

II — Cubo: estudo feito a vista desse solido. Comparação com outros objectos conhecidos: dados, caixas, etc.

III — Comparação entre o cubo e a esphera. Superficie curva e plana. Num plano inclinado a esphera rola e o cubo escorrega. Demonstração pratica pelo professor. Manuseando os solidos, os alumnos devem notar as differenças entre as suas superficies. Faces do cubo, arestas ou linhas, cantos ou angulos.

IV — Modelar em barro a esphera e o cubo. Dividir a esphera pelo meio — o hemispherio. O circulo.

V — Desenhar uma das faces do cubo — o quadrado.

VI — Desenhar em papel cartão as seis faces do cubo, recortá-las e dobrá-las, compondo um cubo.

VII — Dividir um cubo de barro em duas e em quatro partes iguaes, para obter prismas rectangulares e quadrangulares: o rectangulo, seus lados e seus angulos; citar objectos que se assemelhem ao prisma rectangular: construção de caixas com papel encorpado.

VIII — Cylindro: base, altura. Citar objectos com fórmulas cylindricas:

IX — Modelar em barro um cylindro. Estudo comparativo dos solidos entre si, pela sua semelhança ou dissemelhança. O alumno citará objectos que tenham fórmulas semelhantes a esses solidos estudados.

DESENHO

I — Desenho de imaginação. Assumptos á vontade do alumno.

II — Desenho do natural. Cópia de objectos usuaes.

III — Noções sobre as côres. Combinação, e matizes. Estudo pratico e sua applicação a pequenas composições decorativas. Recôrte de silhuetas pretas e de côres.

GEOGRAPHIA

I — Estudo da séde da Escola, ruas, praças etc.

II — Esboço do trajecto que a criança faz de casa á Escola, como pequenos ensaios cartographicos.

III — Terra firme: vias de comunicação. Aguas: meios de transporte.

IV — Pontos cardeaes: nascente e poente.

V — Dia e noite. O trabalho e o repouso.

VI — O sol. Luz e calor. Estações: inverno e verão.

VII — Bairros e ruas mais importantes da séde da Escola.

NOTA — Ensino simultaneo com *Historia do Brasil*.

HISTORIA DO BRASIL

I — Palestra com os alumnos sobre os lugares onde nasceram, onde nasceram seus paes, seus irmãos, seus avós, seus conhecidos, para dar-lhes a idéa de patria.

II — Palestras sobre a localidade onde está a escola, como é ella actualmente, e como foi; seus habitantes primitivos e os actuaes; usos, costumes e tradições.

III — Riquezas naturaes do Estado: fertilidade do solo, o pau-brasil em São Miguel e Coruripe; o netroleo; bellezas naturaes do Estado;

a cachoeira de Paulo Affonso, as praias. Lições descriptivas em forma de palestras, visando despertar o enthusiasmo infantil pela terra natal.

IV — Mostrar no mappa a cidade, o municipio, o Estado, o pais, o continente em que nasceu o alumno, seus paes, seus avós, seus conhecidos.

V — Nome do prefeito do Municipio, do governador do Estado, do presidente da Republica e as funções de cada um delles.

VI — Historietas contadas aos alumnos: Alagoas no tempo do descobrimento; os Cahetés; os Palmares; os primeiros povoados alagoanos — Penedo, Porto Calvo, Alagoas, para salientar a tenacidade e os sofrimentos dos primeiros desbravadores.

VII — A Patria; a Bandeira; as estatuas; os monumentos historicos e artisticos.

VIII — Mostrar no mappa de Alagoas as localidades onde se deram os acontecimentos narrados.

IX — Investigações pessoaes dos alumnos, fora da aula, interrogando os paes, os velhos, os conhecidos sobre os assumptos estudados em classe, para réprodução oral do que tiverem ouvido.

X — Organização do album historico com gravuras recortadas de jornaes, photographias, desenho dos proprios alumnos etc. (Cada alumno terá seu album).

MUSICA

Ensino pelo methodo analytico

I — Exercicios respiratorios.

II — Exercicio de vocalização (por audição).

III — Canções, marchas e hymnos infantis, por audição, muito faceis, de tessitura adequada sobre assumptos pittorescos (animaes, plantas, brinquedos, objectos usuaes etc.).

TRABALHOS MANUAES

I — Dobrar em papel commum o quadrado e o rectangulo.

II — Construir de papel objectos usuaes em geral: chapéos, estojos, barquinhas, caixinhas, enveloppes, copos, sacos, etc.

III — Cartonagem. Construir de papel encorpado solidos estudados no 1º anno de Geometria.

IV — Modelagem em barro dos solidos geometricos aprendidos no 1º. anno e de objectos de fórmulas semelhantes: laranja, limão, manga, abacate, melão etc. Modelagem de outros objectos, taes como: tamancos, botinas, cópos, tijellas, chicaras etc.

V — Composições livres.

PARA MENINAS

I — Alinhavos em panno grosso.

II — Pontos facéis de agulha com linhas grossas, combinando cores.

III — Pospontos e bainhas.

IV — Desfiados de orlas de pannos e sua applicação em toalhas e guardanapos.

V — Pontos de marca em aniagem e talagarça.

VI — Crochet: malha com agulhas apropriadas.

VII — Applicações em trabalhos simples e baratos.

EDUCAÇÃO PHYSICA

GYMNASTICA

— 1ª. TURMA —

(20 minutos)

I — Formação de fileiras. Posições.

II — Exercícios de respiração.

III — Marchas em linhas desenvolvidas, em grandes e pequenos círculos, em espiral e em zigue-zague. 1ª. serie de exercicios suecos.

IV — Marchas acompanhadas de canto. 1ª. serie cantada de gymnastica sueca, como exercicios recreativos.

V — Marchas cadenciadas. Corridas que não excedam a distancia de quarenta metros.

arco, brinquedos musicaes acompanhados de canto etc.

SEGUNDO ANNO

PORTUGUÊS

LEITURA

As lições nesse anno constarão de capitulos inteiros.

O professor explicará o assumpto contido no capitulo escolhido, e pedirá que um dos alumnos faça, com suas proprias palavras, a interpretação do que ouviu.

Em seguida o professor lerá a lição, dando o verdadeiro sentido dos termos desconhecidos, graphando-os no quadro negro e organizando com elles sentenças para sua melhor comprehensão.

Depois essa lição deverá ser lida pelos alumnos, cabendo a cada um, pelo menos, um terço do capitulo, podendo ella ser dada em dois ou tres dias.

Para esse anno são indicados os Primeiro e Segundo livros de leitura.

CALLIGRAPHIA

Escrepta ambidextra

Uso diario dos Cadernos de Francisco Vianna, ns. 2 e 3.

LINGUAGEM

I — Escrever em prosa poesias como esta:

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá;

As aves que aqui gorgêam

Não gorgêam como lá.

GONÇALVES DIAS.

Correcção orthographica e syntactica.

O Professor dará os traços biographicos do poeta e explicará que, ao compôr essa canção, estava elle em Coimbra (1840), e por isso lhe deu o nome de "Canção do sabiá".

II — Explicação oral, pelo aluno, do que faz um menino de escola, pela manhã, até chegar á classe.

Correcção prosodica e syntactica.

III — Desenhar a sala de classe, localizando todos os moveis, e depois descrevê-la oralmente.

Correcção prosodica e syntactica.

IV — Descrição oral da rua ou praça onde estiver localizada a Escola: observar o calçamento, as carroças que passam, os bondes, os autos, os fios do telephone, os typos populares.

Correcção prosodica e syntactica.

V — Desenho dessa descrição.

VI — Explicação, pelo Professor, da fundação de Maceió; os alumnos reproduzirão oralmente a mesma historia. (O mesmo em relação ás sedes das Escolas do interior do Estado).

Correcção prosodica e syntactica.

VII — Reprodução escripta da mesma historia.

Correcção orthographica e syntactica.

VIII — Conceito do substantivo (nome), do adjectivo (qualidade) e do verbo (acção).

Empregar nos exemplos praticos nomes de pessoas e cousas notaveis de Alagoas.

IX — Noção de genero e numero. Formação do feminino ou masculino dos nomes de pessoas familiares, de cousas vulgares e de animaes domesticos.

X — Noções de analyse syntactica e lexica. Sentenças facéis do proprio livro de leitura, ou tornadas mais simples pelo professor.

Obs. — A analyse syntactica deve ter por principal escopo a intelligencia da phrase e não a minuciosa dissecação grammatical.

E' erro começar pela analyse lexica, pois as palavras insuladas, como na nomenclatura lexicologica, não têm funcção: as palavras têm valor relativo, dependente da accepção em que são tomadas no discurso.

O professor não exigirá Grammatica.

NOTA — O Professor deve fazer questão da BOA PRONUNCIA:

— Ligação das palavras entre si no discurso.

— Correcção da troca do *l* pelo *r*: *calçado* e *não carçado*.

— *L* final.

— *Lh*.

— *En* e *es* prostheticos; *e* com o som de *i*; as excepções: a) *entre* e seus compostos; b) *este* e seus compostos.

— *Nh* molhado e *nh* com *h* mudo.

— *R* forte, (rolante, lingual-palatal e não guttural).

— *S* final.

— *EI* e não *E*: Laranjeira e não Laranjêra.

LICÇÕES DE COUSAS

I — Divisão do corpo humano. Os sentidos. O asseio do corpo. Respiração cutanea.

II — Estudo das partes das plantas. Suas funcções. A utilidade dos vegetaes na medicina, nas artes e nas industrias.

III — Os cereaes: feijão, milho, arroz. Hygiene dos alimentos. Cuidados para a sua conservação.

IV — Os animaes domesticos e selvagens.

V — As bebidas. O vinho e a cerveja. O alcoolismo; o alcool-motor. Perigos do fumo.

VI — Meios de comunicação terrestre, maritima e aérea. O automovel, o acroplano; o correio, o telegrapho; a estrada de ferro.

VII — Meios de evitar as molestias contagiosas e infecciosas. Necessidade da vaccina. O Instituto Pasteur. O perigo dos cães e dos ratos.

VIII — O vestuario. Os tessidos apropriados ás estações. O calor. O frio.

IX — A agua nos tres estados. Meios que devemos empregar para purificá-la.

X — O arejamento da habitação. O perigo da poeira. Os microbios.

NOTA — Essas licções não constituem um ensino scientifico; têm por unico objectivo o desenvolvimento intellectual das crianças. Devem ser dadas sem preocupação.

pação theorica e em linguagem muito clara. Alguns assumptos poderão ser aproveitados para *centro de interesse*, tendo o professor o cuidado de não ir além da capacidade de seus alumnos.

ARITHMETICA

I — Recapitulação do estudo anterior.

II — Cópia da carta de *Parker*, das taboadas de multiplicar e dividir.

III — Lêr e escrever números até centenas de milhar. Estudo da formação de unidades superiores. Noção de ordem ou casa e classe.

IV — Algarismos romanos. O mostrador do relógio. Medidas horarias. O dia, a hora, o minuto.

V — Noção de moeda brasileira, de compra e venda, de troco. Problemas sobre addição. Disposição das parcellas que devem ser da mesma natureza. Modo de escrever as parcellas. Somma. O professor deve preparar o espirito do alumno para elle observar que a somma é sempre a mesma, se as parcellas conservarem o mesmo valor, embora mudando de collocação. Cópia da taboada de sommar.

VI — Estudo da subtracção — primeiro entre números simples, depois entre compostos, porém sempre com termos concretos. Embora sem definição, o professor deve observar que os termos da differença, minuendo e subtraendo, são da mesma natureza — quantidades homogeneas. Como meio de provar a veracidade do calculo feito, deve-se mandar sommar o subtraendo com o resto, donde se conclue que o minuendo é a somma de duas parcellas, sendo o subtraendo uma dessas parcellas e o resto a outra. Cópia da taboada de diminuir.

VII — Estudo da multiplicação, primeiramente entre números simples, convindo começar por uma addição de parcellas iguaes. Cópia da taboada de multiplicar. Problemas de multiplicar. Casos geraes da multiplicação. Recapitulação da escriptura dos números. Valor do zero. Multiplicação por 10, 100, 1000.

VIII — Estudo da divisão. Problemas concretos. Estudo da divisão por meio da subtracção. Cópia da taboada de dividir. Primeiramente problemas com divisores e quocientes simples, depois divisor simples e quociente composto, e por fim divisor e quociente compostos, porém sempre casos de divisões sem resto. Nesses problemas não devem ser empregados números além de centenas de milhar. Divisão por 10, 100, 1000, quando o dividendo terminar em zeros. Divisão por 2 para formar a metade de um número; por 3 para o terço; por 4 para o quarto, até por 10 para formar o decimo.

IX — Problemas de divisão que deixem resto. Modos de completar o quociente de uma divisão que deixe resto, por meio de problemas formulados da vida pratica. As quatro operações fundamentaes, empregando para isso o metro, o litro, a gramma, a moeda brasileira etc. Problemas que envolvam mais de uma operação.

X — Exercícios de logicidade.

GEOMETRIA

I — Recapitulação do estudo anterior.

II — Superficies planas e curvas, horizontaes e verticaes. Forma das faces. Lados e angulos do quadrado e do rectangulo, linhas e angulos rectos.

III — Dar a um pedaço irregular de papel a forma de um quadrado ou de um rectangulo. Emprego de papel quadriculado para melhor intuição da area do quadrado ou do rectangulo.

IV — Dividir um prisma rectangular em dois prismas triangulares; o triangulo. Dividir um pedaço de papel com a forma de quadrilatero em triangulos; as especies de triangulos.

V — Cone: circulo da base. O semi-circulo, o diametro, o raio e a circunferencia. Objectos semelhantes ao cone: cartuchos de papel, funil, montes de areia, etc.

VI — Pyramide: vertice, lados, base; triangulos e polygnos.

VII — Traçado de circunferencia com o auxilio de um brabante, e com o compasso.

VIII — Desenhar em papel-cartão as faces dos prismas e pyramides, recortar essas figuras, dobrá-las e colar as bandas para compôr esses solidos.

IX — Construir o cylindro e o cone.

X — Desenhar as especies de triangulos e de angulos.

XI — As posições absolutas e relativas das linhas. Medida de linhas rectas. Construcção de linhas que sejam o duplo, o triplo, o quadruplo, etc., da linha dada.

DESENHO

I — Desenho de imaginação. Assumptos á vontade do alumno. Desenhos como expressão de observações feitas.

II — Desenho do natural. Cópia de objectos usuaes.

III — Desenho de memoria. Execução a mão livre, no quadro negro, de figuras geometricas e de objectos usuaes.

V — Noções sobre as côres. (O mesmo do 1º anno).

GEOGRAPHIA

I — Recapitulação dos estudos anteriores.

II — Denominações dadas ás terras e ás aguas a vista de gravuras ou de esboços feitos em arcia no pateo do recreio.

III — Noções geraes do Estado de Alagoas, seus contornos.

IV — Grandes melhoramentos e desenvolvimento da séde da Escola.

V — Idéa de continente. Divisão dos continentes.

VI — Configuração do Brasil.

VII — Pontos cardeaes: norte e sul.

VII — O sol. A lua.

NOTA — Ensino simultaneo com *Historia do Brasil*.

HISTORIA DO BRASIL

I — Recapitulação dos estudos anteriores durante o primeiro mês do anno lectivo.

II — Palestras com os alumnos sobre o desenvolvimento historico, social e economico do Municipio a que pertencer a escola, com indicação dos homens que mais concorreram para esse desenvolvimento. Homens illustres do Municipio nas letras, nas sciencias e nas artes: ligeiros traços biographicos.

III — Episodios dramaticos, em forma de historietas, da vida de Calabar, Clara Camarão, Anchieta.

IV — A Republica: pequenas narrativas sobre precursores e martyres — Tiradentes e Felipe dos Santos; a propaganda — Bocayuva e Silva Jardim; a proclamação — Diodoro e Benjamim Constant. Reprodução oral dessas narrativas pelos alumnos.

V — Presidentes da Republica: Floriano, Prudente de Moraes, Campos Salles, Nilo Peçanha e outros — ligeiros traços biographicos.

VI — Abolição da escravidão: narrativa, em forma de conto, sobre os quilombos dos Palmares, o jangadeiro Nascimento, a collaboração dos negros na evolução nacional. A prohibição do trafico — Eusebio de Queiroz; o ventre-livre — Visconde do Rio Branco; a lei aurea — Patrocinio, Joaquim Nabuco, D. Isabel. A Sociedade Libertadora Alagoana.

VII — Guerra do Paraguay: factos principaes — Riachuelo, Itororó, Avahy; Barroso, Osorio, Caxias — feitos guerreiros mais notaveis. D. Rosa da Fonseca e seus filhos. Historietas sobre os horrores da guerra.

VIII — Reprodução oral e escripta dos assumptos estudados.

IX — Investigações pessoaes pelos alumnos, fora da aula, conversando com os paes, com os conhecidos, visitando lugares historicos e museus. Reprodução oral dessas investigações.

X — Album historico, de accordo com os assumptos estudados; registro de datas notaveis.

MUSICA

I — Exercicios respiratorios.

II—Exercícios de vocalização (por audição).

III — Canções, marchas e hymnos infantis a uma voz, por audição. Nos exercícios de vocalização o professor fará entoar as vogaes *a, e, i, o, u*. Canções a duas vozes, faceis e curtas.

IV — Nomenclatura e entoação das sete notas da escala.

V — Primeiros ensaios de solfejo por audição: de divisão rythmica; altura e intensidade. (Todo esse estudo, pratico, somente).

TRABALHOS MANUAES

I — Cartonagem iniciada pelo corte de papel e de cartolina para forrar e emoldurar mappas e cartazes. Corte de papelão para feitura de caixas de pharmacia e confeitaria, forro desses objectos e acabamento com papeis de cor e arestas adequadas.

II — Construcção de corpos geometricos e de objectos usuaves, como pastas para papeis, porta-jornaes etc. Costura e encadernação de folhetos em diversos typos.

III — Modelar em barro objectos familiares e animaes domesticos, por interpretação espontanea do alumno, modelar accidentes geographicos sem preocupação de escala. Uso do taboleiro de areia para a modelagem dos accidentes geographicos.

PARA MENINAS

I — Ponto cruzado de linha, em talagarça e linha grossa.

II — Pontos cruzados em lã e étamine.

III — Alinhavinhos e pospontos.

IV — Pontos de cadeia e applicações em peças de vestuario.

V — Tapeçaria em aniagem e talagarça.

VI — Casear, serzir meias e fazer remendos.

VII — Pregar botões e colchetes. Crochet: toucas e sapatinhos.

EDUCAÇÃO PHYSICA

— 2ª. TURMA —

(20 minutos)

I — Formação de fileiras. Posições.

II — Exercícios de respiração.

III — Marchas diversas. Tomar distancia.

IV — Corridas de velocidade, que não excedam a distancia de sessenta metros. Saltos para a frente. Salto com os pés unidos.

V — Jogos escolares: cabra-cega, quatro cantos, chicote queimado e outros em que possam tomar parte todos os alumnos.

VI — 1ª e 2ª series de gymnastica sueca. 1ª. serie cantada.

TERCEIRO ANNO

PORTUGUÊS

LEITURA

Leitura corrente de prosa ou verso, com explicação, pelo professor, do sentido figurado, ou real, dos termos da lição; interpretação oral, pelo alumno, do trecho lido.

Leitura impressa e manuscripta.
Calliphasia.

CALLIGRAPHIA

Escripta ambidextra

Uso dos Cadernos de Francisco Vianna, ns. 3 e 4.

LINGUAGEM

I — Fazer a prosa de poesias como esta:

Todos cantam sua terra,
Tambem vou cantar a minha;

Nas deveis cordas da lyra
 Hei de fazê-la rainha;
 Hei de dar-lhe a realoza
 Nesse throno de belleza
 Em que a mão da natureza
 Esmerou-se em quanto tinha.

CASEMIRO DE ABREU.

Correcção orthographica e syntactica.

O Professor fará a *summula biographica do poeta e explicará as palavras de sentido figurado, v. g. "cantar", "terra" ou as menos familiares, "debil", "lyra", e explicará que o poeta se inspirou na "Canção do exílio", pois estava em Lisboa (1856), quando escreveu estes versos á "Minha Terra".*

II — Descrever as instituições sociaes de Maceió, em que local estão os predios respectivos e que utilidade têm ellas. (O mesmo relativamente ás sedes das Escolas do interior).

Correcção orthographica e syntactica.

III — Leitura expressiva de verso. *Correcção prosodica. Calliphasia. Veja de preferencia os modelos de poesia na "Terra das Alagoas" (Pequena Anthologia.)*

IV — Dramatização de pequenas historias e fabulas. Interpretação mimica e calliphasica.

V — Descrição oral da bandeira brasileira.

Correcção prosodica e syntactica.

VI — Descrição escripta da bandeira brasileira, a vista do desenho respectivo feito pelo alumno.

Correcção orthographica e syntactica.

VII — O alphabeto. Vogaes e consoantes. Monotongos. Ditongos. Accentos. Syllabas.

Exercicios de applicação. Explicação summaria, pelo Professor, sobre a origem do alphabeto.

VIII — Pronomes. Verbo activo e passivo.

Prelecção pelo Professor. Phrases para a conversão das vozes do verbo.

IX — Theoria e pratica da conjugação. Tempos e modos do verbo.

Ter. Haver. Ser. Estar. Amar. Bater. Partir. Pôr.

Exercicios praticos com sentenças, evitando-se a conjugação abstracta dos verbos.

X — Palavras invariaveis. Analyse syntactica: desenvolvimento, com a classificação das orações pelo sentido, pela função e pelo connectivo. Composição: cartas e descrições, com assumptos dados pelo professor. *Illustração do texto.*

NOTA — O Professor deve fazer questão da BOA PRONUNCIA:

— Ligação das palavras entre si no discurso.

— Correcção da troca do *l* pelo *r*: *calçado e não carçado.*

— *L* final.

— *Lh*.

— *En* e *es* prostheticos; e com o som de *i*; as excepções: a) *entre* e seus compostos; b) *este* e seus compostos.

— *Nh* molhado e *nh* com *h* mudo.

— *R* forte, (rolante, lingual-palata! e não guttural).

— *S* final.

— *Ei* e não *Ê*: Laranjeira e não Laranjêra.

LICÇÕES DE COUSAS

I — O corpo humano. Sua divisão. Ligeiro estudo do esqueleto.

II — A digestão. Orgãos do aparelho digestivo. Os alimentos. A mastigação. Dentição: primeira phase.

III — Os orgãos do sentido, conselhos hygienicos para a sua conservação. Habitos de asseio como preservativo de molestias.

IV — Divisão dos animaes em classes. Animaes uteis. Cuidados que lhes devemos dispensar. Animaes nocivos. Fauna brasileira.

V — Divisão do reino vegetal. A reprodução das plantas. Ligeira descrição dos principaes instrumentos agricolas.

VI — O assucar. Sua fabricação e exportação. Principal fonte de riqueza do Estado de Alagoas.

VII — O algodão. Seu plantio e beneficiamento. Fabricas. Pragas,

Serviço de saneamento e classificação no Estado de Alagoas.

VIII — Explicação das cores. O arco-iris.

IX — Ligeiro estudo sobre os phenomenos atmosphericos. O trovão, relampago, vento, chuva etc.

NOTA — Essas lições não constituem um ensino scientifico: têm por unico objectivo o desenvolvimento intellectual das crianças. Devem ser dadas sem preocupação theorica e em linguagem muito clara. Alguns assumptos poderão ser aproveitados para *centro de interesse*, tendo o professor o cuidado de não ir além da capacidade de seus alumnos.

ARITHMETICA

I — Revisão e ampliação dos conhecimentos adquiridos no anno anterior.

II — Leitura e escriptura de numeros em geral e de quantias.

III — Problemas sobre as quatro operações, dados de modo que fiquem induzidas as definições dessas operações, os seus casos geraes e especiaes. Esses problemas devem versar sobre despesas domesticas, salarios, população dos nossos Municipios, distancia entre pontos da estrada de ferro, estrada de rodagem, importação, exportação etc., levando sempre em consideração o local da escola, como ponto de partida e de preferencia.

IV — Avaliação das quantidades. Idéa de quantidade e de unidade. Numero. Complemento de quocientes nas divisões que deixam resto. Idéa de fracção. Fracção ordinaria. Modos de ler e escrever uma fracção ordinaria. Numero inteiro, numero fraccionario, numero mixto. Fracção propria e impropria. Problemas concretos.

V — Fracção decimal. Modos de ler e escrever uma fracção decimal. O metro. Divisão do metro: decimetro, centimetro, millimetro. A gramma: decigramma, centigramma, milligramma.

VI — Adição de fracções ordina-

rias. Fracções homogeneas. Fracção propria e impropria. Extracção de inteiros. Numeros mixtos. Fracção reductivel. Divisibilidade dos numeros e sua applicação na redução das fracções á expressão mais simples. Maximo divisor commum de dois numeros e sua applicação na redução das fracções á expressão mais simples.

VII — Subtracção de fracções ordinarias. Fracções homogeneas. Adição e subtracção de fracções homogeneas. Fracções heterogeneas. Reducção de fracções á mesma denominação pelo processo das multiplicações successivas. Minimo multiplo commum de dois ou muitos numeros. Numeros primos. Reducção de fracções á mesma denominação pelo processo do minimo multiplo commum.

VIII — Multiplicação de fracções ordinarias.

IX — Divisão de fracções ordinarias.

X — Systema metrico: o metro, o litro, a gramma. Multiplos e submultiplos. Balanças.

XI — Adição e subtracção de fracções decimaes.

XII — Multiplicação e divisão de fracções decimaes, casos simples.

XIII — Problemas sempre de assumptos familiares aos alumnos.

XIV — Exercicios de logicidade.

GEOMETRIA

I — Recapitulação do estudo anterior.

II — Representação de uma linha dada, pela sua metade, terca ou quarta parte etc. Medição da linha recta com o emprego do duplo decimetro.

III — Prisma quadrangular. Cubo. Quadrado. Dobradura em papel quadriculado para intuição das areas do quadrado. Construcção do cubo em cartolina.

IV — Prisma rectangular. Parallelepipedo. Rectangulo. Dobradura em papel quadriculado para intuição das areas do rectangulo. Construcção do parallelepipedo em cartolina. Avaliação das areas do quadrado e do re-

ctângulo. Perimetro do quadrado e do rectângulo. Arestas e cantos. Ângulos.

V — Analogias e differenças entre o cubo e o parallelepipedo, entre o quadrado e o rectângulo.

VI — Linhas verticaes, uso do fio a prumo. Linha horizontal, uso do nivel. Linhas inclinadas. Linhas parallelas, uso do graminho. Linhas perpendiculares. Linhas obliquas. Traçado dessas diversas linhas com instrumentos: esquadro, regua, compasso.

VII — Circunferencia, raio, arco, diametro e corda. Traçado da circunferencia a mão livre e a compasso. Divisões da circunferencia; grãos, minutos e segundos.

VIII — Ângulos. Medida dos ângulos. Uso do transferidor. — Fazer um ângulo igual a outro, com o compasso e com o transferidor. Dividir um ângulo em partes iguaes: a bissectriz. Comparar a abertura de dois ou mais ângulos. Ângulos complementares e supplementares.

IX — Triangulos: especies. Traçado do triangulo com instrumentos. Medida dos ângulos de um triangulo. Perimetro, base, altura e mediana. Avaliação das areas dos triangulos. Questões praticas, de preferencia de emprego na vida agricola, na medição dos terrenos de cultura. Recorte em papel quadriculado e em papel-cartão de triangulos de varias especies.

X — Quadrilateros: especies. Traçado de quadrilateros. Recorte em papel quadriculado ou papel-cartão. Avaliação da area do rectângulo, parallelogrammo e quadrado. Questões praticas. Polygonos regulares e irregulares. Avaliação da area do polygono regular.

DESENHO

I — Desenho de imaginação e illustrando conhecimentos adquiridos. Reproducção de scenas e interpretação de contos e fabulas. Illustração de trabalhos de lições de linguagem — composição livre — feitos no proprio caderno da lição.

II — Cópia, do natural, de objectos usuaes.

III — Desenho de memoria. Execução a mão livre, de figuras geometricas e de objectos usuaes.

GEOGRAPHIA

I — Recapitulação dos estudos anteriores.

II — Noções geraes do Brasil.

III — Alagoas. Estudo physico e politico.

IV — Zona do littoral: o côco. Zona da matta: canna de assucar, cereaes, mandioca, café, cacáo, fruteiras, mamona. Zona do agreste: o algodão, feijão, milho etc. As seccas. Açudagem: sua utilidade.

IV — Os nossos Municipios agricolas e pastoris.

V — Meios de communicacão em Alagoas. Rios e lagoas. A lagoa Manguba: o sururú.

VI — Relações commerciaes de Alagoas com os demais Estados do Brasil.

VII — Exercicios cartographicos do Estado de Alagoas, com divisão administrativa, vias de communicacão etc.

VIII — Correios, telegraphos, telephones, radio-telegraphia e radio-telephonia.

NOTA — Ensino simultaneo com *Historia do Brasil*.

HISTORIA DO BRASIL

I — Recapitulação da materia estudada no primeiro mês do anno lectivo.

II — Segundo reinado: D. Pedro II; factos notaveis; escurso biographico de homens notaveis dessa epoca, principalmente alagoanos — Visconde de Sinimbú, Tavares Bastos, Ladislau Netto, Mello Moraes, Barão de Penedo, Fernandes de Barros, Dias Cabral.

III — Narrativas sobre a Maioridade — os Andradas; as Regencias — Feijó e Olinda; a Abdicacão — D. Pedro I, com reproducção oral e escripta pelos alumnos.

IV — A Independencia: D. João VI no Brasil — sua obra; abertura dos portos do Brasil — Cayrú; as Cortes Portuguezas — representação de Alagoas nessa Assembleia; José Bonifacio e Gonçalves Ledo — esboço biographico; Alagoas foi a primeira provincia que constituiu um governo essencialmente brasileiro, expulsando as autoridades portuguezas e negando obediencia ás Cortes de Lisboa.

V — Republica do Equador e sua repercussão em Alagoas: Manoel Vieira Dantas e D. Anna Lins; Frei Caneca e Paes de Andrade. Narrativas e noticias biographicas obrigadas a reprodução escripta e oral.

VI — Revolução de 1817 e suas consequencias em Alagoas: Padre João Ribeiro, Padre Roma e Frei Miguelinho. Sua repercussão na Parahyba e no Ceará. O Conde dos Arcos.

VII — Emancipação politica do territorio alagoano: o ouvidor Ferreira Batalha e Mello Póvoas. A capitania: 1817 e 1822; a Provincia: 1822 a 1889. Presidentes notaveis: D. Nuno Seibliz, José Bento da Cunha Figueiredo Junior. O Estado: Gabino Besouro.

VIII — Maceió e seu desenvolvimento economico e social.

IX — Investigações pelos alumnos na forma dos annos anteriores.

X — Album historico como nos annos anteriores. Correspondencia entre os alumnos sobre assumptos estudados.

MUSICA

I — Recapitulação da materia do 2º anno.

II — Exercicios respiratorios.

III — Exercicios de vocalização.

IV — Canções, marchas, hymnos escolhidos e faceis.

V — Canções a duas e tres vozes (por audição). Representação dessas melodias, sem clave, sem compasso e sem divisão de compasso. Valores rythmicos das figuras; valores relativos. Compasso unario e compasso quaternario expresso por C. ou 4;

modo de batê-lo. Tempos fortes e fracos do compasso quaternario. Figuras simples e compostas. Valor do ponto.

VI — Exercicios praticos para o estudo da pauta; a clave de sol; valores dos sons (semibreve, minima e seminima); pausas correspondentes; leitura metrica e solfejos muito faceis; graphia musical.

VII — Dictado musical com phrases de 4 compassos de melodias conhecidas. Nomenclatura das figuras. Melodias conhecidas em rythmo binario, representado pelo compasso 2|4; modo de batê-lo. Tempos fortes e fracos do compasso binario. Melodias conhecidas em rythmo ternario. Compasso ternario representado por 3|4; modo de batê-lo. Tempos fortes e fracos do compasso ternario.

VIII — Claves. Exercicios de nomenclatura de notas na clave de sol, desde a primeira linha suplementar inferior até o 4º espaço da pauta natural. Solfejo de melodias desconhecidas em compasso quaternario.

TRABALHOS MANUAES

I — Continuação do estudo anterior.

II — Modelagem de animaes por modelos coloridos ou do natural, bem como de figuras humanas. Representação de scenas em alto relevo. Execução de ladrilhos em elementos decorativos geometrizados por elementos floracs e da pequena fauna (passaros, peixes e insectos).

PARA MENINAS

I — Franzidos e pregueados.

II — Collocação de entremeios e pontas.

III — Pontos de marca e suas applicações — letras, nomes e monogrammas.

IV — Confecção de roupas brancas.

V — Bordados brancos a mão.

VI — Richelieu.

VII — Tricot e filet.

EDUCAÇÃO PHYSICA

— 3ª. TURMA —

(20 minutos)

I — Formaturas.

II — Exercícios de respiração.

III — Marchas cantadas. Marchas combinadas com movimentos das extremidades superiores. Evoluções gymnasticas em passo ordinario e accelerado. Exercícios pulados. 1ª. serie cantada.

IV — Exercícios imitativos: movimentos analogos aos de quem nada, rema, ceifa, racha lenha, anda de bicycleta etc.

V — Lutas de tracção de corda, por um grupo de alumnos. Jogos escolares.

VI — 1ª., 2ª., 3ª. e 4ª. series de gymnastica sueca. 1ª. e 2ª. series de gymnastica com bastão.

NOTA — As turmas serão formadas pelo crecimento e compleição physica das crianças.

Antes da formatura e de comecar qualquer exercicio, a professora palestrará com os alumnos a respeito de um assumpto de hygiene que lhe pareça opportuno, de modo que elles fiquem convencidos da necessidade de praticar os preceitos de hygiene, preservando o corpo da invasão das molestias, procurando tambem convencê-los de que a gymnastica lhes augmenta o vigor, tornando-os em melhores condições para conservação da saude.

Essas palestras versarão sobre diversos assumptos: — Descripção summaria do corpo humano — Idéa geral da localizaçãõ dos diversos órgãos do corpo humano. — Demonstração em linguagem simples, da necessidade do asseio corporal diario, especificando o asseio do rosto, da bocca, dos dentes, do nariz, dos olhos, das orelhas, dos cabellos, das mãos e das unhas. — Vestimenta, sua utilidade, a materia de que é feita. — Transmissão de doenças pela falta de asseio nas vestimentas. — Necessidade de manter as vestes e a habitação em estado de asseio irreprehensivel. — Explicação ao alcance dos alumnos, sobre o aparelho digestivo; a bocca, os

dentes, o estomago e os intestinos. — Necessidade da bõa mastigaçãõ da sobriedade e regularidade das refeições. — Correcção de attitudes viciosas na aula. — Inconveniencia dos espaços acanhados, mal arejados e mal illuminados. — Vantagem de dormir cedo para acordar cedo. — Necessidade da respiração pelo nariz. — Cuidados que devem ser dispensados aos órgãos dos sentidos. — Perigo do contagio pelas mãos do proprio individuo ou pelo aperto de mãos alheas; pela bocca, tanto por tocar em vasilhas infeccionadas, como pelo beijo; pelo nariz, não só pela poeira, como ainda pelos dedos sujos. — Conveniencia do uso individual do pente, da escova de dentes, da esponja de pó etc. — Inconveniencia dos banhos em temperatura extrema ou por demais prolongados. — Uso de roupas folgadas de accordo com as estações e temperaturas. — Transpiração e resfriamentos: riscos destes. — Hygiene alimentar: alimentos sadios e nutritivos; a regularidade das refeições; a variedade das iguarias; o preparo dos alimentos; a educação do aparelho digestivo; estimulantes da digestão. — Perigos que offerecem os alimentos deteriorados. — Falsificação dos alimentos; inconveniencia dos doces, confeitos e bolos de coloração artificial. — Vantagens dos exercicios physicos; sua influencia sobre o organismo humano. — Hygiene respiratoria: vantagens da vida ao ar livre; meios de evitar molestias das vias respiratorias, etc.

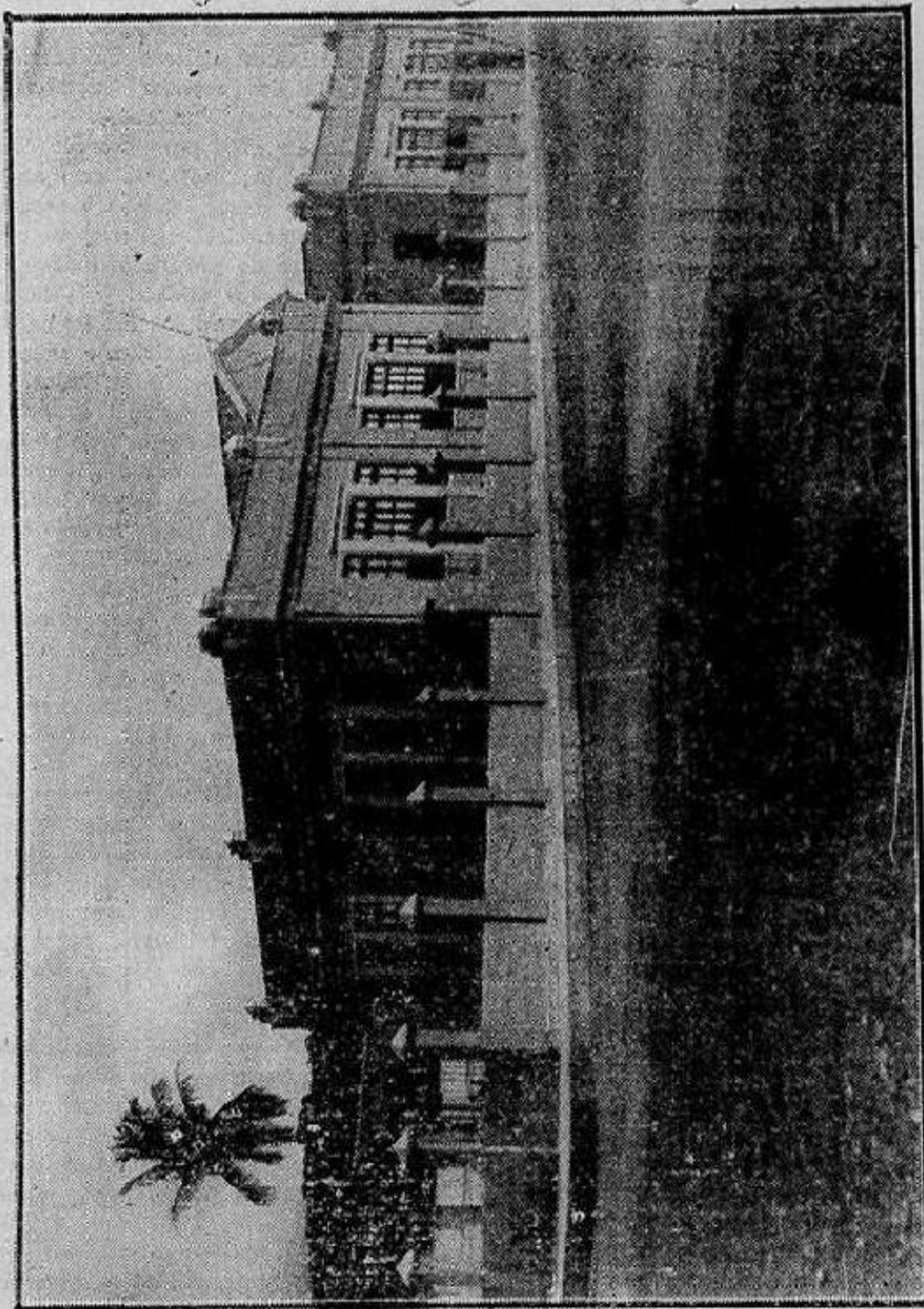
Na execução dos exercicios é preciso que haja vivacidade, para que não sejam fatigantes e devem durar no maximo vinte minutos diariamente.

Terminada uma serie de exercicios, será feita novamente uma serie de dois minutos de respiração.

Os exercicios de pulos só devem ser feitos em terrenos preparados, de arca ou terra afogada.

A professora deve fiscalizar os jogos escolares, prohibindo os que offereçam perigo e deve evitar que os alumnos pratiquem excessos prejudiciaes á saude.

Quando a professora notar que os alumnos estão desattentos e irrequietos na classe, depois de um periodo longo de trabalhos intellectuaes, deve dar um ligeiro exercicio de gymnastica — 5 minutos —



GRUPO ESCOLAR "OLIVEIRA E SILVA" NA CIDADE DE PILAR. Projeto construído e inaugurado no governo Costa Rego.

dentro da própria classe, previamente abrindo as janellas da sala. Esses exercicios devem constar de quaesquer movimentos que ponham em actividade os orgãos das crianças.

As que apresentarem deficiencias or-

ganicas ou apparencias morbidas serlo apresentadas ao medico escolar para que lhes sejam prescriptos os exercicios de gymnastica medica applicaveis nesses casos, e os alumnos assim classificados constituirão uma classe especial

GRUPOS ESCOLARES

PROGRAMMA DO CURSO PRE-ESCOLAR

Esse curso, organizado para crianças de 5 a 7 annos de idade, tem por fim educar-lhes os sentidos, desenvolvendo-lhes as faculdades intellectuaes.

E' formado de uma classe mixta de 10 alumnos, dividida em dois annos, sendo o primeiro para as crianças de 5 a 6 annos e o outro para as de 6 a 7.

Por enquanto o material didactico adoptado é o da insigne educadora italiana Dra. Maria Montessori. Esperamos variá-lo mais adiante com os interessantes jogos de Decroly, considerados hoje os melhores diversorios educativos infantis.

Começam os trabalhos ás 8 horas da manhã e terminam ás 13, sendo interrompidos por dois recreios ao ar livre, um parcial e outro total, liçõesinhas de silencio, brinquedos na sala de classe, lanche e repouso.

As crianças devem achar-se na escola um pouco antes de 8 horas e esperar no galpão, sob a vigilancia da professora, a hora da entrada para a classe, que deverá ser feita em marcha com batimento de palmas.

De pé em circulo cantam a saudação e tomam seus logares sem fazerem barulho e sem arrastarem cadeiras.

Depois, a um signal dado pela educadora, vestem as crianças seus aventaes com o auxilio mutuo, as maiores ajudando as menores.

E' intuitivo começar os trabalhos da manhã por exercicios de vida pratica e exercicios intellectuaes, pequenas lições seguidas de movimentos para evitar que as crianças fiquem sentadas ou de pé durante longo tempo.

A opinião quase geral é que as lições sejam individuaes, porém, ha exercicios, como os de linguagem a vista de cartas, com gravuras coloridas, que attraem logo a attenção de todos.

São lições muito interessantes que os alumnos muito apreciam.

Como pelo regimen da actividade espontanea, todas as manifestações com fim util devem ser permittidas á criança, é logico que a educadora, embora comece os trabalhos da manhã pelos exercicios de vida pratica ou exercicios intellectuaes, consinta que o alumno siga o exercicio que no momento mais lhe agrade.

No intuito de desenvolver nas crianças o espirito de collaboraçao e cooperaçao, a educadora criará tambem um *centro de interesse*, escolhendo assumptos faceis para servirem de thema, taes como os alimentos, os meios de transporte, os peixes, as aves, os quadrupedes etc.

1—*Exercicios de vida pratica:*

Desfazer e fazer nós e laços; desabotoar e abotoar colchetes e presilhas; desatacar e atacar cordões; desunir e unir colchetes (bastidores Montessori); segurar objectos sem deixá-los cahir; mover cadeiras sem fazer ruido; arrumar os objectos nas respectivas caixas; transportar objectos a certa distancia; despir e vestir sem auxilio os aventaes; descalçar e calçar sapatos e meias; pôr o lanche na mesa; dobrar o guardanapo; arrumar a sala; fazer o asseo das mãos e do rosto; pentear os cabellos; levantar-se e sentar-se em silencio; embrulhar pequenos pacotes etc.

2—*Exercicios intellectuaes. Linguagem:*

Estes exercicios devem ser feitos a vista de cartas com gravuras ou em conversaçao, procurando a educadora um assumpto que mais interesse revele á criança; fale com muita simplicidade para ir despertando o espirito da criança e desenvolvendo-lhe o habito da observaçao.

Converse sem formalidades sobre objectos de uso diario e principal-

mente sobre os seus brinquedos: como são, qual o de que mais gosta, quem lh'o deu, o que faz com elle; se conhece algum animalzinho, como se chama e o que faz elle, quantos pés tem o seu animalzinho, quantos olhos, para que serve elle; quem mais possui animaes; quantos dias tem a semana, como se chamam; qual o dia de que mais gosta, porque; que faz a criança nesse dia; quantos amiguinhos tem; de seus colleguinhas qual o que é mais bem comportado; com qual delles gosta mais de brincar etc.; poesias infantis e pequenos recitativos.

3—*Educação muscular ou gymnastica:*

Esses exercicios tendem a auxiliar o desenvolvimento physiologico normal da criança e por isto não devem ser violentos, não podendo exceder de 10 a 12 minutos por dia.

A gymnastica mais recommendada é a marcha acompanhada de canto.

Esta sim, não só exercita a respiração, como aperfeiçoa a linguagem das crianças.

Os jogos ao ar livre agradam muito ás crianças e são de grande utilidade: apostar carreiras curtas, saltar, subir escadas, trepar para alcançar qualquer cousa, equilibrar objectos na mão espalmada, na ponta dos dedos, caminhar sobre linhas traçadas no sólo; movimentar os braços, as mãos e os pés para frente e para trás, o direito primeiro, depois o esquerdo e ambos ao mesmo tempo, salto acompanhando os movimentos com melodias faceis.

Brinquedos imitativos (vozes dos animaes).

Mostrar com o indicador direito as partes do corpo. Pequenos hymnos civicos.

4—*Exercicios tacteis:*

Material didactico: Pranchetas, collecção de cartões e tessidos.

Exercicios: Distinguir o aspero, o lizo e o macio tocando com os olhos

vendados, apalpando, perlustrando com os dedos; distinguir objectos grandes e pequenos, finos e grossos, escorregadios e pegajosos, sem o auxilio da vista. (Ter a educadora o cuidado de evitar que a venda dos olhos attraia demais a attenção das crianças).

Para tornar o exercicio mais interessante, a educadora porá num saquinho diversos objectos: botões, moedinhas, chaves, bolinhas, lapis, caroços de milho, feijão etc., e mandará que uma das crianças introduza a mão no sacco, segure um dos objectos que lá encontre e adivinhe-lhe o nome antes de tirá-lo.

Proferido o nome pelo alumno, tire o objecto; se a criança acertar, guarde-o, e continue do mesmo modo com os outros alumnos.

Se um dos meninos errar, voltará novamenae o objecto ao sacco.

Antes de começar esses exercicios, deve-se recommendar ás crianças banharem as mãos em agua morna, tornando por isso mais sensivel o tacto.

5—*Exercicios baricos:*

Perceber e comparar pesos com o auxilio das taboinhas do material Montessori, ou com qualquer objecto que, tendo o mesmo volume e igual aspecto, seja de peso differente; ou, sendo de igual peso, forme volume differente.

As taboinhas do material Montessori variam de côr, de peso e de qualidade de madeira.

A criança, observando a côr, reconhece as differenças de peso, por isto convem fazê-la distinguir de olhos vendados unicamente pela differença de peso.

6—*Exercicio para educar o olfacto e o paladar:*

Fazer a criança, de olhos vendados, reconhecer somente pelo paladar alimentos communs: pão, doces, biscoitos, frutas, batatas, queijos, substancias azedas, adstringentes, picantes, salgadas, amargas e doces.

e pelo olfacto; flores, folhas aromáticas, substancias de cheiro intenso, como a camphora, a ortelã-pimenta, a cebola, o alho e a alfazema; liquidos: a agua de colonia, o vinagre, o alcool, a creolina etc.

Fazer tambem a criança conhecer substancias inodoras, como a agua, o sal, o vidro etc.

7—*Exercicios sensoriaes e educação do sentido visual.*

I — Percepção visual differencial das dimensões. Material didactico:

1º. — Encaixes solidos;

a) engastes da mesma altura e diametros differentes;

b) engastes differentes em todas as dimensões;

c) engastes decrescentes pelas alturas.

2º. — Uma collecção de dez paralelepipedos da mesma altura e grossura variavel.

3º. — Uma collecção de dez varas, tendo a primeira um metro de comprimento e a ultima um decimetro.

4º. — Uma collecção de dez cubos semelhantes na forma e de volumes differentes.

Com estes objectos a criança, trabalhando por si (processo de auto-educacão), aprende a differenciar os objectos conforme a grossura, altura e volume.

E' um exercicio de grande utilidade, que estimula a criança a observar, desenvolvendo-lhe o raciocinio e educando-lhe a attenção e a intelligencia.

II — Percepção visual differencial da forma e percepção visual-tactil-muscular.

Material didactico: Encaixes planos de madeira e uma collecção de cartões brancos quadrados com tres series de figuras geometricas de aspectos differentes.

III — Percepção visual differencial das cores. Educação do sentido chromatico.

Para as lições sobre cores a educadora arranjará retalhos de fazendas de cores vivas, listadas, quadriculadas, com bolas, com flôres e pa-

ra educar o sentido chromatico, o material Montessori traz duas caixas, cada uma contendo 61 pranchinhas de côres differentes em duplicata; cada caixa com oito compartimentos iguaes, onde são collocadas as oito côres, cada uma com oito gradações.

Segue-se a seguinte ordem:

a) reconhecimento das côres;

b) emparelhamento das côres;

c) escaia das côres;

d) selecção das côres;

e) memoria das côres.

8—*Exercicios para educar o ouvido:*

Distinguir objectos pelo som e por este a situação daquelles; distinguir sons altos, baixos, fortes e brandos; distinguir pessoas pela voz; comparar sons; reconhecer a voz dos animaes (imitação); lição de silencio; experiencia da voz aphonica.

9—*Exercicios para aprender a ler e a escrever:*

Material didactico: Duas mesinhas inclinadas com um rebordo para proteger o que nella se colloca; oito encaixes de metal; quatro dos quaes cobrem cada uma das mesas, cartões com letras e grupos de letras recortadas em lixa, lapis de cor e caixas com grupos de letras lisas.

Exercicios: Composição de palavras e pequenas phrases com o alfabeto movel. Leitura e escripta das mesmas phrases em ambidextria.

10—*Exercicios de iniciação arithmetica:*

Material didactico: As varas (escala de comprimento); duas bandejas de madeira, dividida cada uma em cinco compartimentos com os numeros correspondentes de 0 a 9; uma collecção de bastonetes; 10 cartões com numeros recortados em lixa e outros 10 lisos; dois cartões rectangulares onde estão impressas as dezenas completas.

Exercicios: Reconhecimento, con-

tagem e escripta de numeros até 100 pelo processo Montessori; associação e memoria dos numeros; noção de par, duzia, meia duzia e dezena; operações arithmeticas iniciadas com a escala de comprimento.

11—*Trabalhos manuaes:*

Desenho de imaginação; reproduzido por copia; dobraduras simples; perfuração e alinhavos em cartões; tesselação; modelagem espontanea; desenho de encher figuras esboçadas; recortes com tesouras; desenho de chapas; aquarella, trabalhos em contas e palhinhas; reconstituição de figuras decompostas em partes por meio de encaixes.

PRIMEIRO ANNO

PORTUGUÊS

LEITURA

O ensino de leitura para analphabetos deverá ser feito em diversos passos:

1.º Passo — Formação oral de sentenças pelos alumnos sobre objectos ou gravuras que os interessem. Nessas palestras o professor encaminhará seus alumnos a enunciarem sentenças completas, habituando-os desde logo á pronuncia correcta das palavras, e nesses exercicios passará alguns dias vindo em seguida o

2.º Passo — Ainda com o auxilio de gravuras ou de objectos fará o professor a primeira lição de leitura no quadro negro. Toda sentença formulada pelo alumno será escripta no quadro pelo professor e lida por todos os alumnos da classe, em voz natural, como um todo. Escriptas desse modo varias sentenças, serão essas relidas de baixo para cima, salteado, afim de que as crianças cheguem a conhecê-las com certa perfeição. Essas sentenças serão escriptas em typo vertical. Depois de uma serie de dez a doze lições, vem o

3.º Passo — O professor fará a revisão das lições estudadas, escrevendo as sentenças em diferentes or-

dens. Com esse exercicio irá o professor incitando os alumnos retardatarios e exigindo sempre uma leitura natural, para que as crianças apprehendam o sentido do que lerem.

4.º Passo — O professor dividirá as sentenças, destacando os termos principaes, sublinhando-os, dispondo as palavras conhecidas em columnas, fazendo com que os alumnos aprendam a phrasear. O professor, agrupando do modo mais variado possível as palavras dominadas pelas crianças, organizará novas sentenças.

5.º Passo — O professor orientará a classe na leitura da Cartilha, aproveitando as lições já feitas no quadro negro. Simultaneamente, com a lição escripta no quadro, ensinará os alumnos a mesma lição na Cartilha, evitando desse modo a decoraçào.

6.º Passo — Depois de dominadas pelas crianças muitas palavras passará o professor ao ensino das syllabas. Pronunciará e escreverá no quadro diversas palavras que comecem pela mesma syllaba, attrahindo a attenção das crianças para esse elemento do vocabulo. Com esse exercicio irão as crianças distinguindo as syllabas, que serão escriptas separadamente, sem traço de união.

7.º Passo — Encaminhará o professor a classe ao conhecimento das letras. Para isso organizará listas de palavras que tenham a mesma inicial.

—
NOTA — Os alumnos não devem estudar em casa; deixarão no Grupo a Cartilha, evitando a collaboraçào, prejudicial e contraproducente ao methodo, das pessoas alheas ao ensino.

CALLIGRAPHIA

Escripta ambidextra

A escripta no 1.º anno é ensinada simultaneamente com a leitura, começando pela copia, a lapis, da sentença, passando depois aos Cadernos de Francisco Vianna, Auxiliar da Cartilha e n. 1, enquanto as Escolas não estiverem providas do material necessario.

LINGUAGEM

I — Formação oral de phrases com os nomes dos objectos familiares á classe: mobiliario escolar, peças do vestuario, livros, partes do corpo humano.

Correcção prosodica e syntactica.

II — Escripta dessas phrases no quadro negro.

Correcção orthographica e syntactica.

III — Palestras entre alumnos, suggeridas por estampas, sob a orientação do professor.

Correcção prosodica e syntactica.

IV — Narração de factos occorridos na classe ou observados na rua: (cada alumno falará para a classe).

Correcção prosodica e syntactica.

V — Leitura e raconto de fabulas escolhidas pelo Professor, de preferencia no folc-lore nacional.

Correcção prosodica e syntactica.

VI — Descrição de estampas.

Correcção orthographica e syntactica.

VII — Recomposição oral de fabulas contadas pelo Professor.

Correcção prosodica e syntactica.

VIII — Dictado de proverbios.

Correcção orthographica e de pronuncia.

IX — Substituir em phrases do livro habitual de leitura as palavras pelos seus synonymos.

X — Escripta, no quadro negro, das palavras corregidas nos dictados ou composições.

O Professor explicará os cognatos dessas palavras e sua respectiva significação, evitando quaesquer referencias ás cacographias da composição.

NOTA — O Professor deve fazer questão da BOA PRONUNCIA:

— Ligação das palavras entre si no discurso.

— Correcção da troca do *l* pelo *r*: *calçado* e não *carçado*.

— *L* final.

— *Lh*.

— *En* e *es* prostheticos; *e* com o som de *i*; as excepções: a) *entre* e seus compostos; b) *este* e seus compostos.

— *Nh* molhado e *nh* com *n* mudo.

— *R* forte, (rolante, lingual-palatal e não guttural).

— *S* final.

— *Ei* e não *ê*: Laranjeira e não Laranjeira.

LIÇÕES DE COUSAS

I — O corpo humano, seus orgãos. Necessidade da hygiene do corpo.

II — A alimentação. A carne, o leite, o pão, o queijo e a manteiga. Conselhos hygienicos para a conservação dos alimentos.

III — Os mammiferos. Animaes uteis e nocivos. O couro, a lã, o pente, os calçados.

IV — As aves, serviços que nos prestam. Seus usos e costumes. A caça.

V — Os insectos. Insectos uteis e nocivos. O mel, a cêra. A sêda. O amarellão, o impaludismo. Perigo de andar descalço.

VI — A pesca. Os peixes. Os crustaceos: o camarão, o ciri, o goiamum; os molluscos: o sururú, a ostra, o polvo, os caramujos. Instrumentos de pesca.

VII — As plantas, sua utilidade. A borracha e a cortiça. O linho e o algodão. A farinha de mandioca. O feijão e o milho.

VIII — A' agua, a chuva, o orvalho.

IX — Conhecimento pratico das cores e dos sons.

X — O papel, seu fabrico, sua utilidade. O caderno e o livro.

NOTA — Essas lições não constituem um ensino scientifico, têm por unico objectivo o desenvolvimento intellectual das crianças. Devem ser dadas sem preocupação theorica e em linguagem muito clara. Alguns assumptos poderão ser aproveitados para *centro de interesse*, tendo o professor o cuidado de não ir além da capacidade de seus alumnos.

A professora levará, sempre que fór possível, os objectos de que tratem as lições.

ARITHMETICA

I — Observação de objectos que estejam em redor do alumno. Nome desses objectos vistos isoladamente

ou agrupados em numero inferior a 10. Contagem de objectos, distinguindo-os pela qualidade, tamanho, côr, etc., contanto que os alumnos observem, comparem e raciocinem, adquirindo a idéa do mais, do menos, do igual.

II — Observações do objecto isolado — o numero um. A mesma observação em relação ao numero dois, tres, . . . nove. Os algarismos de 1 a 9. Contagem de objectos de uso dos alumnos; chapéo, lenço, sapatos, meias, etc. Idéa de 2, de par, de impar, de meio, de metade.

III — Reunião de objectos de um a um, dois a um, até 9 a 1. Valor do zéro. Reunião de dois a dois objectos, de 3 a 2, de 9 a 2, etc. Calculos concretos. Estudo da carta de Parker.

IV — Idéa da unidade pela observação de uma cousa. Formação de dezena. Função do zéro. Contagem de 10 a 20. Conhecimento do metro: o decimetro, o duplo decimetro. Conhecimento do litro. Problemas de assumptos familiares sobre o metro e o litro, ao alcance do alumno. Conhecimento da gramma — o kilo, a balança.

V — Idéa de unidades, de formação de dezenas, empregando enveloppes, caixas ou qualquer outro meio para que o alumno bem comprehenda a formação de unidades superiores.

VI — Combinação de numeros formando addições.

VII — Emprego do signal + e do signal = Decomposição dos numeros por meio da subtracção. Emprego do signal — e do signal =. Adição de parcelas repetidas. Idéa da multiplicação, emprego do signal \times . Subtracções consecutivas, com subtrahendo constante: idéa de divisão. Repartição de um numero em partes iguaes. Idéa de divisão, emprego do signal \div . Calculos com o emprego de sementes ou quaesquer outros elementos trazidos de casa pelos alumnos.

VIII — Cópia dos calculos feitos no quadro negro. Cópia das taboadas de sommar e diminuir.

IX — Calculo mental sempre sobre assumptos conhecidos dos alumnos.

X — Calculos concretos sobre as quatro operações fundamentaes, de numeros inferiores a 100.

XI — Exercicios de logicidade.

GEOMETRIA

I — Esphera: estudo feito a vista desse solido, quanto á forma e á superficie. Conhecimento de fórmulas analogas encontradas na natureza e na industria: bólas, frutas, sabonetes etc.

II — Cubo: estudo feito a vista desse solido. Comparação com outros objectos conhecidos: dados, caixas etc.

III — Comparação entre o cubo e a esphera. Superficie curva e plana. Num plano inclinado a esphera róta e o cubo escorrega. Demonstração pratica pelo professor. Manuseando os solidos, os alumnos devem notar as differenças entre as suas superficies. Faces do cubo, arestas ou linhas, cantos ou angulos.

IV — Modelar em barro a esphera e o cubo. Dividir a esphera pelo meio — o hemispherio. O circulo.

V — Desenhar uma das faces do cubo — o quadrado.

VI — Desenhar em papel cartão as seis faces do cubo, recortá-las e dobrá-las, compondo um cubo.

VII — Dividir um cubo de barro em duas e em quatro partes iguaes, para obter prismas rectangulares e quadrangulares: o rectangulo, seus lados e seus angulos; citar objectos que se assemelhem ao prisma rectangular: construeção de caixas com papel encorpado.

VIII — Cylindro: base, altura. Citar objectos com fórmulas cylindricas: lapis, chaminé, velas etc.

IX — Modelar em barro um cylindro. Estudo comparativo dos solidos entre si, pela sua semelhança ou dissemelhança. O alumno citará objectos que tenham fórmulas semelhantes a esses solidos estudados.

DESENHO

I — Desenho de imaginação. Assumptos á vontade do alumno.

II — Desenho do natural. Cópia de objectos usuaes.

III — Noções sobre as cores. Combinação e matizes. Estudo pratico e sua applicação a pequenas composições decorativas. Recôrte de silhuetas pretas e de cores.

GEOGRAPHIA

I — Estudo da séde do Grupo, ruas, praças etc.

II — Esboço do trajecto que a criança faz de casa ao Grupo, como pequenos ensaios cartographicos.

III — Terra firme: vias de comunicação. Aguas: meios de transporte.

IV — Pontos cardeaes: nascente e poente.

V — Dia e noite. O trabalho e o repouso.

VI — O sol. Luz e calor. Estações: inverno e verão.

VII — Bairros e ruas mais importantes da séde da Escola.

NOTA — Ensino simultaneo com *Historia do Brasil*.

HISTORIA DO BRASIL

I — Palestra com os alumnos sobre os lugares onde nasceram, onde nasceram seus paes, seus irmãos, seus avós, seus conhecidos, para dar-lhes a idéa de patria.

II — Palestras sobre a localidade onde está a escola, como é ella actualmente, e como foi; seus habitantes primitivos e os actuaes; usos, costumes e tradições.

III — Riquezas naturaes do Estado: fertilidade do solo, o pau-brasil em São Miguel e Coruripe; o petroleo; bellezas naturaes do Estado: a cachoeira de Paulo Affonso, as praias, as lagoas. Lições descriptivas em forma de palestras, visando despertar o entusiasmo infantil pela terra natal.

IV — Mostrar no mappa a cidade, o municipio, o Estado, o pais, o continente em que nasceu o alumno, seus paes, seus avós, seus conhecidos.

V — Nome do prefeito do municipio, do governador do Estado, do presidente da Republica e as funcções de cada um delles.

VI — Historietas contadas aos alumnos: Alagoas no tempo do descobrimento; os Cahetés; os Palmares; os primeiros povoados alagoanos — Penedo, Porto Calvo, Alagoas, para salientar a tenacidade e os soffrimentos dos primeiros desbravadores.

VII — A Patria; a Bandeira; as estatuas; os monumentos historicos e artisticos.

VIII — Mostrar no mappa de Alagoas as localidades onde se deram os acontecimentos narrados.

IX — Investigações pessoaes dos alumnos, fóra da aula, interrogando os paes, os velhos, os conhecidos sobre os assumptos estudados em classe, para reprodução oral do que tiverem ouvido.

X — Organização do album historico com gravuras recortadas de jornaes, photographias, desenho dos proprios alumnos etc. (Cada alumno terá seu album).

MUSICA

Ensino pelo methodo analytico

I — Exercicios respiratorios.

II — Exercicio de vocalização (por audição).

III — Canções, marchas e hymnos infantis, por audição, muito faceis, de tessitura adequada sobre assumptos pittorescos (animaes, plantas, brinquedos, objectos usuaes etc.).

TRABALHOS MANUAES

I — Dobrar em papel commum o quadrado e o rectangulo.

II — Construir de papel objectos usuaes em geral: chapéos, estojos, barquinhas, caixinhas, enveloppes, copos, sacos etc.

III — Cartonagem. Construir de papel encorpado solidos estudados no 1º anno de Geometria.

IV — Modelagem em barro dos solidos geometricos aprendidos no 1º anno e de objectos de fórmulas semelhantes: laranja, limão, manga, abacate, melão etc. Modelagem de ou-

tros objectos, taes como: tamancos, botinas, cópos, tijellas, chicaras etc.

V — Composições livres.

PARA MENINAS

I — Alinhavos em panno grosso.

II — Pontos faceis de agulha com linhas grossas, combinando cores.

III — Pospontos e bainhas.

IV — Desfiados de orlas de pannos e sua applicação em toalhas e guardanapos.

V — Pontos de marca em aniagem e talagarça.

VI — Crochet: malha com agulhas apropriadas.

VII — Applicações em trabalhos simples e baratos.

EDUCAÇÃO PHYSICA

GYMNASTICA

— 1ª. TURMA —

(20 minutos)

I — Formação de fileiras. Posições.

II — Exercícios de respiração.

III — Marchas em linhas desenvolvidas, em grandes e pequenos circulos, em espiral e em zigue-zagues. 1ª serie de exercicios suecos.

IV — Marchas acompanhadas de canto, 1ª serie cantada de gymnastica sueca, como exercicios recreativos.

V — Marchas cadenciadas. Corridas que não excedam a distancia de quarenta metros.

VI — Jogos escolares: bola, corda, arco, brinquedos musicaes acompanhados de canto etc.

SEGUNDO ANNO

PORTUGUÊS

LEITURA

As lições nesse annos constarão de capitulos inteiros.

O professor explicará primeiro o assumpto contido no capitulo escolhido e pedirá que um dos alumnos faça com suas palavras a interpretação do que ouviu.

Em seguida o professor lerá a lição dando o verdadeiro sentido dos termos desconhecidos, graphando-os no quadro negro e organizando com elles sentenças para sua melhor comprehensão.

Depois essa lição deverá ser lida pelos alumnos, cabendo a cada um, pelo menos, um terço do capitulo, podendo ser dada a lição em dois ou tres dias.

Para esse anno são indicados os primeiros e segundos livros de leitura.

CALLIGRAPHIA

Escripta ambidextra

Uso diario dos Cadernos de Francisco Vianna, ns. 2 e 3.

LINGUAGEM

I — Escrever em prosa poesias como esta:

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá;

As aves que aqui gorgêam

Não gorgêam como lá.

GONÇALVES DIAS.

Correcção orthographica e syntactica.

O Professor dará os traços biographicos do poeta e explicará que, ao compôr essa canção, estava elle em Coimbra (1840), e por isso lhe deu o nome de "Canção do exílio".

II — Explicação oral, pelo alumno, do que faz um menino de escola, pela manhã, até chegar á classe.

Correcção prosodica e syntactica.

III — Desenhar a sala de classe, localizando todos os moveis, e depois descrevê-la oralmente.

Correcção prosodica e syntactica.

IV — Descrição oral da rua ou praça onde estiver localizada o Grupo: observar o calçamento, as carroças que passam, os bondes, os au-

tos, os fios do telephone, os typos populares.

Correcção prosodica e syntactica.

V — Desenho dessa descripção.

VI — Explicação, pelo Professor, da fundação de Maceió; os alumnos reproduzirão oralmente a mesma historia. (O mesmo em relação ás sedes dos Grupos do interior do Estado).

Correcção prosodica e syntactica.

VII — Reproducção escripta da mesma historia.

Correcção orthographica e syntactica.

VIII — Conceito do substantivo (nome), do adjectivo (qualidade) e do verbo (acção).

Empregar nos exemplos praticos nomes de pessoas e cousas notaveis de Alagoas.

IX — Noção de genero e numero. Formação do feminino ou masculino dos nomes de pessoas familiares, de cousas vulgares e de animaes domesticos.

X — Noções de analyse syntactica e lexica. Sentenças facéis do proprio livro de leitura, ou tornadas mais simples pelo Professor.

Obs. — A analyse syntactica deve ter por principal escôpo a intelligencia da phrase, e não a minuciosa dissecção grammatical.

E' erro começar pela analyse lexica, pois as palavras insuladas, como na nomenclatura lexicologica, não têm funcção: as palavras têm valor relativo, dependente da accepção em que são tomadas no discurso.

O professor não exigirá Grammatica.

NOTA — O Professor deve fazer questão da BOA PRONUNCIA:

— Ligação das palavras entre si no discurso.

— Correcção da troca do *l* pelo *r*: *calçado* e não *caryado*.

— *L* final.

— *Lh*.

— *En* e *es* prostheticos; e com o som de *i*; as excepções: a) *entre* e seus compostos; b) *este* e seus compostos.

— *Nh* molhado e *nh* com *h* mudo.

— *R* forte, (rolante, lingual-palatal e não guttural).

— *S* final.

— *EI* e não *ê*: Laranjeira e não Laranja.

LICÇÕES DE COUSAS

I — Divisão do corpo humano. Os sentidos. O asseio do corpo. Respiração cutanea.

II — Estudo das partes das plantas. Suas funcções. A utilidade dos vegetaes na medicina, nas artes e nas industrias.

III — Os cereaes: feijão, milho, arroz. Hygiene dos alimentos. Cuidados para a sua conservação.

IV — Os animaes domesticos e selvagens.

V — As bebidas. O vinho e a cerveja. O alcoolismo; o alcool-motor. Perigos do fumo.

VI — Meios de communicação terrestre, maritima e aérea. O automovel, o aeroplano, o correio, o telegrapho, a estrada de ferro.

VII — Meios de evitar as molestias contagiosas e infecciosas. Necessidade da vaccina. O Instituto Pasteur. O perigo dos cães e dos ratos.

VIII — O vestuario. Os tessidos apropriados ás estações. O calor. O frio.

IX — A agua nos tres estados. Meios que devemos empregar para purificá-la.

X — O arejamento das habitações. O perigo da poeira. Os microbios.

NOTA — Essas lições não constituem um ensino scientifico, têm por unico objectivo o desenvolvimento intellectual das crianças. Devem ser dadas sem preocupação theorica e em linguagem muito clara. Alguns assumptos poderão ser aproveitados para *centro de interesse*, tendo o professor o cuidado de não ir além da capacidade de seus alumnos.

ARITHMETICA

I — Recapitulação do estudo anterior.

II — Cópia da carta de *Parker*, das taboadas de multiplicar e dividir.

III — Ler e escrever numeros até centenas de milhar. Estudo da formação de unidades superiores. Noção de ordem ou casa e classe.

IV — Algarismos romanos. O mostrador do relógio. Medidas horarias. O dia, a hora, o minuto.

V — Noção de moeda brasileira, de compra e venda, de troco. Problemas sobre addição. Disposição das parcellas que devem ser da mesma natureza. Modo de escrever as parcellas. Somma. O professor deve preparar o espirito do alumno para elle observar que a somma é sempre a mesma, se as parcellas conservarem o mesmo valor, embora mudando de collocação. Cópia da taboada de sommar.

VI — Estudo da subtração — primeiro entre numeros simples, depois entre compostos, porém sempre com termos concretos. Embora sem definição, o professor deve observar que os termos da differença — minuendo e subtraendo — são da mesma natureza — quantidades homogeneas. Como meio de provar a veracidade do calculo feito, deve-se mandar sommar o subtraendo com o resto, donde se conclue que o minuendo é a somma de duas parcellas, sendo o subtraendo uma dessas parcellas e o resto a outra. Cópia da taboada de diminuir.

VII — Estudo da multiplicação, primeiramente entre numeros simples, convindo começar por uma addição de parcellas iguaes. Cópia da taboada de multiplicar. Problemas de multiplicar. Casos geraes da multiplicação. Recapitulação da escriptura dos numeros. Valor do zero. Multiplicação por 10, 100, 1000.

VIII — Estudo da divisão. Problemas concretos. Estudo da divisão por meio da subtração. Cópia da taboada de dividir. Primeiramente problemas com divisores e quocientes simples, depois divisor simples e quociente composto, e por fim divisor e quociente compostos, porém sempre casos de divisões sem resto. Nesses problemas não devem ser empregados numeros além de centenas de milhar. Divisão por 10, 100, 1000,

quando o dividendo terminar em zeros. Divisão por 2 para formar a metade de um numero; por 3 para o terço; por 4 para o quarto, até por 10 para formar o decimo.

IX — Problemas de divisão que deixem resto. Modos de completar o quociente de uma divisão que deixe resto, por meio de problemas formulados da vida pratica. As quatro operações fundamentaes, empregando para isso o metro, o litro, a gramma, a moeda brasileira etc. Problemas que envolvam mais de uma operação.

X — Exercicios de logicidade.

GEOMETRIA

I — Recapitulação do estudo anterior.

II — Superficies planas e curvas, horizontaes e verticaes. Forma das faces. Lados e angulos do quadrado e do rectangulo, linhas e angulos rectos.

III — Dar a um pedaço irregular de papel a forma de um quadrado ou de um rectangulo. Emprego de papel quadriculado para melhor intuição da area do quadrado ou do rectangulo.

IV — Dividir um prisma rectangular em dois prismas triangulares; o triangulo. Dividir um pedaço de papel com a forma de quadrilatero em triangulos; as especies de triangulos.

V — Cone: circulo da base. O semi-circulo, o diametro, o raio e a circumferencia. Objectos semelhantes ao cone: cartuchos de papel, funil, montes de areia etc.

VI — Pyramide: vertice, lados, base; triangulos e polygnos.

VII — Traçado de circumferencia com o auxilio de um brabante, e com o compasso.

VIII — Desenhar em papel-cartão as faces dos prismas e pyramides, recortar essas figuras, dobrá-las e collar as bandas para compôr esses solidos.

IX — Construir o cylindro e o cone.

X — Desenhar as especies de triangulos e de angulos.

XI — As posições absolutas e relativas das linhas. Medida de linhas rectas. Construção de linhas que sejam o duplo, o triplo, o quadruplo etc., da linha dada.

DESENHO

I — Desenho de imaginação. Assumptos á vontade do alumno. Desenhos como expressão de observações feitas.

II — Desenho do natural. Cópia de objectos usuaes.

III — Desenho de memoria. Execução a mão livre, no quadro negro, de figuras geometricas e de objectos usuaes.

V — Noções sobre as cores. (O mesmo do 1º anno).

GEOGRAPHIA

I — Recapitulação dos estudos anteriores.

II — Denominações dadas ás terras e ás aguas a vista de gravuras ou de esboços feitos em areia no pateo do recreio.

III — Noções geraes do Estado de Alagoas, seus contornos.

IV — Grandes melhoramentos e desenvolvimento da sede do Grupo.

V — Ideia de continente. Divisão dos continentes.

VI — Configuração do Brasil.

VII — Pontos cardeaes: norte e sul.

VII — O sol. A lua.

NOTA — Ensino simultaneo com *Historia do Brasil*.

HISTORIA DO BRASIL

I — Recapitulação dos estudos anteriores durante o primeiro mês do anno lectivo.

II — Palestras com os alumnos sobre o desenvolvimento historico, social e economico do Municipio a que pertencer o Grupo, com indicação dos homens que mais concorreram para esse desenvolvimento. Homens illustres do Municipio nas letras, nas sciencias e nas artes: ligeiros traços biographicos.

III — Episodios dramaticos, em

forma de historietas, da vida de Calabar, Clara Camarão, Anchieta.

IV — A Republica: pequenas narrativas sobre precusores e martyres — Tiradentes e Felipe dos Santos; a propaganda — Bocayuva e Silva Jardim; a proclamação — Diodoro e Benjamim Constant. Reprodução oral, dessas narrativas pelos alumnos.

V — Presidentes da Republica: Floriano, Prudente de Moraes, Campos Salles, Nilo Peçanha e outros — ligeiros traços biographicos.

VI — Abolição da escravidão: narrativa, em forma de conto, sobre os quilombos dos Palmares, o jangadeiro Nascimento, a collaboração dos negros na evolução nacional. A prohibição do trafico — Eusebio de Queiroz; o ventre-livre — Visconde do Rio Branco; a lei aurea — Patrocinio, Joaquim Nabuco, D. Isabel. A Sociedade Libertadora Alagoana.

VII — Guerra do Paraguay: factos principaes — Riachuelo, Itororó, Avañy; Barroso, Osorio, Caxias — feitos guerreiros mais notaveis. D. Rosa da Fonseca e seus filhos. Historietas sobre os horrores da guerra.

VIII — Reprodução oral e escripta dos assumptos estudados.

IX — Investigações pessoaes pelos alumnos, fóra da aula, conversando com os paes, com os conhecidos, visitando lugares historicos e museus. Reprodução oral dessas investigações.

X — Album historico, de accordo com os assumptos estudados; registro de datas notaveis.

MUSICA

I — Exercicios respiratorios.

II — Exercicios de vocalização (por audição).

III — Canções, marchas e hymnos infantis a uma voz, por audição. Nos exercicios de vocalização o professor fará entoar as vogaes *a, e, i, o, u*. Canções a duas vozes, faceis e curtas.

IV — Nomenclatura e entoação das sete notas da escala.

V — Primeiros ensaios de solfejo

por audição: de divisão rythmica: altura e intensidade. (Todo esse estudo, pratico, somente).

TRABALHOS MANUAES

I — Cartonagem iniciada pelo corte de papel e de cartolina para forrar e emoldurar mappas e cartazes. Corte de papelão para feitura de caixas de pharmacia e confeitaria, forro desses objectos e acabamento com papeis de côr e arestas adequadas.

II — Construção de corpos geometricos e de objectos usuaes, como pastas para papeis, porta-jornaes etc. Costura e encadernação de folhetos em diversos typos.

III — Modelar em barro objectos familiares e animaes domesticos, por interpretação espontanea do alumno, modelar accidentes geographicos sem preocupação de escala. Uso do taboleiro de areia para a modelagem dos accidentes geographicos.

PARA MENINAS

I — Ponto cruzado de linha, em talgarça e linha grossa.

II — Pontos cruzados em lã e etamine.

III — Alinhavinhos e pospontos.

IV — Pontos de cadeia e applicações em peças de vestuario.

V — Tapeçaria em aniagem e talgarça.

VI — Casear, serzir meias e fazer remendos.

VII — Pregar botões e colchetes. Crochet: toucas e sapatinhos.

EDUCAÇÃO PHYSICA

— 2ª. TURMA —

(20 minutos)

I — Formação de fileiras. Posições.

II — Exercícios de respiração.

III — Marchas diversas. Tomar distancia.

IV — Corridas de velocidade, que não excedam a distancia de sessenta

metros. Saltos para a frente. Salto com os pés unidos.

V — Jogos escolares: cabra-cega, quatro cantos, chicote queimado e outros em que possam tomar parte todos os alumnos.

VI — 1ª e 2ª series de gymnastica sueca. 1ª serie cantada.

TERCEIRO ANNO

PORTUGUÊS

LEITURA

Leitura corrente de prosa ou verso, com explicação, pelo professor, do sentido figurado, ou real, dos termos da lição: interpretação oral, pelo alumno, do trecho lido.

Leitura impressa e manuscripta. Calliphasia.

CALLIGRAPHIA

Escripta ambidextra

Uso dos Cadernos de Francisco Vianna, ns. 3 e 4.

LINGUAGEM

I — Fazer a prosa de poesias como esta:

Todos cantam sua terra,
Tambem vou cantar a minha;
Nas debeis cordas da lyra
Hei de fazê-la rainha;
Hei de dar-lhe a realza
Nesse throno de belleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

CASEMIRO DE ABREU.

Correcção orthographica e syntactica.

O Professor fará a summula biographica do poeta e explicará as palavras de sentido figurado, v. g. "cantar", "terra" ou as menos familiares, "debil", "lyra", e explicará que o poeta se inspirou na "Canção do exilio", pois, estava em Lisboa

(1856), quando escreveu estes versos á "Minha Terra".

II — Descrever quaes as instituições sociaes de Maceió, em que local estão os predios respectivos e que utilidade têm ellas. (O mesmo relativamente aos alumnos de cidades do interior, sede do Grupo).

Correcção orthographica e syntactica.

III — Leitura expressiva de verso.

Correcção prosodica. Calliphasia. Veja de preferencia os modelos de poesia na "Terra das Alagoas" (Pequena Anthologia).

IV — Dramatização de pequenas historias e fabulas, interpretação mimica e calliphasica.

V — Descrição oral da bandeira brasileira.

Correcção prosodica e syntactica.

VI — Descrição escripta da bandeira brasileira, a vista do desenho respectivo feito pelo alumno.

Correcção orthographica e syntactica.

VII — O alphabeto. Vogaes e consoantes. Monotongos. Ditongos. Accentos. Syllabas.

Exercícios de applicação. Explicação summaria, pelo Professor, sobre a origem do alphabeto.

VIII — Pronomes. Verbo activo e passivo.

Prelecção pelo Professor. Phrases para a conversão das vozes do verbo.

IX — Theoria e pratica da conjugação. Tempos e modos do verbo. Ter. Haver. Ser. Estar. Amar. Bater. Partir. Pôr.

Exercícios praticos com sentenças, evitando a conjugação abstracta dos verbos.

X — Palavras invariaveis. Analyse syntactica: desenvolvimento, com a classificação das orações pelo sentido, pela função e pelo connectivo. Composição: cartas e descrições, com assumptos dados pelo professor. *Illustração do texto.*

NOTA — O Professor deve fazer questão da BOA PRONUNCIA:

— Ligação das palavras entre si no discurso.

— Correcção da troca do l pelo r: *calçado e não carçado.*

— L final.

— Lh.

— En e es prostheticos: e com o som de i; as excepções: a) *entre* e seus compostos; b) *este* e seus compostos.

— Nh molhado e nh com h mudo.

— R forte, (rolante, lingual-palatal e não guttural).

— S final.

— EI e não Ê: Laranjeira e não Laranjêra.

LIÇÕES DE COUSAS

I — O corpo humano. Sua divisão. Ligeiro estudo do esqueleto.

II — A digestão. Orgãos do aparelho digestivo. Os alimentos. A mastigação. Dentição: primeira phase.

III — Os orgãos do sentido, conselhos hygienicos para a sua conservação. Habitos de asseio como preservativo de molestias.

IV — Divisão dos animaes em classes. Animaes uteis. Cuidados que lhes devemos dispensar. Animaes nocivos. Fauna brasileira.

V — Divisão do reino vegetal. A reproducção das plantas. Ligeira descrição dos principaes instrumentos agricolas.

VI — O assucar. Sua fabricação e exportação. Principal fonte de riqueza do Estado de Alagoas.

VII — O algodão. Seu plantio e beneficiamento. Fabricas. Pragas. Serviço de saneamento e classificação no Estado de Alagoas.

VIII — Explicação das cores. O arco-iris.

IX — Ligeiro estudo sobre os phenomenos atmosphericos. O trovão, relampago, vento, chuva etc.

NOTA — Essas lições não constituem um ensino scientifico; têm por unico objectivo o desenvolvimento intellectual das crianças. Devem ser dadas sem preocupação theorica e em linguagem muito clara. Alguns assumptos poderão ser aproveitados para *centro de interesse*, tendo o professor o cuidado de não ir além da capacidade de seus alumnos.

ARITHMETICA

I — Revisão e ampliação dos conhecimentos adquiridos no anno anterior.

II — Leitura e escriptura de numeros em geral e de quantias.

III — Problemas sobre as quatro operações, dados de modo que fiquem induzidas as definições dessas operações, os seus casos geraes e especiaes. Esses problemas devem versar sobre despesas domesticas, salarios, população dos nossos Municipios, distancia entre pontos da estrada de ferro, estrada de rodagem, importação, exportação etc., levando sempre em consideração o local do Grupo, como ponto de partida e de preferencia.

IV — Avaliação das quantidades. Idéa de quantidade e de unidade. Numero. Complemento de quocientes nas divisões que deixam resto. Idéa de fracção. Fracção ordinaria. Modos de ler e escrever uma fracção ordinaria. Numero inteiro, numero fraccionario, numero mixto. Fracção propria e impropria. Problemas concretos.

V — Fracção decimal. Modos de ler e escrever uma fracção decimal. O metro. Divisão do metro: decimetro, centimetro, millimetro. A gramma: decigramma, centigramma, milligramma.

VI — Adição de fracções ordinarias. Fracções homogeneas. Fracção propria e impropria. Extração de inteiros. Numeros mixtos. Fracção reductivel. Divisibilidade dos numeros e sua applicação na redução das fracções á expressão mais simples. Maximo divisor commum de dois numeros e sua applicação na redução das fracções á expressão mais simples.

VII — Subtração de fracções ordinarias. Fracções homogeneas. Adição e subtração de fracções homogeneas. Fracções heterogeneas. Redução de fracções á mesma denominação pelo processo das multiplicações successivas. Minimo multiplo commum de dois ou muitos numeros. Numeros primos. Redução de fra-

ções á mesma denominação pelo processo do minimo multiplo commum.

VIII — Multiplicação de fracções ordinarias.

IX — Divisão de fracções ordinarias.

X — Systema metrico: o metro, o litro, a gramma. Multiplos e submultiplos. Balanças.

XI — Adição e subtração de fracções decimaes.

XII — Multiplicação e divisão de fracções decimaes, casos simples.

XIII — Problemas sempre de assumptos familiares aos alumnos.

XIV — Exercicios de logicidade.

GEOMETRIA

I — Recapitulação do estudo anterior.

II — Representação de uma linha dada, pela sua metade, terça ou quarta parte etc. Medição da linha recta com o emprego do duplo decimetro.

III — Prisma quadrangular. Cubo. Quadrado. Dobradura em papel quadriculado para intuição das areas do quadrado. Construção do cubo em cartolina.

IV — Prisma rectangular. Parallelepipedo. Rectangulo. Dobradura em papel quadriculado para intuição das areas do rectangulo. Construção do parallelepipedo em cartolina. Avaliação das areas do quadrado e do rectangulo. Perimetro do quadrado e do rectangulo. Arestas e cantos. Angulos.

V — Analogias e differenças entre o cubo e o parallelepipedo, entre o quadrado e o rectangulo.

VI — Linhas verticaes, uso do fio a prumo. Linha horizontal, uso do nivel. Linhas inclinadas. Linhas parallelas, uso do graminho. Linhas perpendiculares. Linhas obliquas. Traçado dessas diversas linhas com instrumentos: esquadro, regua, compasso.

VII — Circunferencia, raio, arco, diametro e corda. Traçado da circunferencia a mão livre e a compasso. Divisões da circunferencia: grãos, minutos e segundos.

VIII — Angulos. Medida dos an-

gulos. Uso do transferidor. Fazer um angulo igual a outro, com o compasso e com o transferidor. Dividir um angulo em partes iguaes: a bissectriz. Comparar a abertura de dois ou mais angulos. Angulos complementares e supplementares.

IX — Triangulos: especies. Traçado do triangulo com instrumentos. Medida dos angulos de um triangulo. Perimetro, base, altura e mediana. Avaliação das areas dos triangulos. Questões praticas, de preferencia de emprego na vida agricola, na medição dos terrenos de cultura. Recorte em papel quadriculado e em papel-cartão de triangulos de varias especies.

X — Quadrilateros: especies. Traçado de quadrilateros. Recorte em papel quadriculado ou papel-cartão. Avaliação da area do rectangulo, parallelogrammo e quadrado. Questões praticas. Polygonos regulares e irregulares. Avaliação da area do polygono regular.

DESENHO

I — Desenho de imaginação e illustrando conhecimentos adquiridos. Reprodução de scenas e interpretação de contos e fabulas. Illustração de trabalhos de lições de linguagem — composição livre — feitos no proprio caderno da lição.

II — Cópia, do natural, de objectos usuaes.

III — Desenho de memoria. Execução, a mão livre, de figuras geometricas e de objectos usuaes.

GEOGRAPHIA

I — Recapitulação dos estudos anteriores.

II — Noções geraes do Brasil.

III — Alagoas. Estudo physico e politico.

IV — Zona do littoral: o côco. Zona da matta: canna de assucar, cereaes, mandioca, café, cacão, fruteiras, mamona. Zona do agreste: o algodão, feijão, milho etc. As seccas. Aoudagem: sua utilidade

IV — Os nossos Municipios agricolas e pastoris.

V — Meios de comunicação em Alagoas. Rios e lagoas. A lagoa Mangaba: o sururú.

VI — Relações commerciaes de Alagoas com os demais Estados do Brasil.

VII — Exercícios cartographicos do Estado de Alagoas, com divisão administrativa, vias de comunicação etc.

VIII — Correios, telegraphos, telephones, radio-telegraphia e radio-telephonia.

NOTA — Ensino simultaneo com *Historia do Brasil*.

HISTORIA DO BRASIL

I — Recapitulação da materia estudada, no primeiro mês do anno letivo.

II — Segundo reinado: D. Pedro II: factos notaveis: escurso biographico de homens notaveis dessa epoca, principalmente alagoanos — Visconde de Sinimbu, Tavares Bastos, Ladislau Netto, Mello Moraes, Barão de Penedo, Fernandes de Barros, Dias Cabral.

III — Narrativas sobre a Maioridade — os Andradas; as Regencias — Feijó e Olinda; a Abdicação — D. Pedro I, com reprodução oral e escripta pelos alumnos.

IV — A Independencia: D. João VI no Brasil — sua obra; abertura dos portos do Brasil — Cayrú; as Cortes Portuguesas — representação de Alagoas nessa Assembléa; José Bonifacio e Goncalves Ledo — escurso biographico; Alagoas foi a primeira provincia que constituiu um governo essencialmente brasileiro, expulsando as autoridades portuguesas e negando obediencia ás Cortes de Lisboa.

V — Republica do Equador e sua repercussão em Alagoas: Manoel Vieira Dantas e D. Anna Lins; Frei Caneca e Paes de Andrade. Narrativas e noticias biographicas obrigadas a reprodução escripta e oral.

VI — Revolução de 1817 e suas consequencias em Alagoas: Padre João

Ribeiro, Padre Roma e Frei Miguelinho. Sua repercussão na Parahyba e no Ceará. O Conde dos Arcos.

VII — Emancipação politica do territorio alagoano: o ouvidor Ferreira Batalha e Mello Póvoas. A capitania: 1817 e 1822; a Provincia: 1822 a 1889. Presidentes notaveis: D. Nuno Seibliz, José Bento da Cunha Figueiredo Junior. O Estado: Gabino Besouro.

VIII — Maceió e seu desenvolvimento economico e social.

IX — Investigações pelos alumnos na forma dos annos anteriores.

X — Album historico como nos annos anteriores. Correspondencia entre os alumnos sobre assumptos estudados.

MUSICA

I — Recapitulação da materia do 2º anno.

II — Exercicios respiratorios.

III — Exercicios de vocalização.

IV — Canções, marchas, hymnos escolhidos e faceis.

V — Canções a duas e tres vozes (por audição). Representação dessas melodias, sem clave, sem compasso e sem divisão de compasso. Valores rythmicos das figuras: valores relativos. Compasso unario e compasso quaternario expresso por C. ou 4; modo de batê-lo. Tempos fortes e fracos do compasso quaternario. Figuras simples e compostas. Valor do ponto.

VI — Exercicios praticos para o estudo da pauta; a clave de sol; valores dos sons (semibreve, minima e seminima); pausas correspondentes; leitura metrica e solfejos muito faceis; graphia musical.

VII — Dictado musical com phrases de 4 compassos de melodias conhecidas. Nomenclatura das figuras. Melodias conhecidas em rythmo binario, representado pelo compasso 2|4; modo de batê-lo. Tempos fortes e fracos do compasso binario. Melodias conhecidas em rythmo ternario. Compasso ternario representado por 3|4; modo de batê-lo. Tempos fortes e fracos do compasso ternario.

VIII — Claves. Exercicios de nomenclatura de notas na clave de sol, desde a primeira linha supplementar inferior até o 4º espaço da pauta natural. Solfejo de melodias desconhecidas em compasso quaternario.

TRABALHOS MANUAES

I — Continuação do estudo anterior.

II — Modelagem de animaes por modelos coloridos ou do natural, bem como de figuras humanas. Representação de scenas em alto relevo. Execução de ladrilhos em elementos decoraticos geometrizados por elementos floraes e da pequena fauna (passaros, peixes e insectos).

PARA MENINAS

I — Franzidos e pagueados.

II — Collocação de entremeios e pontas.

III Pontos de marca e suas applicações — letras, nomes e monogrammas.

IV — Confecção de roupas brancas.

V — Bordados brancos a mão.

VI — Richelieu.

VII — Tricot e filet.

EDUCAÇÃO PHYSICA

— 3ª. TURMA —

(20 minutos)

I — Formaturas.

II — Exercicios de respiração.

III — Marchas cantadas. Marchas combinadas com movimentos das extremidades superiores. Evoluções gymnasticas em passo ordinario e accelerado. Exercicios pulados. 1ª. serie cantada.

IV — Exercicios imitativos: movimentos analogos aos de quem nada, rema, ceifa, racha lenha, anda de bicycleta etc.

V — Lutas de tracção de corda, por um grupo de alumnos. Jogos escolares.

VI — 1ª., 2ª., 3ª. e 4ª. series de

gymnastica sueca. 1.^a e 2.^a series de gymnastica com bastão.

NOTA — As turmas serão formadas pelo crescimento e compleição physica das crianças.

Antes da formatura e de comecar qualquer exercicio, a professora palestrará com os alumnos a respeito de um assumpto de hygiene que lhe pareça opportuno, de modo que elles fiquem convencidos da necessidade de praticar os preceitos de hygiene, preservando o corpo da invasão das molestias, procurando tambem convencê-los de que a gymnastica lhes augmenta o vigor, tornando-os em melhores condições para conservação da saude.

Essas palestras versarão sobre diversos assumptos: — Descripção summaria do corpo humano — Idéa geral da localizaçào dos diversos órgãos do corpo humano. — Demonstraçào em linguagem simples, da necessidade do asseio corporal diario, especificando o asseio do rosto, da bocca, dos dentes, do nariz, dos olhos, das orelhas, dos cabellos, das mãos e das unhas. — Vestimenta, sua utilidade, a materia de que é feita. — Transmissào de doenças pela falta de asseio nas vestimentas. — Necessidade de manter as vestes e a habitaçào em estado de asseio irreprehensivel. — Explicaçào ao alcance dos alumnos, sobre o apparelho digestivo: a bocca, os dentes, o estomago e os intestinos. — Necessidade da bõa mastigaçào, da sobriedade e regularidade das refeições. — Correçào de attitudes viciosas na aula. — Inconveniencia dos espaços acanhados, mal arejados e mal illuminados. — Vantagem de dormir cedo para acordar cedo. — Necessidade da respiraçào pelo nariz. — Cuidados que devem ser dispensados aos órgãos dos sentidos. — Perigo do contagio pelas mãos do proprio individuo ou pelo aperto de mãos alheas; pela bocca, tanto por tocar em vasilhas infeccionadas, como pelo beijo, pelo nariz, não só pela poeira, como ainda pelos dedos sujos. — Conveniencia do uso individual do pente, da escova de dentes, da esponja de pó etc. — Inconveniencia dos banhos em temperatura extrema ou por demais prolongados. — Uso de roupas folgadas de accordo com as estações e temperaturas. — Transpiraçào e resfriamentos: riscos destes. — Hy-

giene alimentar: alimentos sadios e nutritivos; a regularidade das refeições; a variedade das iguarias; o preparo dos alimentos; a educaçào do apparelho digestivo: estimulantes da digestão. — Perigos que offerecem os alimentos deteriorados. — Falsificaçào dos alimentos: inconveniencia dos doces, confeitos e bolos de coloraço artificial. — Vantagem dos exercicios physicos; sua influencia sobre o organismo humano. — Hygiene respiratoria: vantagens da vida ao ar livre; meios de evitar molestias das vias respiratorias etc.

Na execuçào dos exercicios é preciso que haja vivacidade, para que não sejam fatigantes e devem durar no maximo vinte minutos diariamente.

Terminada uma serie de exercicios, será feita novamente uma serie de dois minutos de respiraçào.

Os exercicios de pulos só devem ser feitos em terrenos preparados, de arca ou terra afogada.

A professora deve fiscalizar os jogos escolares, prohibindo os que offerecem perigo e deve evitar que os alumnos pratiquem excessos prejudiciaes á saude.

Quando a professora notar que os alumnos estão desattentos e irrequietos na classe, depois de um periodo longo de trabalhos intellectuaes, deve dar um ligeiro exercicio de gymnastica — 3 minutos — dentro da propria classe, previamente abrindo as janellas da sala. Esses exercicios devem constar de quaesquer movimentos que ponham em actividade os órgãos das crianças.

As que apresentarem deformidades organicas ou apparencias morbidas serão apresentadas ao medico escolar para que lhes sejam prescriptos os exercicios de gymnastica medica applicaveis nesses casos, e os alumnos assim classificados constituirão uma classe especial.

QUARTO ANNO

PORTUGUÊS

LEITURA

Leitura expressiva, de prosa ou verso, com observaçào das regras de

dicção: interpretação oral do trecho lido; mudança de redacção.

Calliphasia.

CALLIGRAPHIA

Calligraphia ambidextra

Uso dos Cadernos de Francisco Vianna, ns. 4 e 5.

Letras de phantasia.

LINGUAGEM

I — Vocabulário: a) synonymos, b) antonymos, c) homonymos, d) paronymos. Leitura e exercicios de applicação.

II — Dictado de poesia.

Correcção orthographica e de pontuação.

III — Cartas familiares e de etiqueta, com pronomes de tratamento.

IV — A locução e a oração. Predicado e sujeito.

V — Vida do selvagem brasileiro. (Prelecção do mestre). Reprodução escripta, pelos alumnos, dessa historia. *Illustração do texto.*

VI — Descrição escripta da bandeira nacional a vista do desenho respectivo feito pelos alumnos.

Correcção orthographica e syntactica.

VII — Syntaxe: "Não é a Grammatica que faz a lingua..." HERDER. (Pode-se aprender a escrever bem sem Grammatica; a Grammatica serve apenas para consultas, como elemento subsidiario do estudo da lingua). Factos da linguagem (estudo superficial). Ordem das palavras na phrase. Factos essenciaes da concordancia. Factos essenciaes da regencia.

VIII — Descrição oral das armas de Alagoas á vista do Escudo.

Correcção prosodica e syntactica.

IX — Reprodução escripta dessa historia.

Correcção estylistica.

X — Prefixos e suffixos mais vulgares. Exercicios de applicação.

XI — Vicios de linguagem: a) solecismo, b) barbarismos, c) idiotismos, d) brasileirismos.

NOTA — O professor deve fazer questão da BOA PRONUNCIA:

—Ligação das palavras entre si no discurso.

—Correcção da troca do L pelo R: CAL-CADO E NAO CARÇADO.

—L final.

—LH.

—EN e ES prostheticos: E com o som de I; as excepções: a) entre e seus compostos; b) este e seus compostos.

—NH molhado e NH com H mudo.

— R forte, (rolante, lingual-palatal e não guttural).

—S final.

—EI e não Ê: Laranjeira e não Laranjêra.

LICÕES DE COUSAS

I — A Respiração. Orgãos do aparelho respiratorio nos animaes e nos vegetaes. Efeitos nocivos da poeira. O asseio da casa.

II — A circulação. Orgãos do aparelho circulatorio nos animaes e nos vegetaes.

III — A classificação dos animaes. Estudo sobre as cinco classes dos vertebrados.

IV — Estudo sobre os vegetaes. Suas variedades e utilidades. Flora brasileira. Apreciação dos phenomenos da germinação.

V — A agua. Sua composição e seus estados. O hydrogenio e o oxygenio.

VI — O ar. Estudo dos gazes que entram em sua composição.

VII — Estudo sobre as especies de solo. Zona assucareira do Estado de Alagoas. Adubos animaes e vegetaes. Os instrumentos agricolas.

VIII—Brisa, monção, tufão, trombas e cyclones.

IX — As nuvens, a chuva, a neve, o orvalho e o sereno.

X — Estudo dos mineraes mais conhecidos. O sal, o ferro, o ouro, o cobre, a prata, o petroleo etc. Salinas no Estado de Alagoas.

NOTA — Essas licções não constituem um ensino scientifico; têm por unico objectivo o desenvolvimento intellectual das

crianças. Devem ser dadas sem preocupação theorica e em linguagem muito clara. Alguns assumptos poderão ser aproveitados para *centro de interesse*, tendo o professor o cuidado de não ir além da capacidade de seus alumnos.

ARITHMETICA

I — Revisão e ampliação dos estudos do anno anterior.

II — Fracções decimaes. Transformação de fracção ordinaria em decimal e vice-versa. Dizimas periodicas: simples e compostas. Geratrizes.

III — Quadrado e cubo. Raiz quadrada e cubica — casos simples.

IV — Systema metrico. Metro quadrado, decimetro quadrado, centimetro quadrado. Avaliação das areas. Metro cubico, decimetro cubico, centimetro cubico. Avaliação dos volumes.

V — Systema antigo de pesos e medidas. A pollegada, o palmo, o covado, a vara, a braça, a legua. A braça quadrada, o quadro de 25 braças ou tarefa, o quadro de 50 braças e o de 100. O alqueire. A quarta (100 grammas), a meia quarta, a libra, a arroba. A cuia, o selamin e o alqueire. A mão, o caimbro.

VI — Numeros complexos. Reducções ascendentes e descendentes. Operações complexas.

VII — Proporções. Grandezas directamente proporcionaes e inversamente proporcionaes. Regras de tres simples. Reducção á unidade.

VIII — Problemas da vida pratica: exercicios com horarios de trem; frequencia media da escola; despesas com transporte de mercadorias ou encomendas em estradas de ferro, via maritima e aerea, considerando o peso ou o volume e a distancia, com tarifa uniforme e com tarifa que se reduz á medida que a distancia augmenta etc. Problemas ainda sobre porte dos correios e taxa do telegrapho.

VIII — Exercicios de logicidade.

GEOMETRIA

I — Revisão de estudo anterior.

II — Traçado do quadrado, hexagono e octogono inscriptos no circulo. Traçado dessas figuras e do pentagono, dado o lado. Desenho de ladrilhos, combinando esses polygonos regulares.

III — Area do circulo.

IV — Os principaes solidos geometricos regulares e irregulares. Modelagem em barro, desses solidos.

V — Avaliação da area dos polygonos irregulares.

VI — Numeros, exercicios de recapitulação, especialmente os de utilidade e applicação na vida agricola.

DESENHO

I — Desenho de imaginação e illustrando conhecimentos adquiridos, reproducção de scenas e interpretação de contos, fabulas. Illustração de lições de linguagem, feita na mesma pagina do caderno da lição.

II — Cópia do natural pela perspectiva de observações. Cópia de objectos e de frutos de formas derivadas da esphera, dos ovoides, ellipsoides, os de formas prismaticas (cubo, parallelepipedo, etc.) e pyramidaes.

III — Composição decorativa. Friezos com disposições alternadas, verticiladas e oppostas com emprego de folhas, flôres simples, frutas, peixes, aves e mammiferos. Desenho de vinhetas e de ornamentos.

IV — Colorir desenhos em silhuetas.

GEOGRAPHIA

I — Recapitulação dos estudos anteriores.

II — Brasil. Divisão administrativa. Estados maritimos e centraes. Portos maritimos e fluviaes. O rio Amazonas, Tocantins, S. Francisco e o da Prata.

III — Estudo physico e politico do Brasil. Costas do Brasil. Principal commercio, industria dos Estados.

IV — America: principaes paises que mantêm relações commerciaes com o Brasil.

V — Estudo physico e politico da America do Sul.

VI — Idéas geraes sobre a Europa, Asia, Africa e Oceania. Países principaes e suas capitaes.

VII — Levantamento do mappa do Brasil e de Alagoas.

VII — Principaes productos de exportação de Alagoas. Agricultura. Industria. Commercio.

VIII — Orçamento da receita e despesa do Estado de Alagoas. Idem, idem do Municipio da séde do Grupo.

IX — Viagens ao interior do Estado de Alagoas, ou de municipios entre si.

X — Viagens a outros Estados do Brasil, a outros países da America, mediante os esboços cartographicos feitos pelo alumno.

NOTA — Ensino simultaneo com *Historia do Brasil*.

HISTORIA DO BRASIL

I — Recapitulação dos estudos anteriores durante o primeiro mês do anno lectivo.

II — Conquista do littoral: o descobrimento; explorações da costa; capitancias hereditarias, destacando a capitania de Pernambuco; governos geraes; a catechese do gentio; expansão colonizadora para o extremo norte.

III — Lutas pelo dominio: Brasil espanhol. Brasil hollandês — Mauricio de Nassau, Henrique Dias, Camarão, Vidal de Negreiros, Fernandes Vieira. Franceses no Rio de Janeiro e no Maranhão. Campanhas hollandesas em territorio alagoano — Porto Calvo, Alagoas, Santa Luzia do Norte e Penedo. D. Maria de Sousa. Calabar.

IV — Conquista do sertão: as bandeiras paulistas. As descobertas de minas de ouro e pedras preciosas — Amador Bueno e Fernão Dias.

V — Brasil reino: D. João VI no Brasil. Abertura dos portos brasileiros á navegação mundial — Cayrú.

VI — Brasil imperio: 1º reinado — D. Pedro I e D. Leopoldina e sua collaboração na independencia nacional. Período regencial: factos notaveis. 2º reinado: D. Pedro II e sua

obra administrativa; factos notaveis.

VII — Brasil Republica: governos e estadistas republicanos.

VIII — Sedições alagoanas: a mudança da capital para Maceió—1839; *Lisos e Cabelludos*—1844.

IX — Investigações e trabalhos praticos mais desenvolvidos.

X — Palestras historicas pelos alumnos com a classe. Homens notaveis de Alagoas: sua vida e suas obras.

NOTA — Somente no 4º anno devem os alumnos usar os compendios adoptados. Abolição completa de pontes dictados para decorações sempre fatigantes e inuteis. O ensino deve ser processado por meio de palestras do professor com os alumnos, acompanhadas de investigações e trabalhos praticos.

MUSICA

I — Recapitulação da materia do 3º anno.

II — Exercicios de respiração e vocalização.

III — Exercicios de solfejo e de escripta musical.

IV — Valores dos sons (semibreve a semicolchêa); pausas correspondentes; ligadura; compassos simples (quaternario e binario); compassos compostos.

V — Estudo da clave de fá. 4ª linha.

VI — Intervallos e sua classificação, intervallos conjunctos e disjunctos ascendentes de 2ª á 10ª, simples e compostos. Melodias desconhecidas em compassos binarios e ternarios. Signaes accessorios (accidentes). Discriminação dos accidentes na clave. Bequadro — explicação do seu apparecimento por meio de melodias conhecidas. Escala — estudo da escala de *dó maior* e *lá menor*. Dictado musical.

VII — Desenvolvimento gradativo da theoria musical.

TRABALHOS MANUAES

I — Revisão do estudo anterior.

II — Modelagem da memoria e do

imaginação e como expressão de outras aulas. Modelagem de corpos de formas geometricas, mencionados no programma de Geometria.

III — Modelagem em barro de contornos simples a baixo e alto relevo por desenhos feitos pelo proprio alumno, com caracter decorativo.

IV — Exercicios de pintura decorativa por chapas preparadas pelo proprio alumno, aproveitando seus esboços previos, procurando applicar

essas decorações em interiores (salas de aula e outras).

PARA MENINAS

I — Corte e confecção de roupas brancas de menina e recém-nascidos.

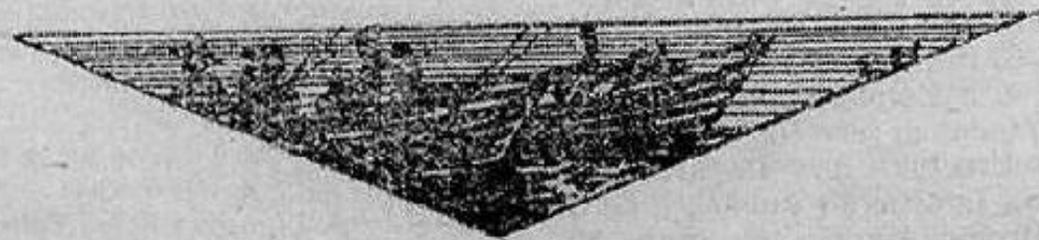
II — Uso da machina de coser.

III — Bordados a machina.

IV — Macramé.

V — Flores.

VI — Chapéos.



DUELLO DE MORTE

Henrique Rochefort, que foi terrivel panphlectario, recebeu um dia uma carta de desafio para duello, escripta num Francês errado que dava agonia. Rochefort publicou-a no seu jornal, fazendo-a acompanhar da seguinte nota:

“Como sou o offendido, tenho o direito de designar a arma: escolho a orthographia: sois um homem morto!”

NOTICIARIO

MERCEDES DANTAS

Enviada ao norte do país, em comissão, pela Federação Nacional das Sociedades de Educação e pela Directoria da Instrução Publica do Districto Federal, para verificar a obra educacional dos Estados, foi hospeda da nossa capital a illustre professora primaria Srta. Mercedes Dantas, que reúne a excepçoes qualidades de educadora, brilhante expressão literaria, como poetisa, como escriptora e como jornalista.

Tendo trazido recommendações officiaes, a distincta itinerante foi recebida pelo nosso confrade prof. Carlos Garrido, uma comissão da Sociedade Alagoana de Educação, e posteriormente pelo Exmo. Sr. Dr. Osorio Gatto, Secretario do Interior.

Visitou a Escola Normal, onde foi apresentada ao Sr. Dr. Miguel Baptista, director do Departamento Geral da Instrução Publica e ao Sr. Dr. Sidronio Augusto de Santa Maria, Vice-Presidente da S. A. E., assim como os 5 Grupos Escolares da Capital e algumas escolas isoladas, inteirando-se do que temos feito em materia de educação e ensino.

D. Mercedes Dantas visitou tambem o Aprendizado Agricola de Satuba, cujas installações muito appreciou e o Grupo Escolar "Oliveira e Silva", em Pilar, tendo assim oportunidade de manifestar-se elogiosamente sobre o esforço dos homens a quem estão confiados os estabelecimentos que fazem honra á nossa intelligencia e ao nosso patriotismo.

Encontrando em plena actividade a Sociedade Alagoana de Educação recentemente fundada, D. Mercedes Dantas tomou parte em algumas sessões daquelle instituto a cujo convite para uma conferencia pedagogica accedeu gentilmente.

A S. A. E. obteve o salão de conferencias do Instituto Historico de Alagoas para a notavel pedagoga reali-

zar a sua conferencia, o que se efectivou perante um auditorio notavel que encheu literalmente o salão e os terraços contiguos da "Casa de Alagoas".

Essa conferencia, sobre *A Escola Activa*, é a que abre o nosso numero actual e encerra um dos mais arduos votos para que o nosso professorado venha a realizar a obra de entusiasmo que se reflectiu da sua palavra calorosa e arrebatadora.

D. Mercedes Dantas é autora de dous livros de chronicas, *Adão e Eva e Nós*, este que a Academia Brasileira de Letras consagrou com uma menção honrosa.

Com a sua volta ao Rio, D. Mercedes Dantas ainda visitará Maceió, onde a esperam as grandes sympathias que deixou entre os nossos professores e homens de letras.

A illustre itinerante vae a Aracajú, via Penedo, com o mesmo objectivo de informar á Federação o movimento pedagogico do vizinho Estado, de onde se passará á capital bahiana. Em Bahia D. Mercedes Dantas foi recebida com muito entusiasmo, não somente porque é filha de lá, como tambem porque encontrou entre o professorado da "boa terra" uma elite da mais pura e mais alta expressão pedagogica.

Chegando ao Rio, apresentará á Federação o seu Relatorio do que viu e ouviu: e das suas palavras, reflexo da vibração e franqueza que lhe são peculiares, estamos certos de que o nosso movimento de renovação pedagogica não sairá menos digno de sympathia e apreço.

—:X:—

IV Conferencia Nacional de Educação

Sob os auspícios do governo de Pernambuco e da Associação Brasileira de Educação, do Rio, reunir-se-á no proximo mês de

setembro, em Recife, a IV Conferencia Nacional de Educação.

O seu objectivo principal é rever e sussitar problemas sobre o ensino normal, no interesse dos Estados em cujas capitães a A. B. E. tenha fundado associações congeneres.

Não ha duvida de que a proxima Conferencia pedagogica de Recife se realize com grande lustro para os conferencistas e para o professorado da vizinha capital, graças aos grandes nomes do seu magisterio primario e secundario, sobretudo graças á reforma da Instrução Publica que o dr. Estacio Coimbra está levando a effeito dentro das modernas acquisições da Escola Activa no Brasil.

A Conferencia abrir-se-á a 7 daquelle mês, dia da Independencia.

Serão membros da Conferencia, conforme as bases respectivas, todas as pessoas idoneas que se interessem pelo ensino e que tenham obtido a sua inscripção mediante pedido escripto á Commissão Executiva antes da abertura dos trabalhos, e mediante o pagamento de uma taxa, ainda não fixada, no acto da inscripção.

As theses deverão ser enviadas até 30 dias antes do inicio da Conferencia, e não terão mais de 10 paginas de almasso, dactylographadas com entre-linha. Nenhuma these deve durar mais de 20 minutos: todas deverão terminar por conclusões destacadas.

Não será objecto de discussão a these que versar assumpto não expresso nos themas seguintes:

I — Como organizar o Ensino Normal para preparo do professorado primario de accordo com as differentes regiões do país?

II — Como preparar o professor rural e como fixá-lo ao meio onde deve actuar?

III — Como organizar o Instituto Superior de Educação destinado ao preparo do professorado para o ensino normal e secundario para as pesquisas pedagogicas?

IV — Como estabelecer a transferencia dos corpos discentes das Es-

colas Normaes e a intervalidade dos diplomas?

V — Deve a didactica das diversas disciplinas ficar a cargo de um professor ou dos professores das respectivas disciplinas?

VI — Qual deve ser a methodologia do vernaculo nas Escolas Normaes Elementares?

VII — Qual deve ser a methodologia do vernaculo do desenho e dos trabalhos manuaes nas Escolas Normaes Elementares?

Esse opportuno inquerito sobre o ensino normal do país virá esclarecer alguns dos problemas conraes da formação da nossa "Classe" professoral, principalmente quanto ao melhor meio de conseguir-se o intercambio das diversas unidades da Republica, endereçadas a uma só inspiração: a educação alphabetica do Brasil, e com ella a nossa riqueza capaz de dar-nos a absoluta hegemonia no hemispherio.

Essa riqueza transbordantê, maravilhosa, mesopotamica, que já era celebrada por Pero Vaz Caminha, não no-la darão por si sós as nossas fabricas e as nossas usinas de tudo: quem no-la ha-de dar é o brasileiro (alagoano, pernambucano, paulista, gaucho...) integralmente educado, aprendido em todas as manifestações fêrazes do nosso solo, de maneira que possa dominar, com uma perfeita capacidade technica, a nossa natureza.

Precisamos de infinitas fabricas e de usinas sem conta, porque esta terra é, como nenhuma outra do mundo, prodigiosa: mas falta-nos alphabetizar 80 % da nossa população, sem o que não poderemos dizer que somos um povo livre.

Gente inculta não sabe trabalhar, e nada produzirá que pague o esforço do seu trabalho.

Ximane, prototypo do nosso matuto, um dos heróes d'A *Bagaceira* de José Americo de Almeida, não é preguiçoso: é apenas analphabeto, e não tem consciencia dos thesouros que estão sob o chão onde se acocóra.

Thesouros enterrados? botijas? Não, de certo. Esses thesouros são os frutos da terra que elle não sabe cultivar.

Esses thesouros, isto é, esses frutos, não sabe elle a quem possa vender; e, uma vez que ignora, não os explora nem os industrializa.

O cyclo da ignorancia de Ximane é uma epopéa dolorosa. Tem-se ido com ella, principalmente, a grandeza do nordeste, visto que o sul substituiu o atraso mental do incola pela capacidade instruida do colono europeu — que sabe ler e escrever, dá valor ao seu proprio valor.

Falta a Ximane a cultura da intelligencia, com a qual despertará a consciencia da sua personalidade, o apreço que deve dar a si proprio, a estima da terra onde nasceu e vive, e de cujo seio tirará agora, capaz e forte de espirito, os melos de "crescer, criar, subir", como dizia o poeta.

Essa obra ingente e singularissima, que corresponde ao verdadeiro descobrimento da patria, está nas mãos do Professor.

Do Professor Primario sobretudo, que é o heroe desconhecido dessa batalha incruenta contra o analfabetismo que nos corróe, que nos atrasa, que nos avilta.

Bem haja, pois, a Associação Brasileira de Educação e o actual governo de Pernambuco, com os seus illustres Professores, que vão levar a effeito esse certame — que auspiciamos bem-aventurado.

52.

—: X:—

Curso de Aperfeiçoamento para Professores

Realizando a sua finalidade, a S. A. E., em sessão ordinaria de 27 de abril, apre-

sentou as seguintes bases de um possível decreto com que o nosso preclaro governador, assistido de uma mocidade tão entusiastica quanto solicita em assumptos de Instrucção, como é a do seu jovem Secretario do Interior, salvaria de uma verdadeira e injusta compulsoria o nosso Professorado.

Essa eloquente exposição de motivos havia passado previamente sob as vistas dos drs. Adalberto Marroquim e Sidronio A. de Santa Maria, Presidente e Vice-Presidente da S. A. E. e conhecedores das necessidades urgentes dessa medida, afim de que ambos dessem suggestões que orientassem a viabilidade e a execução da providencia solicitada. Esclarecidos por ambos alguns pontos em que era de mister maior estudo, foi o projecto do Curso de Aperfeiçoamento mandado imprimir para conhecimento dos interessados, sujeito ainda a outros modificativos benemeritos a que poderá ser submettido quando voltar ao plenario definitivo da S. A. E.:

“O actual Regulamento da Instrucção Publica — Decreto n. 1140, de 19 de setembro de 1925 — determinou precisamente a categoria de escola e os meios necessarios á promoção do respectivo professor.

Esse decreto encontrou, exercendo suas funções na Capital, diversos professores effectivos de 1ª e 2ª entrancias, com o direito de serem promovidos ás entrancias immediatamente superiores, dependentemente do estagio de dois annos nas localidades do interior do Estado, designadas para a 1ª e 2ª entrancias. Não ha duvida que essa exigencia teve a inspiração de estabelecer um mesmo nivel juridico na classe professoral.

Aos professores que servissem na Capital, não seria conveniente o seu regresso ao centro do Estado, como tambem não seria da vantagem privar as escolas da Capital, providas por esses dedicados professores, do seu esforço intelligente.

A observancia, porém, da exigencia do actual Regulamento, fazia estacionar, portanto, nessas entrancias, esses distinctos elementos do magisterio primario. Dada essa situação de permanencia na classe em que o encontrou o actual Regulamento, grande parte do professorado da Capital, attingido por

essa exigencia, ficou sem estímulo e sem aspirações.

Uma das forças mais fecundas das grandes realizações humanas ou políticas é a *sympathia*, de que o estímulo é a formula e a tradução concreta.

A *sympathia* presuppõe solidariedade, coesão de almas e vontades decisivas, no sentido de uma obra *commum*.

O estímulo participa dessa comunidade de vistas, da mesma concordancia espiritual, da mesma colaboração pragmática em que se empenham sem se confundirem governantes e governados.

O exercicio mecânico de qualquer emprego degrada a quem o serve e torna esteril e contraproducente a sua função e a sua finalidade.

O espirito fatalista é dissolvente da capacidade criadora. Esta é reflexo de circunstancias ambientes, fruto da emulação a que Tarde concedeu figura de lei; não é manifestação pathologica, de uma natureza inane, a que não é mister acudir com a mesma therapeutica das solicitações vasculares. Incumbe aquelles que têm a responsabilidade dos serviços publicos estudar o meio de torna-los uteis e de dar-lhes rendimento, afim de que possam desdobrar-se, e melhorar sempre com a propria força de propulsão que adquiriram.

Ha ainda que ponderar ter esse professorado, na sua maioria o seu *curso normal* feito ha mais de dez annos, e, por falta mesmo de estímulo e de entusiasmo, haver ficado adstricto ao espirito de sua época, não tendo tido azo para evolver intellectualmente.

Esse estímulo e esse entusiasmo, por maior que seja a tendencia do professor para o alto exercicio de suas funções, não podem ser tomados de modo absoluto. Esse professorado precisa ser despertado com a lembrança de melhoria de vencimentos ou de outras quaesquer vantagens.

Por maior que seja um corpo de professores, não são todos revelado-

res de grande capacidade. Em toda classe e em toda parte, observa-se a formação das *élites*.

O menor numero dos intelligentes e capazes sempre dirigiu a maioria, feita mais para obedecer do que para mandar. Ainda quando parece vencer, e dirigir, o maior numero, está obedecendo á influencia subtil de algum animo superior que lhe dá a illusão da victoria brutal.

O prestigio e a força das multidões estão sempre numa palavra ou num gesto singular que communique á alma compacta a electricidade immanente. O maior numero não tem personalidade. O povo não tem alma propria, nem por isso, intelligencia e espirito de conducta. O mesmo povo romano que tripudiava sobre o cadaver ainda quente de Cesar no senado, invectivando-lhe a tyrannia, logo passou a carpi-lo como cidadão necessario, porque era forte e intrepido segundo o elogio inflamado de Marco Antonio.

A "Sociedade Alagoana de Educação" constitue-se propugnadora dessa elite que é necessario formar-se entre o nosso professorado.

Desde o decreto n. 601 de 11 de novembro de 1912 que são previstas faltas de elemento masculino para o professorado primario e até hoje, essa disposição ainda não produziu os effeitos desejados. Para facilitar e attrair a entrada desse elemento no magisterio os regulamentos têm offerecido vantagens; porém, nem mesmo assim, essas vantagens seduziram candidatos de merecimento, em numero sufficiente e proporcional ás necessidades do ensino publico, por falta de possibilidades de melhor futuro. Esse desanimo seria combatido, se a propria lei contivesse um dispositivo, orientador e animador ao mesmo tempo, tal como a concessão de uma licença de sessenta dias, em cada anno, com vencimentos integraes, ao professor que quisesse matricular-se em qualquer Escola Superior do Pais. Essa pretensão, está visto, só poderia ter o professor que houvesse feito o curso se-

riando do Lyceu Alagoano, ou de estabelecimento a elle equiparado.

Tomados em consideração a estabilidade do professor aqui na Capital na entrancia em que estava quando entrou em vigor o Decreto n. 1140 de 19 de setembro de 1925; o desanimo desse professorado impossibilitado de promoção; a sua falta de entusiasmo e portanto, a sua distancia das idéas mais modernas no dominio da pedagogia; a necessidade da formação de uma elite do professorado alagoano; a formação technica de candidatos masculinos que tenham o curso de humanidades e ao mesmo tempo uma orientação e promessa para obtenção de um futuro melhor, e a formação technica de inspectores escolares: é que a S. A. E. propõe a criação do Curso de Aperfeiçoamento para Professores, estudadas todas as condições para refazer o espirito, criar o entusiasmo, augmentar os bons elementos do magisterio patrio e formar uma elite que seja verdadeiramente o expoente da nossa mentalidade.

Art. 1º. — Fica criado o Curso de Aperfeiçoamento para Professores, annexo á Escola Normal, como complemento aos estudos pedagogicos.

Art. 2º. — Esse Curso será feito nos dois annos seguintes:

1º. ANNO

1 Philologia Portuguesa	} 4 lições semanaes. Uma lição semanal.
2 Pedagogia	
3 Zoologia (anatomia e physiologia humanas)	
4 Methodologia	
5 Psychologia	

2º. ANNO

1 Philologia e Literatura Brasileira	} 4 lições semanaes. Uma lição semanal.
2 Hygiene (geral e escolar)	
3 Pedologia	
4 Sociologia	
5 Direito Publico e Privado	

Art. 3º. — As primeiras matriculas serão abertas na secretaria da Es-

cola Normal, de 15 a 25 de abril, do corrente anno, e em igual data de 1931, somente para as do 2º anno.

§ 1º. E' facultativa a matricula, sendo feita no 1º anno mediante um requerimento ao Director do Departamento Geral da Instrução Publica, provando o candidato a qualidade de professor na Capital e a entrancia a que pertence; e no 2º anno, juntando ao requerimento certificado de aproveitamento nos estudos do 1º anno.

§ 2º. Afim de supprir a deficiencia do pessoal masculino no professorado primario, é excepcionalmente concedida a matricula no 1º anno a dez candidatos que tenham certificados de exame do curso seriado do Lyceu Alagoano ou o diploma de bacharel da Academia de Sciencias Commercias de Alagoas, ou de outros estabelecimentos a elles equiparados, e que juntem ao requerimento attestado de sanidade, certidão de idade maior de 16 annos e attestado de conducta.

§ 3º. E' tambem permittida a matricula a inspectores escolares, com exercicio na Capital.

§ 4º. Esse curso será feito sem prejuizo das funções escolares que tiver cada matriculado, e terá o limite maximo de cincoenta candidatos; mas se não attingir esse numero, o Di-

rector do Departamento Geral da Instrução Publica, julgando conve-

niente, concederá direito á matricula a professores com exercicio no interior do Estado, que a requererem, e nesse caso, ficam esses professores addidos aos Grupos da Capital, durante o tempo do funcionamento das aulas, sem prejuizo de seus vencimentos.

Art. 4º. — Todos os cursistas approvados no 1º anno serão immediatamente nomeados professores effectivos de 2ª entrancia, da Capital; e os approvados no 2º anno, serão nomeados de 3ª entrancia sem prejuizo de qualquer commissão que estejam exercendo.

§ unico. Os professores de 2ª entrancia com o Curso de Aperfeiçoamento (1º anno) vencerão 3:000\$000 por anno; os de 3ª vencerão..... 3:600\$000.

Art. 5º. — Os sete cursistas que obtiverem melhores notas nesses dois annos de estudos terão direito a uma licença de 4 meses, com os vencimentos integraes da função que estiverem exercendo nessa occasião, e passagem de 1ª classe, ida e volta, por conta do Governo, para qualquer ponto do Pais, onde queiram fazer um estagio de investigações pedagogicas, apresentando ao regressarem dessa excursão, um relatorio circunstanciado ao Director do Departamento Geral da Instrução Publica a respeito das observações feitas.

Art. 6º. — Para effeito de matricula e frequencia em Escolas Superiores do Pais os professores que tiverem o Curso de Aperfeiçoamento terão direito, annualmente, a sessenta dias de licença, de uma só vez ou interpollados, com os vencimentos integraes.

Art. 7º. — As despesas do Curso de Aperfeiçoamento para Professores, serão feitas pelo Caixa Escolar, mediante o extracto do ponto.

§ 1º. Esse Curso, funcionará de 18 horas e 40 minutos até 19 horas e 15 minutos, nas 2as., 3as., 5as. e 6as., de cada semana, no predio da Escola Normal.

§ 2º. Os lentes serão indicados pelo Director do Departamento Geral da

Instrução Publica, ao Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior, que os nomeará e os destituirá, quando derem tres faltas seguidas sem justificacão, ou quando julgar conveniente á boa marcha dos trabalhos.

§ 3º. Os lentes desse Curso perceberão a gratificacão de dez mil réis por aula que derem e serão escolhidos dentre os professores primarios, secundarios ou estranhos ao magisterio publico, porém, que sejam pessoas de notavel saber.

§ 4º. O Director do Departamento Geral da Instrução Publica, tambem Director deste Curso, perceberá a gratificacão de cem mil réis mensaes, e designará um dos funcionarios da Secretaria da Instrução Publica para servir como porteiro-escriptuario, com a gratificacão mensal de cincoenta mil réis.

§ 5º. Essas gratificacões só serão pagas de 1º de maio, dia do inicio desse Curso, a 10 de novembro, dia em que termina todo o expediente do anno lectivo, inclusive os exames finaes.

Art. 8º. — Aos cursistas são applicaveis todas as demais disposições do Curso Normal.

Art. 9º. — Nos casos omissos o Director decidirá como julgar mais acertado, recursando do seu acto para o Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior.

Art. 10º. — Revogam-se as disposições em contrario."

Como se viu, esse Curso devia ter começado, caso tivesse logrado immediato andamento, em abril do corrente anno.

Levado á apreciacão da Directoria da S. A. E. em dezembro de 1920, pareceu viavel aos seus inspiradores iniciarem-se logo os seus trabalhos: daí a fixacão das datas da matricula etc.

Não é, todavia, uma demora que deixe perder ao distincto professorado conterraneo as esperanças de melhorar de sorte, quer espirital, quer materialmente.

Os homens a quem foram dados os destinos da S. A. E. e o actual Dire-

ctor do Departamento Geral da Instrução Publica são espiritos de elevados sentimentos, e do patriotismo delles, forrado de uma generosa sympathia para com os trabalhadores excepcionaes da grandeza da nossa terra, muito têm que esperar os senhores e senhoras professoras em boa hora arregimentados sob a bandeira da Sociedade Alagoana de Educação.

—:X:—

Passes de bonde Es-
colares

Em plena actividade, a Sociedade Alagoana de Educação vae conquistando inequivocas sympathias entre os nossos professores, cujos interesses, ao lado dos interesses precipuos dos escolares, se propôs defender.

Na qualidade de propugnadora de assumptos que digam respeito á nossa Educação e ensino, aos mestres e alumnos, a S. A. E. tem ainda uma finalidade mais alta, que é a de interessar os paes de alumnos e amigos da Instrução nos trabalhos da Escola, afim de que cerquem o Professor de maiores considerações, no sentido de dar-se o necessario prestigio á obra incomparavel de abnegação e de patriotismo que é o professorato.

A exemplo do que têm obtido associações congeneres no Rio, em S. Paulo, em Recife, a S. A. E. entendeu de tratar de passes livres para os Professores e Alumnos dos estabelecimentos officiaes e para os profissionaes das casas de ensino a ella filiadas.

Preliminarmente, quis obter apenas uma redução de 50 % nas passagens dos bondes, e para isso dirigiu ao Exmo. Sr. Dr. Ernandi Basto, illustre Prefeito da Capital e figura prestigiosa entre nós, a seguinte carta:

“Maceió, 20—3—30. — Exmo. Sr. Dr. Ernandi Teixeira Basto, M. D. Prefeito da Capital. — Na nossa ultima reunião ordinaria, foi resolvido que esta Sociedade, para sua maior efficiencia, indo ao encontro

da classe cujos interesses propugna, se entendesse com o Governo da Cidade no sentido de conseguir da Companhia de Força e Luz de Maceió sejam cobradas aos Professores e Alumnos dos estabelecimentos officiaes ou dos Institutos a ella filiados as passagens de bonde com 50 % de abatimento.

Tratando-se de uma população escolar relativamente pobre, como a nossa, e carecente, por isso mesmo, de estímulos para que a sua desanalphabetização e elevação espiritual não encontrem embaraços, julgamos que V. Excia., espirito empreendedor e a quem o nosso Municipio deve já grandes reformas de ordem material e moral, não nos negue o seu decisivo apoio neste desiderato tão justo quanto expressivo dos patrióticos movimentos desta Sociedade.

Permitta-nos V. Excia., sem que isso possa parecer-lhe insinuação, que alleguemos em defesa do nosso generoso objectivo que essa conquista, em S. Paulo e noutros centros de cultura intensiva, tem provado muito bem junto aos seus beneficiados, dando-lhes uma consideração a que têm direito na sociedade cujo nivel moral procuram elevar nobremente.

Não é a primeira vez que este assumpto é ventilado na nossa capital.

Mas, V. Excia. á frente da nossa Edilidade, poderá agora dar plena realização a esse objectivo, para maior prestigio do bom nome alagoano.

Para irmos logo directamente á sua objectivação, tomamos a liberdade de suggerir o meio pratico de estabelecer a identidade dos Professores e Alumnos beneficiarios desta iniciativa:

a) Os Professores apresentarão aos Conductores de bonde cartão de socio desta Sociedade com o proprio retrato e assignatura do nosso Presidente e do Gerente ou Director da Companhia.

b) Os Alumnos apresentarão aos Conductores de bonde o cartão de matricula nas mesmas condições.

V. Excia., porém, poderá suggerir outro expediente que julgar mais pratico.

Certos de que seremos attendidos, subscrevemo-nos amigos e admiradores de V. Excia., a quem apresentamos os nossos votos cordiaes de Paz e Prosperidade. — *Adalberto Marroquim*, Presidente. *Auryno Maciel*, 1º Secretario.”

Como a Companhia Força e Luz de Maceió nada tivesse dito até então, a S. A. E. tomou o alvitre de escrever directamente aos directores da mesma, encarecendo esse pedido, cuja satisfação só provaria em favor dos distinctos industriaes. Não sabemos que idéa sussitou aos directores da Companhia a nossa lembrança; porém, como os gestos liberaes, quando não espontaneos, custam algum heroismo, foi para essa forma da distincção pessoal dos dignos capitalistas que a S. A. E., sabendo que o seu assumpto já uma vez, por outras vozes, foi posto de lado e esquecido, apellou agora, na esperança de ver realizado esse desiderato, endereçando-lhes a seguinte e eloquente carta:

“Maceió, 27—4—30. — Illmos. Srs. Directores da Companhia Força e Luz de Maceió. — Presente. — Temos o prazer de vir á presença de VV. SS. com o fim especial de trazer-lhes a copia da carta que dirigimos em 20 de março pp. ao Sr. Prefeito da Capital, relativamente á consecução de 50 % nas passagens de bonde dessa Companhia para os Professores e Alumnos dos estabelecimentos officiaes de ensino ou filiados a esta Sociedade.

Tomamos, assim, a liberdade de, reavivando a VV. SS. a lembrança do pedido, dar-lhes alguns esclarecimentos que possam melhor orientá-los no alcance patriótico da nossa iniciativa, sem attentar demasiadamente contra os interesses dessa Companhia.

Compreenderão facilmente VV. SS. que o nosso objectivo não é apenas fazer o nosso professorado da capital economizar alguns nickéis com a

reducção que pleiteamos nas passagens de bonde.

Pretendemos, por esse meio, no intuito de criar no nosso magisterio uma indispensavel *élite*, prestigiar o Professor, cercando-o de considerações que lhe dêem a convicção de que vale alguma cousa.

Porque, na verdade, entre nós, o Professor, sobrecarregado de tão austeros quanto arduos deveres, não se distingue dos outros trabalhadores, sobre quem é costume dizer-se que assentam as bases da sociedade.

Entretanto, faz-se-lhe grave injustiça, com essa indiferença que se lhe vota, aberrante de todas as formas do humanitarismo de classe.

Entre nós a classe desamparada, por excellencia, é a dos Professores. Primarios ou secundarios, os nossos Professores são puros locadores de serviço, divididos paradoxalmente em duas legiões: a dos que não têm outra cousa que fazer e encalharam no professorato, como no ultimo rochedo da vida, e a dos que fazem do magisterio simples adminiculo das suas actividades praticas.

E' para os primeiros, verdadeiros heroes da nossa terra do futuro, que a Sociedade Alagoana de Educação intenta obter esse beneficio, a exemplo do que fazem outras cidades de civilização typica no nosso pais. Todavia, nós não queremos distinguir uns dos outros: todos pertencem a mesma familia predestinada, e para todos pleiteamos essa medida de sympathia, de cordialidade, de deferencia, na esperança de que vindes ajudar-nos a dar-lhes esse entusiasmo e essa illuminada paixão que requerem todas as instituições consagradas. Todos concorrem com o seu maior ou menor contingente de sacrificio, de devotamento, ou de boa fé ou de boa vontade para a obra sem par de formar os cidadãos perfeitos — illustres, fortes e bons — de que a Patria carece.

Os nossos Professores, que vivem exclusivamente do seu officio, são por natureza, enteados da fortuna; e, como é da moral utilitaria que “se muito tens, muito vales”, elles vi-

vem, no seu circulo de actividade, quase inteiramente á margem da vida.

Os proprios paes de familia, cujos filhos elles guiam para os triumphos e para as maiores facilidades da luta pela existencia, não são geralmente seus amigos.

Desta sorte, é de mistér que a esses servidores admiraveis da Patria, artifices abnegados da alma juvenil, demos a entender que o seu incomparavel esforço não é considerado menos benemerito. E assim essa excepcional gentileza da parte de VV. SS. deve contribuir para que elles intensifiquem a sua actuação em prol da confiança que devem inspirar e da solicitude com que são tratados a educação e o ensino entre nós.

Muitos dos nossos Professores não se utilizam dos bondes para as suas viagens de expediente escolar, porque só um ou outro, Professor ou Professora, reside em bairros mais afastados do seu Grupo ou Escola. E se, com o abatimento de 50 %, quisessem abusar dessa prerogativa, a sua ingenuidade só lhes acarretaria prejuizo, porque teriam de pagar insensivelmente em numero de viagens o

que talvez nem economizassem em virtude da redução.

Quanto aos alumnos, esse beneficio aproveitaria quase exclusivamente a alguns discentes da Escola Normal e do Lyceu, visto que a nossa população escolar primaria, graças á orientação do Departamento Geral da Instrucção Publica, não vêm de um bairro procurar o Grupo ou Escola de outro bairro, por isso que a criação de Escolas Reunidas e de Grupos exactamente em nucleos de população escolar mais densos tem sido a preocupação vigilante do Governo, afim de evitar o afrouxamento do "espírito local" que é um dos grandes problemas da pedagogia moderna.

Com essas razões, Srs. Directores, esperamos que aproveitareis a oportunidade que vos ensejamos para mais uma vez apparecerdes ante a communhão patricia com o mesmo prestigio e a mesma longanimidade que tendes demonstrado noutros momentos em que têm sido invocadas as liberalidades de vosso patriotismo.

Apresento-vos os meus protestos de Paz e Prosperidade. — *Auryno Maciel*, 1º secretario."



MAPPA COMPARATIVO DA MATRICULA E FREQUENCIA MEDIA DAS
ESCOLAS ISOLADAS E GRUPOS ESCOLARES EM 1928 E 1929

1928

CLASSIFICAÇÃO	Numeros de escolas			Numero de alunos matricula- dos	Frequencia media	Observações
	Urbanas	Rurales	Total			
Escolas Isoladas	185	152	337	24.759	18.647	
Grupos Escolares		9	9	1.960	1.491	
Total Geral	185	161	346	26.719	20.138	

1929

CLASSIFICAÇÃO	Numeros de escolas			Numero de alunos matricula- dos	Frequencia media	Observações
	Urbanas	Rurales	Total			
Escolas Isoladas	225	107	332	25.593	18.685	
Grupos Escolares		10	10	2.419	1.849	
Total Geral	225	117	342	28.012	20.534	

Reproduzidos do n. 19 por terem saído truncados.



Estatística das Escolas Particulares e Municipaes existentes no interior de Alagoas

MUNICIPIOS	Natureza do Ensino	Numero de escolas			Numero de professores			N. de alumnos matriculados			Frequencia media			Alumnos que concluíram o curso			
		Para o sexo feminino	Para o sexo masculino	Mixtas	Total	Masculinos	Femininos	Total	Masculinos	Femininos	Total	Masculinos	Femininos	Total			
Alagoas	Primario	1		2	3	2	59	18	77	43	12	55				Não ha ensino particular	
Agua Branca	"	1	1	1	2	1	35	8	43	24	5	29				Não ha ensino particular	
Anadia	"	1	1		2	1	11	17	28	8	14	22				Não ha ensino particular	
Arapitaca	"		1		1											Não ha ensino particular	
Atalaia	"			2	3	1	41	18	59	32	14	46				Não ha ensino particular	
Bello Monte	"	1			1		29	6	35	23	4	27	8			Não ha ensino particular	
Camaraçibe	"			1	1		15	30	45	12	15	27				Não ha ensino particular	
Capella	"			2	3	2	41	18	59	32	14	46				Não ha ensino particular	
Coruripe	"			1	1		29	6	35	23	4	27				Não ha ensino particular	
Ireja Nova	"			1	1		15	30	45	12	15	27				Não ha ensino particular	
Junqueiro	"	2	2	1	5	2	84	85	169	72	47	119				Não ha ensino particular	
Leopoldina	"			1	2	2	25	16	41	15	12	27				Não ha ensino particular	
Limoeiro	"			2	2	2	114	96	209	30	29	59				Não ha ensino particular	
Margogoy	"	1	1	4	6	1	25	16	41	15	12	27				Não ha ensino particular	
Mata Grande	"			1	1		114	96	209	30	29	59				Não ha ensino particular	
Muricy	"			7	8	4	225	115	340	111	103	214	5	7	12	Não ha ensino particular	
Pão de Assucar	"	1	1	3	5	10	308	206	514	226	130	356				Não ha ensino particular	
Piasebussú	Primario e Secundario	4	1	3	8	15	25	26	38	64	21	35	5	5	8	Não ha ensino particular	
Pilar	Primario	3		1	4	1	207	103	310	149	68	217	3			Não ha ensino particular	
Piranhas	"	1		2	3	1	64	72	136	31	34	65				Não ha ensino particular	
Palmeira dos Indios	"		1	2	3	2	23	23	46	15	18	33				Não ha ensino particular	
Porto Calvo	"			2	2	2	38	54	92	23	40	63				Não ha ensino particular	
Porto Real do Collegio	"			3	3	3	47	54	101	25	34	59				Não ha ensino particular	
Quebrangulo	"			3	3	3	83	75	158	55	46	101				Não ha ensino particular	
Sant'Anna do Ipanema	"			3	3	3	68	46	114	54	32	86				Não ha ensino particular	
S. Braz da Lage	"			3	3	3	21	12	33	6	7	13				Não ha ensino particular	
S. Luzia do Norte	"			1	1	1	9	9	18	6	6	12				Não ha ensino particular	
S. Luiz do Quintode	"	5	7	1	13	4	295	319	614	245	265	510	230	240	470	Não ha ensino particular	
S. Miguel de Campos	"	1	1	3	5	2	35	19	54	28	17	45				Não ha ensino particular	
Traipá	"	1	1	3	5	2	75	80	155	58	65	123				Não ha ensino particular	
Vigosa	"	1	1	2	4	3	126	103	229	96	81	177				Não ha ensino particular	
Totaes.....		23	15	57	95	44	1102	661	2040	612	452	1064	246	253	499		

Cerquinho Nunes

ADVOGADO

Accepta causas civeis e criminaes na capital e no interior

Arrega-se de recebimentos de professores e funcionarios p

==== cos do interior do Estado ====

ESCRITORIO :

Rua do Livramento n. 15

==== **MACEIÓ** ====

BIBLIOTHECA DOS PROFESSORES ALAGOANOS

**ANTHOLOGIA DE PROSADORES E
POETAS DE ALAGOAS**

**Anotações biographicas de LUIS
CERQUEIRA**

**e grammaticaes de AURYNO
MACIEL**

BREVEMENTE

Edição da REVISTA DE ENSINO

Anno IV

MARÇO-ABRIL DE 1930

Num. 20

Revista

-- DE --

Ensino

Orgão Oficial

DO DEPARTAMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DE ALAGOAS
E DA SOCIEDADE ALAGOANA DE EDUCAÇÃO



MACEIÓ

Estado de Alagoas

BRASIL